

ABRAVEIA
9
(A)
1
3
30

AGRAVEIA

30 x 20

OBRAS
ESPIRITUAES
POSTHUMAS

do Veneravel Padre.
Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,
Misionario Apostolico, da Ordem do
Seraphico Padre Sam Francisco,
da Provincia dos Algarves.

Dedicado ao SENHOR.

JOAM DE SAA PEREYRA
DE MELLO.



João de Sá
de Moraes
Joseph

EM COIMBRA: *Com as licenças necessarias,*
Na Officina de JOSEPH FERREYRA
Impressor da Universidade, & do S. Of-
ficio, Anno 1700.

ORRAS
ESPIRITUAES

POSTHUMAS

do Veneravel Padre
FRANCOIS D'ASCHAGAS
Miguelino Apostolico da Ordem do
Sacerdote Padre Saint Francis
da Provincia dos Algarves.

Dedicado ao SENHOR

JOAM DE SA PEREYRA
DE MELLO.



508-A



AO SENHOR
JOAM DE SAA PEREYRA
DE MELLO

Fidalgo da cazà de Sua Magestade, Cava-
leiro professo da Ordem de Christo
Comendador de Setuval, & Pro-
vedor do Hospital de S. La-
zaro em Coimbra.

DEDICATORIA.



*Intitulase estas obras Epirituaes
Posthumas, porq̃ sabirão a lux
quando seu Author, o Venervel P.
Fr. Antonio das Chagas tinha tro-
cado a lux da terra pella do Ceo,
aonde piamente cremos esta logrã-
do da Vista de Deos. E como estas obras são fru-
tos de seu grãde Espirito, vendo eu que no melhor
do tempo lhe faltou a voz, que os animava, temo
lhe falte o sequito, que com tanto proveito das Al-
mas os aplaude o Ceo, os admira a terra. que sem-
pre podecerão desmayos entre os mortaes os dicta-*

mes Evangelicos. Nesta consideração querendo
resucitar das mortas cinzas do esquecimento as
vivas luzes da Lembrança esta Somana Spiritu-
al para todos os dias da devoção, & para todos
os annos sem fim de hũa Bemaventurança con-
templativa. Estas Faiscas do Amor Divino em
que a Alma Viadora renaca qual outra Fenix
aos legros da milhor vida. Estas vozes do Ceo pa-
ra que despertem os Coraçoes humanos, que es-
quecidos vivem do summo Bem. Estes tremores
da terra para que o que não obrar o Ceo com suas
Vozes, obre a terra com seus byntos, & entenda
o mundo se empenha neste livro o Ceo, & a terra
em persuadir ao homem o caminho de sua salva-
ção, querendo pois resucitar em novo prelo estas
Faiscas Vozes, & Tremores, se me opposerão ao
intêio duas notaveis cõtrarieidades; a primeira ser
esta empresa minha & não ter lugar entre os poli-
ticos do Mundo o parecer de homem pobre: a se-
gunda ser esta obra Espiritual encontrada aos q̃
so querem dar pasto ao engenho; mas nesta des-
confiança o Ceo ao que parece por suas vozes me
influo não deixasse a pertençaõ, lembrandome as
grandes obrigaçoens que a V. m. devo, que sendo
muitas pera me obrigarẽ ao aggradei neto, & são
moitvo para me facilitarem a pedir queira V. m.
por ser uico de Deos ser o Mecenas destas obras, q̃
a V. m. offeresce meu carinhoso obsequio, não tão
como despertador da Virtude, de que V. m. não tẽ
necessidade, quanto por testemunha de hũa vor-
tade

idade affectuosa, que hã muitos annos a V. m. vi ve
obrigada. Sem duvida he do Ceo esta eleição, nã
haverã quẽ possa estranhar ser V. m. entre os mais
o perferido, que em V. m. concorrem tantas seme-
lhanças com o livro; he este hũ compendio de vir-
tudes Mortas, que de todas ao vivo se recopilaõ
em V. m. Digao o Mundo que em V. m. nãõ admi-
ra, porque nãõ he de admirar, mas enveja a Mo-
destia, & Urbanidade Catholica, dom que estre-
madamente se singularisa entre todos os Fidalgos,
& por nãõ offender genio tão especial dimisto ca-
sos de muita edificação, em q̃ V. m. mostra serõ to-
das as Semanas da idade annos de Epirito.

Contem o Livro Faiscas do Amor Divino, &
espero eu em o Senhor, que sendo V. m. o emparo
destas Faiscas, se ascenderãõ melhor nos corações
daquelles q̃ virem em V. m. hum treslado de tantos
affectos do Divino Amor, & se estes se acreditaõ,
& se conhecẽ pelo exercicio da Piedade, & amor
do proximo, toda a pobreza desta Cidade publi-
cater em V. m. Pay a sua indigencia, a Mife-
ricordia stimulo para sua obrigaçam. Mas
je he gloria dos Pays retratarense em filbos tão
prendados, que gloria poderaõ ser os Antecesso-
res de V. m. quando virem que deixarãõ na ter-
ra tantas Virtudes Pedras Preciosas com que
se acredita o illustre de seu sangue. Treze Pro-
vedores se contãõ na Misericordia de Coimbra
Antecessores de V. m. desde o Anno de 1510.
Sẽdo o Primeiro Provedor della o Sñor. Ioaõ de Sá

terceiro Avò de V.m. grande gloria ser o primeiro, muitos destes Senhores forão Proveedores perpetuos porque a Piedade com que se haviam com os pobres, era perpetua: em V.m. be, & sera eterna para que em todo o tempo se diga não degenera de tam boa arvore tão excellent e fructo.

Vox he o grande nome de IOAM: ego Vox, & voz que clama: vox clamantis. Clamando no principio destas Obras o nome de V.m. despertara a devaçãõ, & farà a Armonia da terra consonancia com a do Ceo, & não podera resistir o coração do que tapa os ouvidos a voz de Deos: Obturantisaures suas: Ouvindo na terra huma voz tão sonora que he de Divino incanto: Vox incantantis sapienter, por ser na conversaçãõ suave, no propro intelligente, no resolver grave, & no presadit humilde. Com estas qualidades de voz tão engraçada nam deixará de tremor a terra do homem terra, & quando não seja de arrependido, sera de confuzo vendo que he V.m. com tantos divertimentos dísticos o despertador da sua obrigacãm, na voz, & no exemplo. E se tudo isto me promete o felix augurio de tam grande Mecenas não tenho que recear o meu empenho, que todo se decifra em relatar do meu coração a este papel o nome de V.m. & quando o tempo consumidor de todas as cousas. tempus edax rerum: apague com este papel tam grande nome, sempre nos Monumentos do

do meu affecto respirar à alento immortaes pera
gloria minha. Deos guarde a Pessoa de V.m. por
largos & felizes annos. Coimbra, 8 de Julho
27.º de 1700.

De V. m.
Servo muito obrigado
Jozeph Antunes.



PROLOGO.

FOy estilo muito observado dos Antigos, aos Varoens Illustres, que lhes roubava a morte, levantar lhes Estatuas, eternizando suas memorias, para que como em sumptuoso throno ficassem nas azas da Fama renascidos Phenizes das pyras de seu amor mais immortais; despertando com a presença destas imagens aos vindouros, que segundo o exemplo de seus prototypos, tresladassem muito ao vivo em sy mesmos o Exemplar, que lhes propunha o affecto dos que os retratavam. Bem o testemunhão os Athenienses, no obsequio com que ao seu Demetrio levantaraõ em candidos laspes trezentas, & sessenta Estatuas, repetindo nas figuras o exemplar para a imitaçam; os Lacedemonios com Pausanias, cuja imagem collocaram publicamente em duros Marmores; os Sicilianos cõ Opião, de quẽ delinearam multiplicadas copias em incorruptos Bronzes restituindo vivos à lembrança dos que

os veneravão, aquelles Heroes, que lamẽ
tavão defuntos.

Seguindo pois (devoto Leytor) este
tam digno estylo, como piadosa venera-
ção dos Sabios, julgei acertado offerecer-
te (por Cópia do Varão Apostolico, &
insigne Mellre de Elpirito Frey Antonio
das Chagas, cujas memorias residem ain-
da vivas para o sentimento) este breve
Volume, que a penas de seus escritos pude
colher, tam digno pella materia que trata,
como pelo Author que a compoz, onde
vejas tresladado seu Espirito neste Com-
pendio, & admires, como ainda vivo, a-
quelle zello, com que sempre te exortou,
qual o Espirito, nam digo de hum Elias, q̃
a hum só Elizeu se communicou, mas de
hũ Moyses, de quem Deos Senhor Nosso
repartio com muitos, aquem o deu: *Aufu-
ram de spiritu suo, tradamque eis;* porq̃ o
ardẽte affecto; cõ q̃ amava seu Senhor, não
se exhauriu na cõmunição de muitos, fi-
cando mais vigoroso, quanto mais com-
municado.

Nam de outra sorte, deste Servo de
Deos

Deoso Espirito, então mais se augmenta nestes ardores do Divino Amor, quando o seu desvello melhor se communica; por isso se divide este Volume em quatro Tratados, para q̄ servindote de despertadores à Alma, dirijas os passos de tua vida para o summo bem. No primeiro verás hũa *Semana Espiritual*, onde te dicta seu Autor hũa lição de Prima para a Meditação, para q̄ estudando nella os pontos de tua salvação, te gradües com a laureola do conhecimento de Deos. No segundo huma lição de Vespota nas *Vozes do Ceo*, com q̄ te falla, em que conheças que tens muito aos ouvidos de tua consciencia as inspiraçoens Celestes, que te admoestão à emenda de tua vida, para q̄ no discurso desta, te levantes do lethargo da culpa, & abrases aos auxilios da Graça. E porque, se seguindo os documentos santos que te ensina, achares abrazado o coração em affectos, te offerece desta divina fragoa as *Faixas do Divino Amor*, em q̄ te acendas. E se ainda como etc. upuloso de tuas imperfeições temeres apparecer diante sua Divina Magestade,

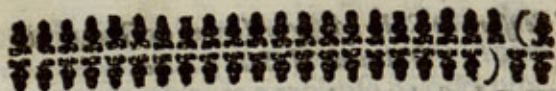
gestade, vete, & revete no *Espelho do Espírito*, onde compoas os defectos que se os Philosophos dispuzeram, q̄ trouxessem todos nas mãos, como espelhos em que se vissem, aquellas letras, onde lia cada hum o conhecimento proprio de sua natureza: *Nosce te ipsum*; nas mãos, & ante os olhos te importa (ò prudente Leitor) ter este Livro, q̄ he o mais cristalino Espelho, a q̄ se ha de compor tua consciencia.

Se em vida de seu Author tanto te desvellavas por ouvir sua doutrina dâlhe agora tambem a tenção, pois te vem prègar a tua casa: nam imagines, que a morte lhe susoendeo a vòz, com q̄ prègava, pois ainda lhe reservou o Espírito, com q̄ te exhorta; que se São Paulo dizia aos Hebreos, q̄ Abel defunto ainda fallava: *Abel defunctus adhuc loquitur*, só porque o sangue clamou; deste Servo de Deos, o Espírito ainda não fofsega, pois ainda te clama: tirou a morte à lingua o vital alento, com q̄ prègava, mas inventou seu Espírito outra melhor eloquencia nas vozes do Ceo, com que te exhorta.

Este

Este Volume (Leytor amigo) sahe ho-
je a luz, fiado no puro de sua materia, & no
qualificado de seu Author, nam incorrerá
a censura, que os mais incorrem, & quando
aches q̄ notar nos quilates deste ouro al-
gumas fezes, seja contra quẽ to offerece a
censura; q̄ como obra posthuma, não du-
vido lhe falte a perfeiçã, com que nasceu
das mãos de seu Author, & que como tão
exemplar, seria erro da ingenuidade dei-
xar entre as cinzas frias do sepulchro tam
vivos incendios daquelle Espirito. E af-
fim para mayor gloria de Deos, não passes
só pelos olhos de tua curiosidade este Li-
vro, sem q̄ a consciencia o medite, mas an-
tes com repetidos affectos louva o Sobera-
no Senhor, q̄ assim te falla por seus Iustos,
dandolhe aquelle louvor, com q̄ São Boa-
ventura engrandecẽ aquella Lingua do
nosso Portuguez em Padua: *O lingua be-
nedicta, que Dominiũ semper benedixis-
ti, & alios benedicere docuisti: nunc pers-
picuẽ cernitur, quãtũ meriti fueris apud
Deum.*

Vale.



LICENCAS.

Censura do R. P. M. Fr. Bento de Santo Thomàs, da Ordem de S. Domingos.

Leste Livro, & nelle as Obras Espirituaes posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas. Colhefe das flores, quando seccas a seminal virtude, que já incluyam animadas; encobrião esta virtude humildes, q̄ de outro modo deixarião de ser flores. Pagou o Veneravel Author desta Obra Posthuma o tributo cômum: flor fecunda o graduou o Amor de Deos, que em seu coração recolheo, nam só para singularizada em hum cubiculo, mas para communicada no pulpito: agora, depois de secca a flor, huma louvavel providencia propoem a todos nesta saudavel doutrina, arte para se colher depois da morte esta virtude, q̄ a humanidade recolheo na vida. & agora sera de outras flores propagadora. Cõ a lição della as almas poderãõ no Amor do Senhor Jesus abraçadas florecer a elle para igual sorte unidas. Pello q̄ sobre não cõter esta Obra conta algũa q̄ encõtre nossa Santa Fè, ou bõs costumes, me pareceo muito digna de toda a luz. S. Domingos de Lisboa 27. de Agosto de 1683.

Fr. Bento de Santo Thomàs.

*Censura do R. P. M. Fr. Manoel da Graça, da
Ordem de N. S. do Carmo.*

Veste Livro, intitulado, *Obras Espirituaes posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*; & não só não achei nelle coufa dissonante a nossa Santa Fè, ou opposta aos bons costumes; mas me pareceo muy côducente para toda a pia, & perfeita devoção; porque tudo o q̄ nelle ha, excita as Almas dos Fies ao desprezo do mûdo, ao Amor de Deos, & ao melhor augmento das mais necessarias virtudes. Convento do Carmo de Lisboa 9. de Setembro de 1683.

*Fr. Manoel da Graça, O
Censurado R. P. Fr. Ioam da Apresentação, da
Ordem de Sam Francisco.*

S E N H O R.

POr mandado de Vossa Magestade li este Livro, intitulado, *Obras Espirituais posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, Missionario Apostolico, & Filho da Santa Provincia dos Algarves*. E nelle te deixa bem ver, que passou o fervor do feu espirito, onde não pode chegar algú encarecimêto, porque aqui acharão os tib os devoção, os cegos claridade os ignorâtes documêto, os relaxa los reforma, & os grossen os discrição. A obra sobre ter heroica, he santa, & onde não ha palavra, q̄

Fr. Bento de Santa Theresia nana

não seja hũa joya, não tẽ lugar a cẽsura. *Quot
verba inuenio, tot gemmea munera nosco* Antes
porque merece todo o applauso, pelo devoto,
& agudo do estyllo, sou de parecer que deve
darle à estampa, para que veja o mundo nestes
seus characteres, que ainda depois de sua mor
te, nos intima o zelo que teve da salvação das
almas, & reformação dos costumes, no tempo
de sua vida. Vossa Magestade fará o que mais
conveniente for a seu Real seruiço. Saó Frã-
cisco de Lisboa 22. de Outubro de 1683.

P Ode se tornar a imprimir o Livro de que
estã petição trata, & depois de impressõ
tornarã pera se conferir, & dar Licença
que corra & sem ella não correrã. Lisboa. 19.
de Setembro. 1698.

*Castro. Foyos. Diniz. I.C. Moniz.
Fr.G.*

P Ode se tornar a imprimir o Livro de que
estã petição trata, & depois de impressõ
tornarã pera se lhe dar Licença pera cor
-r. Lisboa. 23. de Setembro. de 1698.

Fr P. Bispo de Bona.

Que se possam imprimir vistas as licen-
ças do S. Officio, & Ordinario, & de-
pois de impresso tornará à meza pera se
conferir & taxar, & tem isso não correrá **Lil-**
boa. 7. de Outubro de 1698.

Mello.

Roxas.

P Odeste tornar a imprimir o livro de que
esta petição trata, & depois de impresso
tornará pera se conferir, & dar licença
que corra & tem esta não correrá **Lilboa. 17.**
de Setembro 1698.

Castro Foyr Dn. J. C. Mello.
F. C.

P Odeste tornar a imprimir o livro de que
esta petição trata, & depois de impresso
tornará pera se lhe dar licença para cor-
rer, & tem esta não correrá **Lilboa. 27.**
de Setembro de 1698.



SEMANA
ESPIRITUAL,
PELO VENERAVEL PADRE
FR. ANTONIO
DAS CHAGAS.



Horto de Gethsemani he
figura da perfeita Ora-
ção: Gethsemani quer
dizer Valle de abundan-
cia, porque pelo valle da
humildade, & pela abun-
dancia da Charidade morreo o Senhor
por nós; desceo dos Ceos à terra pella
humildade, com que se unio à nossa natu-
reza, & depois de unirse connosco, su-
bio

bio pela Cruz ao Ceo, para nos coroar de gloria: por isso para que nos comecemos a unir com Deos, he necessario entrar no Horto da Oraçao, decermos nela com humildade ao valle da nossa miseria, onde fertilizando esta terra, de que somos feitos, com abundancia de amor, & lagrimas fazamos por meditar, & disponos para a Cruz, sem a qual não sendo semelhantes a Christo, não poderemos subir aos Ceos, & ser dos seus Prestinados.

Primeiro que tudo se ha de fazer costume da Oraçao, assim como fazia o Senhor, para que este costume se faça natureza, & a natureza se converta em graça, subindo deste valle de lagrimas ao monte da eterna paz, que isso nos representa o Monte das Oliveiras, figura do Ceo, aonde pela Oraçao (que he subida mente a Deos) se ha de erguer o nosso pensamento.

Deve a oraçao, quanto for possivel, ser reverente, pois o Senhor orou de joelhos. Deve ser solitaria, pois não só
 A
 buf-

búscou o Senhor a solidão, mas para ficar mais só, se apartou daquelles Discipulos, que consigo tinha levado. Deve ser devota, isto he, huma promptidão, & não aquelle gosto sensível, com que havemos de louvar a Deos, ainda que (como diz Sam Pedro de Alcantara) com as conçoçoens do Senhor cresce a devoção, em que consistem as azas, com q̄ voa o espirito. E finalmente para ser perfeita, ha de constar de tres cousas, que nos deu o Senhor nas tres vezes que se poz à Oração; isto he (como diz a Glosa) Principio, Meyo, & Fim. Principio, na fé cō que havemos de conhecer a Deos, & no conhecimento que havemos de ter de nos. Meyo, na esperãça que havemos de ter na amizade de Deos, ajuntandolhe as boas obras. Fim, na gloria de Deos, fazendo tudo por seu amor, & em negação de nossa vontade.

Foy o Senhor via no exemplo, verdade na doutrina, vida no premio. Se queremos gozar os premios, a que esta vida nos convida, convem que aprendendo

esta doutrina, imitemos o seu exemplo. Nas suas acçoens acharemos o Norte, a Estrada que seguramente nos leve, & acertadamente nos guie. Na sua verdade a certeza de chegarmos à perfeiçam quanto fugirmos da mentira das falsas promessas do seculo. E nos passis de sua vida os passos da Eterna Gloria, que elle só tem aparelhada. Para o que por via direita, cada hũa destas acçoens, que elle obrou em sua Payxão, nos ha de occupar toda a hora, ou tempo que orarmos, porque se se não esmeução bem, não lhe damos bem na sustantia. Necessario he cavar bem a terra, para que se ache a mina, & porque à flor da terra só quando muito se achão flores; a comida, que não vay bem mastigada, não pôde ser bem digerida, nem proveitosa à natureza: as perolas no fundo do mar se peçoão, & não em cima da agua; por isso nos não cançaremos em orar, & meditar de hum folego toda a Payxão junta. Toda hũa noite gastou meu Padre Sam Francisco sem cuydar mais que em duas palavras: *Meu*

Deos, & todas m'nbas cousas. Santo Agustinho passou mui o tempo sem formar mais que dous conceytos: *Senhor, conheçavos eu a vòs, & conheçame a mim.* Gregorio Lopes passou nove annos, sem dizer em sy mais que isto: *Senhor, faça se em mim vossa vontade.* O nosso Sam Diogo quasi toda a vida não teve outra Oraçãõ, abraçandose com a Cruz, mais que estar em acto continuo do amor de Deos, dizendo. *Amor meu, Amor meu.* E de Santo Isidro se conta, que por ser rustico em extremo, não dizia a Deos outra coufa, mais que estas breves palavras: *Dios mio, si tubieras ganado, yo te lo guardàra de gracia.* E esta he a altissima Oraçãõ, estar sempre em continuo acto de amor de Deos, sem affligir o entendimento com discursos demasiados, que às vezes deyxando vaidade gastão o tempo de vontade em superfluas meditaçoens, ou cuydadõs de pouco fruto. Serve-se Deos dos coraçõens, muito mais que das imaginaçoens: quer as victimas abraçadas, ainda que com menos enfeite se apresentem

nos seus altares; toda a maquina de discursus sò entã serã proveitosa, quando sirva de nos mover, ou por vernos em sequidão, ou qualquer outra enfermidade que padece às vezes o espirito.

Divido por horas estes exercicios, para que em cada hũa aprendamos, ou observemos as virtudes, que exercitou o Senhor, em que nos havemos de empregar por algum de cinco effeitos, ou por todos: Ou para imitar a Christo, ou para nos compadecermos de seus tormentos; ou para admirarnos nelle de sua Bondade; ou para nos transformarmos nelle; ou finalmente para descansar nelle o espirito suavemente. Se o imitamos, seguimos o caminho das virtudes, em que o Senhor foy exemplo, & começamos de gostar de Deos, folgando de ser affigidos. Se nos compadecemos de Christo, evitamos aquellas culpas, porque elle morrerã outra vez se acalo fora necessario, & pomos nelle o amor, que tiramos do mundo. Se nos admiramos do que fez Christo por nos, não nos admiremos de

de fazer muito por elle . Se nos transformamos em Christo em união mais conforme, he certo que morrendo a carne, fazemos já vida do espirito. Somos já filhos de Deos, & hũa mesma cousa com elle. E se dentro nelle moramos, & aquietamos nossas almas, chegamos à quella Bemaventurança, que pode dar-se nesta vida, morando em Deos, & andando em Deos, vendo todas as cousas nelle, & a elle em todas as creaturas, vivendo pela sua vida em virtude da sua união; querendo por sua vontade, & entendêdo por seu entendimento.

Mas como nem todos tem Oraçam continua, nem facilmente a podem ter, & meditar todas estas Horas, & tal vez nem huma sò até os que tem algum espirito, se observando as virtudes, que contém cada hum dos dias, ou cada hũa das horas, nos guardamos do que he contra ellas, teremos verdadeyra Oraçam, & será muito mais util, que outras muitas meditaçoens. Tambem bastará p'ra nós desculpar com Deos, quando não possamos

orar, dizer dentro de nós, em qualquer occupação que tenhamos: *O meu Iesus está no Horto, ou Coluna, ou no Calvario, & eu estou jogando, comendo, rindo, passeando, ou peccando, &c.* conforme o que estiver fazendo.

Finalmente he o Horto figura da Oração, onde os que tem verdadeyro espirito oraõ, & se resignão na vontade de Deos, como Christo: os descuydados vão a dormir como os Apostolos: os que tem o coraçam nos interesses do mundo, vão a vender a Christo, como Judas; os que nam entram na casa de Deos, mais q̃ a offendello, vão a buscallo como a cohorte. Esta he a figura dos seculares, que quando vão à casa da Oração, patece que vão armados, & aparelhados sò para fazer desacatos a Deos. Judas, he figura dos maos Sacerdotes, que pondose Deos nas suas mãos, elles com falsos ofculos de paz dão final ao Demonio, de que o mesmo Deos anda com elles vendido. Os Apostolos figura dos homens espirituaes, que por descuydos, & omissoens não fazem

zem de todo a vontade a Deos no mayor grao da perfeição. E Christo verdadeyio Original dos perfectos filhos de Deos, q̄ a pezar das tribulaçoens, & miserias da natureza, sempre estão promptos com o espirito para a vontade do Senhor. Quem pois quizer aproveitarse destes exēplos, faberã, se na Oração serve ao corpo, se ao espirito, à natureza, ou à graça, ao mundo, ou a Deos.

|||

SEGUNDA FEYRA

M A T I N A S.

Cuydarey q̄ o meu coração he Horto, aonde o meu Senhor vem a orar; & chamando a minha Vontade, Memoria, & Entendimento, para que apartados dos mais sentidos, como S. Pedro, Sam. Diogo, & Sam. Ioaõ, dos outros Discipulos de Christo, me manda o Senhor

nhor vigiar, & ter oração, & pedir d'ome
 que o acompanhe na agonia, & tristeza
 que o afflige, & melancoliza, parecer-
 meha que todo angustiado, & cheyo de
 lagrimas, & penas, tomandome nos bra-
 ços da alma, me diz estas palavras bran-
 damente: Filho, eu aqui estou sò, &
 dezemparado, & posto nesta solidão, sem
 haver quem falle comigo, nem quem me
 queira pôr os olhos, peçote pelo meu
 amor, que vires para mim o teu rosto, &
 o teu coração, & que pois te chamo, & te
 busco, me não dezempares tambem, dey-
 xandome nesta tristeza, nesta afflicção,
 nesta agonia, com que vejo perder o mû-
 do por não querer estar comigo, fugin-
 do da minha presença, como da do De-
 monio: mas como tu tambem, meu filho,
 te nã atreves a aturarme, & estás morrê-
 do por fugirme, por ventura aborrecete
 de que eu te chame, & pelate de eu estar
 contigo? Enfastiate o meu amor? En-
 fadaste de minha vista? Pois sabe de cer-
 to, que menos quero estar no Ceo, q̃ no
 teu coração, & que me agrada muito me-

nos

nos a companhia dos Anjos, que verme
em tua companhia.

Em lhe escutando estas palavras, com
humancia muito de coração, com hum
amor muito entranhavel, posto a seus
pès, ou nos seus braços, farey por gastar
todo o tẽpo, q̃ destinar para esta hora, em
hum vivo movimento da alma, & em q̃
amemoria se perca por sua vista, o enten-
dimento se pãlme em seus beneficios, &
a vontade arda em seu amor, dandolhe as
graças de chamarme, & pedindolhe, que
me não deixe, nem largue da sua mão.

O trato desta hora ferà, conhecer a
vocaçãõ, com que o Senhor me trouxe à
sua casa, & escolha, que fez de mim para
andar em sua presença pela virtude da
Oraçãõ, contra quem (mais que em ou-
tra parte) mostrando no Horto os inimi-
gos do Senhor, que se armavãõ para o ti-
rar della, & saberem que este he o meyo
mais efficaz da salvaçãõ, & de quem mais
se teme o Demonio: fazendo pois con:a
que me não convem deyxar sò ao meu
Deos, nem dezemparrar ao meu Senhor,
que

que gosta de que eu o acompanhe, farey muito por ter grande amor ao silencio, & solidão, pois só assim acho ao meu Deos. E apartandome não sò dos homens, mas até dos meus proprios sentidos, não dormirey (sobre a vigia que me convemter na Oração) por não arriscarme a que me prendão o Mundo, o Diabo, ou a Carne, que no Horto da Alma me cercão, nam querendo por hum alivio, q os sentidos me podem dar, põrme em perigo de cair, & de que se queixe o meu Senhor, de que eu o deixo a olhos vistos. E com isto exercito a abnegaçam de mim proprio, que he hũa das mayores virtudes, que andão na presença de Deos, que he o mayor de todos os bens.

L A U D E S.

*Vigilate, & orate, ut non intretis
intentionem.*

C Vydairey como estando durmindo os Discipulos do Senhor no Ho-

to, elle os veyo a dilpertar, avifandoos, que vigiaſſem, porque não entraſſem em tentação; & iſto não húa, mas muitas vezes.

Considerarey os grandes beneficios, que devo a Deos, & as graças que lhe devo dar, pois ſendo tentação toda a vida, que paſſo ſem orar a Deos, & ſem me unir com o Senhor, como quem ſente os meus deſcuydos, & lhe vay muyto em minhas faltas, me deſperta a todas as horas, me avifa a todos os momentos, & me acorda a cada minuto com os dictames interiores, a que eu reſiſto: tantas vezes com divinas inſpiraçoens, de que eu lhe fujo cada instante, & com as memorias de ſua Payxão, de que eu me eſqueço cada dia.

Serà o fruto deſta hora o conhecer, que o ter Oração he beneficio do Senhor, que he ſeu ſentirme com eſpirito, que he meu verme com froxidão, que ſubir ao Horto he favor ſeu, que dormir nelle he obra minha. E por iſſo conſiderarey, que nem por verme na com-

panhia de Deos, que he sò de quem me vem o amparo, a sufficiencia, & remedio, & finalmente pedirhehey, que pois hum Sam Pedro, fundamento da sua Igreja, se descuydou; que pois hum Sam Ioão emprego de seu amor se esqueceo; que pois hum Sam-Tiago escolha de sua vontade se divertio, que isso em todos foy o durmir, & todos houerão mister que o Senhor viesse acordallos; que me perdoe os meus descuydos, & que esperte os meus esquecimentos, & me acorde com seus auxilios, pois parece que me desculpa ter sido o homem mais perverso, fer hoje o filho mais ingrato, & sempre o seruo mais inutil.

P R I M A.

Avulsus est ab eis.

Cuydarey, que o Senhor logo q' poz no Horto teus Discipulos, & lhes encomendou que orassem, se afastou delles, metendole pelo mais interior do Horto.

Con-

Considerarey, que quando Deos nos traz mais consigo, & nos sobe a mayor Oraçãõ, ou porque fia mais de nõs, ou porque de nõs não fia muito; se afasta de nõs muitas vezes, apartando a consolação, o espirito, ou a suavidade, que achamos na sua presença; & como então, & sò se conhece quem he seu verdadey-ro Discipulo, necessario he que neste tempo nos offereçamos muito mais, para que com qualquer penedo rebatamos as ondas ao mar do mundo, & como tronco exposto a s ventos, nos não mova o ar da vaidade, conhecendo que està Deos tam longe de nos deyxar, quando se afasta, q então metido mais por dentro se nos mostra amigo mais intimo, porque o busquemos no centro da Alma.

Serã o fructo desta hora a vigilancia sòbre nõs com a mortificaçãõ dos sentidos, pois podemos nesta afflicção, que he prova mais que de zemparo, perderem hum fechar de olhos tanto como podemos recear de Deos em desabrir a mão.

T E R C, A.

Et factus in agonia prolixius orabat.

CUydarey como representandose ao Senhor, tudo o que havia de padecer pellos homens, quantos havião de cõdenarse ao Inferno, & desprezar a sua Gloria, quam poucos seguir o seu exemplo, & aproveytarse de seu amor, foy posto em muy grande agonia, & nella com mais efficacia orava a seu Eterno Pay.

Considerarey, que nos males, & tribulaçoens, não se ha de perder o animo, ainda que se perca o alento, nem se ha de desmayar o espirito, ainda que se desmaye a Alma: antes então com mayor caula chegarnos para o nosso Deos, dandolhe por tudo muitas graças; porque se da tua mão recebemos as obras, os males porque os não receberemos? O Senhor dà, o Senhor tira, & pór tudo deve ser bendito, & não nos faz nisto sem rezão, pois elle he Senhor de tudo.

Serà

Serà o fruto desta hora buscallo com grande igualdade, assim no mal, como no bem, pois nós não temos outro Pay, outro Senhor, nem outro Amigo; pois sabemos que muitas vezes nos chama pelas tribu'açoens, para que vendo nossa miseria, o engano dos bens do mundo, não queyramos ter outro bem mais que orar, padecer, & mais padecer, até que o orvalho do Céu desça a fecundar a terra, & as sequidoens sejam suavidades, conhecendo que este he o tempo, em que mais contentamos a Deos; porque caminhar entre flores de regallo, & não merecimento, mais he hi, por espinhos, & abrolhos. Este he o amor, esta a constancia.

S E X T A.

Mon mea, sed tua voluntas fiat.

C Uydarey como o Senhor nesta afflictção dizia a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, se não he possível, que se escuse este Caliz de minha

morte, aqui estou, faça-se a vossa vontade,
& não a minha.

Considerarey, que se o Filho de Deos,
o Morgado do Céo, o Senhor do Mun-
do, & o Principe da Gloria, só havia de
fazer a vontade a Deos, quando padece-
se no Mundo, & nelle foi angustiado,
crucificado, & afrontado, que fará hum
bichinho da terra, que hontem foi nada,
hoj he tam pouco, à manhaã menos, &
só pôde ser alguma cousa, quando pon-
dê-se nas mãos de Deos, se resigne na sua
vontade.

O fruto desta hora será a Resigna-
ção que aprenderemos do amor de Deos,
sabendo que nesta virtude se acquire a
perfeição de todas, pois se nella não de-
clinarmos, ainda nella vida com ella go-
zaremos aquella paz do Espírito, & a-
quella Bemaventurança da Alma, com
que em tudo se acha repouso, em tudo
gloria, em tudo merito.

NON

N O A.

*Apparuit autem illi Angelus de Cælo, cõ-
fortans eum.*

CUydarey, como estando o Senhor suando gotas de sangue, naquella penoza afflicção lhe appareceo hum Anjo, que o confortou, dizendolhe o pouco que lhe havia de durar a pena, o muito que havia de importar a morte, a gloria que com seus merecimentos havia de dar aos Santos do Cèo, o exemplo que lhe deixaria na terra, o amor que mostraria aos Homens, & em fim, que assim executava o Decreto de Deos.

Confidarey quanto devo de fuar no serviço de meu Senhor; quanto deve nas lagrimas dos meus olhos ver-se o suor do coração, pois o Filho do Eterno Pay, o mimo da Bemaventurança, a delicia da mesma Gloria, nas tribulaçoens do mundo, de todos seus poros fez olhos para fazer de todo seu Sangue lagrimas, tendo

por certo, que não ha de faltar o Senhor com a consolação aos affligidos, ainda que goste às vezes de os dilatar na tribulação, para lhe acrescentar a graça, & o merecimento, & que ha de vir o Anjo de Deos, se perseverarmos em seu amor. E quando isto não fora assim, ainda assim não forão dignas todas as payxoens do seculo, de alcançar a gloria que se nos promete no Cèo.

Serà o fruto desta hora, a elperança nas misericordias do Senhor, com quem na presente vida não temeremos a hora da morte, & entre mil suores de morte nos darà gosto o fim da vida.

V E S P O R A S.

Amice, ad quid venisti.

C Vyda-rey em como o Senhor, sabendo que Judas o vinha entregar, o foi esperar, & lhe chamou Amigo, perguntando-lhe a que vinha, para que confessando elle, & arrependido, ficasse logo perdoado.

Nesta

Nesta consideração se nos rasgarão logo as entranhas com amor, & admiração ver qual he a bondade daquelle Divinissimo Pay; & se verá cõ quanto amor abraçará aos que o buscarem, se busca aos que o entregão, & chama amigo aos que o vendem; que chamará aos que o adorão; pois parece que as entranhas de Iudas se derramarão pela terra, em castigo de se não verterem pelos olhos em lagrimas, à vista de hum amor, que lhe mostrarão hũas entranhas de misericordia. Considerarey tambem, que o Senhor me pergunta a que vim ao mundo? a que vim à Religião? aos officios? às dignidades? às fortunas? aos infortunios? à graça, & à natureza?

Será o fruto desta hora, ter hum grãdissimo amor a Deos, cuja bondade incomparavel mais aborrescivel fez a nova culpa, pois atè no tempo das offensas nos poem diante o seu amor, para envergonhar nossa ingratiidãõ, & confundir nossa maldade. Por isto em tudo o que fizer, cuidando que vim só a amallo, & servillo,

& a obedecello, andarey sempre dizendo: Meu Pay, meu Deos, & meu amigo, vòs meu amigo, & eu fugindo de vòs? vòs meu amigo, & eu vendendovos? vòs meu amigo, & eu afrontandovos? Eu ao mundo vim a servirvos; à Religião a obedecervos; & em fim a adoravos: isto só quero, & só procuro; nem vòs queirais, meu Senhor, que outra coufa queira nunca, mais que fazer vossa vontade.

COMPLETAS.

*Hæc est hora vestra, & potestas te-
nebrarum.*

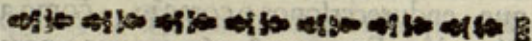
CUydarey como os Soldados, que acompanhavão a Iudas, prenderão ao Senhor, & elle se deyxou maniatar, & arrastar até casa de Anàs, com aquella mansidão, & humildade de que tanto se prezou sempre.

Considerarey quantas vezes o Senhor ainda hoje se deyxá atar as maos a sua Iustiza, & a sua Omnipotencia; deyxandose levar na noite de nossa cegueyra do

poder das trevas da culpa, que se oppoem à luz da Graça: quando depois de nos fazer cahir na rezão (que isto foi o fazer cahir por terra a cohorte) nos levantemos contra elle, não só tomando o Cèo com as mãos, mas pondoas sacrilegamente no Cordeyro do Senhor, de que se segue endurecerlonos o coração, como a Pharaò no Egypto; & não reparar, nem ver com esta cegueyra, que a offensa, que fazemos a Deos mayor, he fazello concorrer na sua mesma offensa, concorrendo como causa univertal em todas nossas acçoens, donde o levamos arrastado, maniatado, & a frontado, até que chegando ao Tribunal da Divina Iustica, nos desterra da luz eterna, pondonos para os sempre dos sempre nas escuras trevas dos Infernos.

Serà o fruto desta hora, ter hum grandissimo odio aos vicios, pedir a luz da sua Graça, pera que vendo que eramos trevas em quanto estavamos na culpa pelo poder do Demonio, não nos atrevamos contra Deos, a quem não devemos

atar as mãos, pois ellas nos fizeram, & dellas esperamos, que se abraõ cada dia para deitarnos sua benção, & enchernos de misericordias, para nos ter da sua mão, & para que pondonos nas suas mãos, nellas se entregue o nosso Espirito.



TERC, A FEYRA.

COLUNA.

MATINAS.

Aplanta pedis vsque ad verticem capitis non est in eo sanitas.

F Echadas as portas dos sentidos, metermehey todo dentro na alma, onde correndo a cortina aos segredos do meu coração, verey que elle he a Coluna, em que o Senhor està atado com asperas, & duras cordas; & chegandome mavio-
fa

samente a elle olharey com olhos da alma o estado em que o puzerão minhas maldades; & vendoo coberto de sangue, & feito hũa chaga viva, morto de frio, & cheio de afrontas, para ver este espectáculo admiravel, & lastimoso, me assentarey muy perto delle, & lhe direy estas palavras, ou as que me ensinar o Espírito.

Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, quem vos chegou a por neste estado, que mãos, que alma, ou que penedo se atreveo contra vòs assim? A vòs immensa fermosura, infinita misericordia, bondade nunca encarecida? Que bruto, fera, ou demonio teve tamanho atrevimento, que em vòs chegasse a pòr as mãos? Se deffas mãos, meu Senhor, & Criador, que fizerão o Cèo, & a Terra, qualquer que fosse foi feitura; pondome, meu Deos, os vossos olhos, que aqui vos venho a acompanhar, & daqui me não quero hir em quanto me quizeres com vosco, & em quanto vos tiver comigo. E se ouvindo lhe estas palavras, me deyxat o amor,

o amor, ou as lagrimas escutarlhe o mais que me diz, parecerme ha que elle muy amorosamente me conta a grande afronta, que lhe fizerão os meus peccados, antes de oatar à Coluna, em serem as pessoas, que o despirão, & o deyxaraõ nũ, fazendo lhe mil desacatos, & zombarias.

Serà o fruto desta hora, que o cometer ea neste mundo tantas lascivas, descomposturas, & todas as maldades, que contra a honestidade se cometem, nenhũa outra cousa, he mais q̃ deixar nũ ao meu Senhor, para escarnecello, & açouallo, & que isto f, rey sempre que aquillo faça.

LAVDES.

C Vyda rey, q̃ tornando a ver o meu Senhor, & achando no mesmo estado, elle mesmo me vay contando como meus peccados, & maldades do meu coração de: pedra endurecido na culpa, fizerão a Coluna, onde o atãraõ.

Parecerme ha que elle me diz com grande mágoa, que havendo feito o meu

cora-

coração para Coluna de sua Igreja, deze-
jando darlhe valor para vencer seus ini-
migos, fortaleza para resistir às tenta-
çoens, & guardar os seus mandamentos,
& para que sobre esta Coluna se susten-
tasse o Templo da Oração, que he a casa
onde elle mora, & os muros de Ierusa-
lem que elle edifica nas Almas, eu o fiz
Coluna tam abominavel da casa dos vi-
cios, em que os mesmos sentidos morão,
que como sinais de não poder haver mais
vicios, a culpa o fez non plus ultra, dicen-
do, que não ha passar daqui.

Será o fruto desta hora, não querer
ser como Pharaõ, que resistindo sempre
a Deos, se lhe endurecia o coração, de
que se seguiu, que no mesmo Mar Ver-
melho, onde os bons, como Moysés, a-
chãrão estrada para a terra da Promissão,
achou Pharaõ sepulchro para a morte da
eternidade.

PRI-

PRIMA.

CUydarey anciosamente, tornádo à companhia de meu Senhor, que elle me conta, como dos laços das minhas culpas, com que a Alma deu tantos nòs cegos, fez cordas a minha liberdade para atar afrontosamente ao Senhor à Coluna do meu coração, quando elle com braços abertos queria fazerlhe com seus abraços outros mais apertados laços.

Parecerme ha, que o meu Senhor me diz a grande dor que teve, de que sendo hum dos mayores gostos seus, uni se ao meu coração, não ouve cousa, que mais o atormentasse, que verse entam com elle unido, pois esta união era só para o ferir quem elle amava.

Serà o fruto desta hora conhecer, que todos os embaraços, com que nos empece o Mundo, com que nos prende a Carne, s.õ laços, com que nos arma, para que delles façamos cordas, com que atemos a Deos afrontosamente, para que elle com

as mãos atadas por nossa culpa, nos não possa livrar dos laços, em que cahimos, & em que a cada ponto nos vemos.

T E R C, A.

A Qui tornando a Alma para junto de seu Senhor, cuidarey que elle assim atado pressegue a historia começada com muita mágoa, & mansidão, & dizendolhe que olhe os golpes, o sangue, as chagas, as feridas, com que está todo lastimoso, mediz, que isto lhe fizeram meus peccados, minhas potencias, & sentidos, quando mais abraçada com o meu coração, mostrava que o seu amor tinha prezo, muito mais que as cordas, & ferros.

Parecerme ha, que senão queixi tanto o meu Senhor do tormento dos golpes, como da dor da injuria que lhe fiz em hã tormento tam vil, que só se dá ao mais vil escravo, quem de amigo se fez verdugo, & quem sendo todo o seu amor, se prezou de ser a sua afronta, fazendo de

vícios tam torpes aquelles crueis azorragues, que sem piedade o maltratãrão; sendo tanto contra a honra de Deos, que eu assim tratasse a seu Filho, quando na casa da minha Alma foi hospede do meu coração, por querer deitar fóra della os meus mayores inimigos, a quem eu o entreguey como ingrato, & depois cego me entreguei.

Será o fruto desta hora, estimar muito a honra de Deos, & não querer enxovalhalla em o menor dezar da culpa, pois cada peccado meu, não he contra o meu Senhor hum açoute, q̄ lhe dou, mas húa afronta, que lhe faço.

S E X T A.

Tornando aos pès do meu Senhor, cuydarey que cõ muitas lagrimas, & com muy grande sentimento me diz, como depois de o açoutarem por detras, para lhe fazerem o mesmo por diante, o deztãram, & virãram, & em seu rosto, & por toda a parte o fizerão húa chaga viva.

Parecerme ha, que o Senhor me conta, que neste passo dissera a minha alma, & sentidos, que se atè então o tinhamo offendido, que não era muito, pois elle lhe havia dado as costas. Aqui se pôde cuydar o tempo que elle nos tinha dado as costas, foy todo aquelle que vivemos sem memoria de sua Payxão, & sem desejo efficaz de servillo, entregues ao mundo, & ao Demonio, que era o mesmo que não darlhe auxilios efficazes. Mas que agora que se virava para elles, & que pondolhe os olhos, já se lhe não dava das culpas, pois as deitava para trás das costas, como encobrimdoas, que por seu amor o nam aggravassem mais, & não quizessem ao seu rollo fazer hũa tamanha maldade, como erão os açoutes, & afronta, que elle tão mal lhe mereci; & que pois elle lhe perdoava os outros, que lhe perdoassem tambem isto. Mas não bastando esta brandura, esta piedade, & este amor, lhe fizeram mayor aggravado, & lhe derão mayor tormento.

Será o fruto desta hora, abominara

ingratidão com que offendemos a Deos, depois que se vira para nós com olhos de misericordia. E sobre tudo considerar a presença de Deos, que se entende na sua vista, a quem açouta, & injuria qualquer peccado nosso por mais occulto que se faça, não tendo menos testemunhas que todos os Santos do Cèo, que nem sempre haõ de interceder, & que todos os Demonios do Inferno, que sempre nos haõ de accular.

Atreverse hum bichinho vil a fazer diante da cara de Deos, & de seu Senhor & vista da Virgem Santissima, & de seus mayores inimigos, o que não fizera diante do mais vil escravo, he a culpa mais atrevida, & a maldade mais dezatorada, q̄ cometem os peccadores, sendo certo, que ou sejam bons, ou maõs, todos andamos na presença de Deos, & diante d'elle se faz tudo, & de o não trazermos diante dos olhos, nem lembrarnos, que nos està vendo, procede todo o mal.

N. O. A.

Pondome a par do meu Senhor, logo que tornar à Oração, cuidarey, que elle me havia contado muy amorosa, & brandamente, como acabando de acontallo, começarão a escarnecello, de que se lhe seguiu o tormento de nam ouzar erguer os olhos com a vergonha que tinha, nem a fallarhe palayra, com a mágoa que o atravessava.

Parecerme ha, que o Senhor me diz os grandes males, que me fazia, & que eu zombava de offendello, rindome de havello afrontado, & de o deyxar escarnecido; pois a troco de que eu o não offendesse mais, receava porme os olhos, que atravessariaõ hũa pedra, quanto mais hum coração humano: & por se não arriscar a que eu fizesse delle nova zombaria, & por isso me desse mayor Inferno, nam abria aquella boca santissima, de quem o Céo, & os Anjos pendem, & cuja vox com hũa palayra fez todo o mundo, & creaturas.

Será o fruto desta hora, ter hum grande temor de Deos, pois por zombar quando o offendemos do muito a que nos ariscamos, por nam cuydar quando o devemor temer (que isto vem a ser o zombar) não só nos ficamos na culpa, mas escandalizamos a Deos, para que em hũa escaça vista dos olhos, ou em hũa voz ao coração, nos nam avise, ou visite com sua misericordia, para que nos metamos por dentro, & abracemos na nossa Alma, seguindo se desta ouzadia ternos o Ceo tamanho odio, & o mesmo Senhor tam má vontade, que parece (segundo nos deixa) que já nos tirou a falla, & já nos não pôde ver dos olhos.

VESPORAS.

Tornando já Oração, & chegando-me ao meu Senhor, o veréy estar chorando lagrimas de sangue. E perguntandolhe porque causa? me dirá có muy grande dor, que estando todos com elle todo o tempo q̄ o acontarão, nam houve

nenhum, que se fosse sem offendello; porém acabadas as offensas, nam ouve nenhum que quizesse ficar com elle, por nam lhe ouvir as suas queixas, nem lastimarse, nem consolallo, todos os dezemparáão, & deixaráão só.

Aqui me parecerá que me diz o meu Senhor Filho, ninguem de mim se doe, a ninguem se lhe dá de mim: todos me deixão, todos me fogem, & eu de todos dezemparado; nam choro a minha solidão, choro a perdição de todos, vejo que vão abraçar o Demonio, & que se vão meter no Inferno, & nam podendo ver ao seu Deos, ao seu Amigo, a seu Pay, como brutos sem entendimento se deixam levar de hũa vida, que vaya dar na eterna morte por caminhos sempre difficeis, & por caminhos sempre asperos. Nam sejas tu assim, meu Filho, pois te mostro a via direyta, chegate muito para mim, poe-me muito apar destas chagas, para que vendome por ellas as entranhas, & o coração, saybas que es o meu thesouro, pois eu o ponho agora em ti, chegate,

& chegaste mais, pois eu te chamo, não te recees, pois eu te quero, não me fujas, pois eu te busco.

Será o fruto desta hora, considerar, que depois de atarmos com novas culpas ao Senhor, para que nos não liga, o deixamos para que nos não veja, buscando só aquelles gostos que delle nos apartam mais, por não ter couza que nos não doa, ou à vista nos possa dar pena, de que se segue, q̄ ou metendonos de todo no mundo, que he o Interno, totalmente nos apartamos de Deos, sem mais nos querermos lembrar de seu amor, & Payxão. E aqui se pôde cõsiderar o mal que faz deixar a Oraçam, depois de conhecer a utilidade que ella tem.

COMPLETAS.

TOrnando para o meu Senhor, cuidarey que o acho tremendo, agonizado, & desmayado, & vendo que entra em sy, logo que eu me chego a elle, lhe direy, tomandoo nos braços: Meu Senhor

nhor da minha alma, amor do meu coração, ancia dos meus suspiros, meu adorador, & meu bem todo, quem vos poz em tamanha pena, quem vos causou tamanha dor, que já me nam fallais, meu Rey, que já me nam olhais, meu Deos? Que he isto, amor dos meus sentidos, vòs sem alento, & eu com animo? vòs tam defunto, & eu com vida? vòs desfayado, & eu com alma? E dizendolhe tudo o mais que o coração quizer, farey por me unir muito com elle, por dezatarlhe as cordas dos braços, & lavarlhe as chagas com lagrimas, lavando, para parecerlhe melhor, com o seu sangue as minhas culpas.

Aqui me parecerà, que deitandome aos seus braços me agradece que assim o folte, ainda que queixandose de que achandose tantas vezes atado, não me pedisse o coração tirarlhe aquellas prizoês; & que vendo o morrer de frio (que isto sam as friezas do amor de Deos) me não dèsse na vontade abrigallo nos meus braços, quando me parece que o seu Divino

Espirito me estava dando calor para me chegar a elle, mãos para o dezatar, & azas para o acolher.

Será o fruto desta hora, entender que todas minhas friezas de Espirito são o frio, que o Senhor padece, os descuydos do meu amor, as prizoens que atão ao meu Deos, & que logo que as friezas se acabem, & os descuidos se percão, se me acenderá o coração de maneira, que pon-do em Deos todo o cuidado, o trazendo sempre no sentido, que não será difficul-toso sentir na Alma aquelles fogos do Es-pirito Santo, por cujus incendios suspire.

Summa.

MElhor que tudo será a toda a ho-ra, tomando nos braços ao meu Senhor, não deyxallo só nem hum instan-te, ou escutando-o, ou respondendo-lhe, & sempre em hum vivo movimento de seu amor estar amando, & abraçando, & se não puder dar a Deos mais que huma hora, cuidarey o seguinte.

Con-

Considerarey, que sendo o coração fortaleza, que o Senhor havia fiado de mim, fazendo a Natureza treyção à Graça, a entregou aos inimigos de Deos, a quem por acharem dentro na minha Alma, atarão ao meu coração, cuja dureza impedernida o tinha convertido em Coluna de marmore, com as cadeas de meus vicios, onde sendo meus peccados azoragues, & minha liberdade verdugo, foy açoutado cruelmente, tratando como vil escravo a quem era Senhor do Mundo, a Magestade do Ceo, & o mimo da Bemaventurança; mas hindome mal com meus vicios, & vendo como me perdia nas mãos do Mundo, & do Demonio, tomando ao meu Senhor, & tirandoo daquella pena, pedindolhe muitos perdoens, & chorando em fim muitas lagrimas, lhe torney a dar o dominio de suas fortalezas, deyxando fóra leus contrarios, & meus inimigos, com a força de sua ajuda. Fechando pois todas as portas por onde possa entrar dentro, pondo em defensa tudo o mais por onde possaõ dar-me

me affalto, lhe pedirey posto a seus pès, que para poder resistir, & defender me em seu nome, me não falte com seus auxilios efficazes, para que em perpetua guarda da sua Ley, se ponhão nas portas dos sentidos muitos Anjos de minha guarda, nos muros do entendimento a centinella da Oraçam, na homenagem da Alma as bandeyras de sua Fè, nos armazens da memoria as muniçoens de seus beneficios, na artilheria da vontade a polvora de seu Amor, para que com o fogo do Espirito Santo, que elle pôde mandar, abrazados os inimigos, & eu azezo em Divinas chamas, não só mortifique a carne, mas fazendo fugir o Demonio, ponha por terra todo o Mundo com as cargas da Penitencia, que he para o Inferno ruina, para mim defença, para o Céu salvas se repetem muitas vezes, não só nas trincheyras da Perseverança, mas sobre o fossô da Humildade.

QUAR

QUARTA FEYRA.

ECCE HOMO.

MATHIAS.

Recolhido o meu coração, não parecei, que assim como Pilatos mostrou o meu Senhor ao Povo de Jerusalém, coroadado a cabeça de espinhos, com hũa purpura ridicula, & com hum fetro vão de cana, atadas as mãos, o corpo cheyo de feridas, o rosto afrontado, injuriado, cuspidos, & disfigurado: Assim o Eterno Pay mostrádo dentro na minha Alma ao povo de minhas culpas, & aos Ministros, & Pontífices de minhas potencias, & sentidos, diga todos, que alli tem diante dos olhos, a quem farão, & maltratarão meus pensamentos com espinhos,

minhas lascivas com açoutes, minhas vaidades com desprezos, minha ouzadia com salivas, minhas solturas com barações, & minhas ostentaçoens cõ purpuras.

Parecerme ha depois disto, que pergunta Deos a meus vicios, se querem perdoar a seu Filho, pois se lhe escusará a morte, escusando elles a culpa. E todos responderão: Crucifícao, Crucifícao Cõ o q̃ entristecido o Senhor, assombrado o Ceo, palmados os Anjos, & confusamente admirados os Elementos, & Criaturas, ficarão suspensas naquella maldade minha.

Será o fruto desta hora, crucificarmos ao Mundo, nossos sentidos, & potencias, pois se atrevèraõ impiamente a crucificar a seu Senhor. Veremos, que sem mortificação não andamos seguros na Terra, & que he necessario trazermos na cabeça pensamentos, que nos fação dor, andarem as nossas mãos atadas como que vay ao sacrificio, & vestirmonos de paciencia contra as zombarias do Mundo, fazendo nos com a paciencia huma imi-

tação do Corpo de Christo, que todo
estará em chaga.

L A V D E S.

Tornando a ver ao meu Senhor, me
parecerá que me diz o Eterno Pay:
Eis aqui tens a quem condemnas, porque
se faz Filho de Deos, esse he o Homem
que persegues; & me repete, esse he o
Homem que persegues, porque tam ou-
tro o deixarão os açoutes, & feridas, que
ao mesmo parece que era necessario di-
zer que era seu Filho, para que eu, & as
minhas culpas conhecessem, que era quê
eu, & ellas acusavão.

Aqui considerarey, que se o Filho
de Deos por amor de mim chegou a pare-
cer tam outro, que parecia peccador, pois
em hum castigo tão cruel mostrava que
tinha culpas, que me he necessario to-
mar a sua innocencia, & parecer Filho de
Deos, para que có esta troca; sendo muy
outro do que fui, nada me fique do que
fou.

Será

o Serà o fructo desta hora, hũa grande mudança de vida, para que com Sam Paulo possa dizer, que já não sou eu, mas que sou o Crucificado, & que vive dentro em mim Christo, que a minha vida toda he Christo, & o morrer he toda minha gloria.

PRIMA.

M Etendome no meu coração, me parecerà que acho nelle o meu Iesus, na mesma figura que antes, & que em chegando a elle, me diz estas palavras muy amorosamente: Filho, se depois de atravessarme a Alma com teus mãos pensamentos; se depois de meter debaixo dos pés a minha Divindade com tuas vanglorias; se depois de zombar de mim com tuas vaidades; se depois de me abrir a agoutes com teus deleites, ainda me queres pôr na Cruz, & me nam perdoas a morte, eisma aqui, faze o que quizeres, eisma aqui tens, não me perdoes, eisma aqui tens, afrontame, & crucificame, porque aparelhado estou para entregar-me

me em tuas mãos, & fazer a tua vontade.

Aqui considerarey, que todas as vezes que estou para cometer alguma culpa, nenhuma outra cousa faz o Senhor, que já de meus pensamentos vem ferido, & de minhas obras magoado, mais que pôrse diante de mim, & dizerme: Filho, eis-me aqui, se sobre o que te hey sofrido me queres crucificar agora, eis aqui me tens, poem me na Cruz, que isto he para mim outra culpa.

Será o fruto desta hora, ficar cõ hũa perpetua memoria destas palavras, que para toda a tenção são utilissimas; aprendendo tambem aquella mansidão, & brandura, com que parece que aos mesmos aggravos se entrega, & não se escandelize.

T E R C, A.

Tornando dentro a minha alma, & vendo ao meu Senhor muy triste, lhe perguntarey com amor: Meu Deos, meu Amor, & meu Senhor, alegria dos meus

meus sentidos, & sempre gloria de minha Alma, quem vos causou essa tristeza? Quem vos mudou tanto a figura, que já não acho em vossos olhos a graça com que me vião.

Parecerme ha, que o Senhor mercede responde: Filho, menos me aggravão hoje os mãos, que os que devião ser bons, pois acho mayor piedade nos meus deyxados, que nos meus favorecidos Pilatos muytas vezes me quiz perdoar a morte, & o meu Povo mimoso não cessa por me tirar a vida. Vê tu, se as entranhas de hũ Deos, que são tudo misericordia, deyxaram de se despedaçar, metendo no coração estas viboras.

Serã o fruto desta hora, considerar que as offensas que Deos sente, são mais as dos seus escolhidos, pois não he muito q̃ não corra ao mar quem nasceo lagôa, mas que contra a ordem natural, não corraõ a seu centro os rios, que para o mar tem o caminho, & inclinação, & a natureza; este he o mayor espanto.

SEXTA.

Regnum meum uon est de hoc mnnndo.

ENtrarey no meu coração, & vendo o meu Senhor coroado de espinhos, com hum scetro de cana, & com huma purpura de elcarnio, lhe direy: Meu Deos, meu Rey, & meu Senhor, que insignias são estas tam estranhas de vosso Imperio, & Magestade? Não sois vòs o Senhor do Mundo? Não sois vòs o Principe da Gloria? Pois como he isto, meu Senhor, que não entendo esta figura em que vos vejo tam mudado?

Parecerme ha, que me responde: Filho, o meu Reyno não he como os do mundo; nem quem quizer reynar comigo ha de querer os Reynos da terra; quem nella me imitar para reynar no Geo, ha de ter Coroa de Martyrio; ou seu scetro ha de ser zombaria do mundo, ou a sua purpura desprezo; tam pouca cousa são esses thronos, de que o mundo faz pertençaõ, que

que quem os não tem por mais ocos que a cana, por mais desprezíveis que a purpura, por mais asperos que as espinhas, de Rey se fará escravo, & não menos que do Demonio, & será atormentado no Inferno para toda a eternidade.

Serà o fruto desta hora, hum efficaz conhecimento do engano dos bens do mundo, para que delle só nos fique hum vivo, & certo conhecimento, & deenganho, com que zombemos da mentira, com que nos douirão suas quimeras, & não entremos na fatça, cõ que passãõ suas figuras.

N O A.

TOrnando à vista do meu Deos, me parecerà q̃o acho muy dolorido, & perguntandolhe o que tem, imaginarey que me diz: que não sente tanto a dor que lhe fizerão as espinhas, a zombaria que se lhe fez na cana, & a vergonha que lhe cantou a purpura, como a q̃ elles significão.

Para o saber, considerarey, que os

espinhos erão de juncos marinhos, tira-
dos do mar, figura da Graça; a Cana, a
planta q̄ deita mais raizes na terra, amal-
diçoada pela culpa: a Purpura tinta no
sangue de hum peixe, que não tem me-
moria: & apartarse tanto do lugar da Gra-
ça, quem offende o seu Senhor, deitar tã-
tas raizes no mundo, quem havia de bus-
car o Ceo, & não ter memoria da morte,
quem dos seus despojos faz gala; isto he
o que Deos mais sente, pois por não ha-
ver lembrança da morte, se perde cega-
mente a vida, figurada no sangue da pur-
pura, por se meter pela terra dentro, se
perde a vaidade dos homens, represen-
tada no fectro da cana: & por se pôr muy
longe da Graça, se culpa a maldade do
Mundo.

Serã o fruto desta hora, ver que hum
agudo pensamento da culpa nos tira de
hum mar de Graça, hum leve descuydo
da Payxão de Christo nos arrisca a vida
do Espirito, huma vaã presumpção do
mundo nos faz perder o Ceo, metêdonos
por dentro do Inferno, aonde se prendê

raizes da vangloria, luxuria, & de toda a vaidade humana.

VESPORAS.

M Andando a todos meus sentidos, que dentro na minha alma vão fallar com o meu Senhor, me parecerá q' o acho chorando naquella figura lastimosa, com que a qualquer memoria minha diz: Eisme aqui; & perguntando-lhe com muito amor, porque chora com tanta mágoa, imaginarei que me diz: Filho, tu es causa de meu pranto, porque tu es como Pilatos, que depois de não achar rezaõ para offenderme; depois de querer que outros muitos me não aggravesem fazendo muito por servirme, depois de perguntar-lhe muitas vezes que mal lhe fiz, & em que pequey, perdes quanto me obrigaste por respeito dos homens, b. stando hum med'õ vil de perder os bẽs da terra, & de faltar às rezoens de estado do mundo, temendo mais aos homens q' a Deos, para perderes o animo, com que
po-

podrás agradarme de todo, & subir ao estado da perfeição; sendo a mayor dor ver, que pelo caminho do Ceo, para que só faltava hum passo, te percipitas ao Inferno, onde não ha remedio, & em fim vens a perder tudo por huns nada, que faltão, & que deyxas de vencer, por querer antes a Deos afrontado, & a teu Senhor em huma Cruz, que a Cesar offendido; isto depois de confessares que nam tinha caula algũa.

Serà o fruto desta hora, conhecer quantas vezes pelas amizades dos homês, & pelos respeitos humanos, perdemos o respeito a Deos, & a amizade do Senhor; & quantas vezes por nam perder as Dignidades da terra, perdemos o Reyno do Cèo, deixando de chegar à perfeição, por não chegar a dar mais hum passo no caminho espirital. Servinosha esta consideração, que he utilissima de esperar a razão, & resolução para exercitar o valor do Espirito, com que sem medo de nossos inimigos devemos servir fielmente ao Senhor.

COMPLETAS.

R Estituindome ao meu Deos, para acabar com elle odia, me parecerá que o vejo com a mayor dor que nunca; & perguntandolhe o que tem, imaginarey que diz: Filho, sendo tanto o que me viste sentir atègora, não tem comparação com o que agora sinto; pois entregarme Pilatos aos Iudeos, conhecendo q̄ não tinha causa, mào he; mas era barba-ro. Entregarme contra sua vontade aos Iudeos, não he bom, mas era homem. Entregar o seu Deos ao Demonio, peor era, mas era Idolatria. Porém fazendome esta afronta, & conhecendo esta injustiça, lavar as mãos deste feito, isto he o que mais me agrava, pois se ficou tendo por justo. Assim que tu me offendesses, bem q̄ me tivesses por justo não era muito, se eras nescio, que contra teu gosto outras vezes seguisses a rezão do mundo, não to estranhey, porque eras homem. Que idolatrasse loucamente a minha offensa, &

teu

teu engano, eu to sofri, que andavas ce-
go; mas que pondome em huma Cruz,
ou consentindoo, que he o mesmo, que
confessando que era culpa o que se fez
porque o quize este, que conhecendo a li-
berdade que tinhas para não peccar, que
entregandome a meus inimigos (isto he
aos vicios, & peccados) que assim me
afrontão, & atormentão, fazendo isto a
maõs lavadas, te imagines muyto inno-
cente, & te pareça que es hum Santo,
isto me corta o coração, isto me atravessa
as entranhas.

Serã o fruto desta hora, ternos sem-
pre por peccadores, & não por justifica-
dos, pois em huma breve complacencia
com que nos entregamos aos vicios, en-
tregamos à Cruz a Christo, fazendo, em
nõs o mesmo qualquer payxão mortifi-
cada mal, ou qualquer graça resistida a
terse por santo, & por justo quem vive na
casa da culpa, que isto he o viver na ter-
ra; já faz o mesmo que Pilatos, pois que-
rendo servir a Deos, & desejando summa-
mente não impedir o mal, lhe faz perder

todo o bem, & cometer este peccado; tirarey daqui, que não he menor mal ao bê que deyxo de fazer, que o mal que faço.

Summa.

MElhor que tudo serà a toda a hora tomallo com muitas lagrimas nos braços da Alma, fallarlhe com o coração, & responderlhe com as entranhas, & tirarlhe da cabeça os espinhos, com lançar fó a os mãos pensamentos, tirarlhe a cana da mão com pizar a nossa vaidade, despindolhe a purpura dos hombros, com chorar muito a sua afronta, de que hum tempo fazemos gala; dezatandolhe as mãos com dezembaraçarnos do mundo, para pôr nas suas mãos a nossa vontade; faremos por gastar todo o tempo em hũ ardente fervor de Espirito, em huma passmada admiração, em huma perpetua acção de graças, com que louvando sua misericordia, dando graças a seu amor, & implorando suas piedades, depois de nos dormos com elle de suas chagas, & feridas,

das, & depois de apertar-lhas com a Alma, sendo os seus braços ataduras, & curar-lhas com o caustico de hum vivissimo, & ardente amor, lhe pediremos, que por esta coroação, & à honra della, nos conceda, que ponhamos na Alma esta insignia como coroa de victoria, & como final de triumpho contra todas nossas tentações.

Quem não tiver mais que huma hora, cuidará que a nossa Alma he Corte, o coração Paço, a memoria Throno, a vótade Valido, o entendimento Conselheiro, os sentidos Ministros, & o meu Senhor o Rey, a quem todos servem, & obedecem por Ley natural. Mas rebellandome contra elle, por entregar ao Demonio todo o imperio da liberdade do mesmo meu coração, onde o Senhor sempre morava, estimandoo como o Paço, conjurandome com todos os vicios, o prendi, atey, & afrontey, & depois de açoutallo à Coluna para zombar do Rey Eterno, lhe dey coroa de tormento, sceptro de zombaria, & purpura de escarnio;

& mostrando de dentro de meu coração a todas as culpas, & vícios, que o cercavão por toda a parte, lhe direy o estado, em que o puz, & se querem que o crucifique. Mas tornando em sy a razão, & dizendome o entendimêto a grande treyção, que fazia a hum Senhor, que me amava tanto, quam ingrato correspondia a quem me tratou tam benigno, & em quanta afronta tinha posto o Senhor dos Ceos, & da Terra; mais com o pezar de offender tamanha Bondade, que com medo dos castigos que merecia, estalandome o coração, & fazendoseme em pedaços, cahia sobre todos meus vícios, que enterados nesta ruína, & afogados em hum mar de lagrimas, acabem subitamente, ficando eu aos pès do meu Senhor, pedindolhe muitos perdoês, & restituindome elle aos sobreditos ministerios, tornarey mais efficaamente a servillo, como a meu Pay, como a meu Dcos, & meu Senhor.

este este este este este este este

QUINTA FEYRA.

COM A CRUZ AS COSTAS.

M A T I N A S.

*Et bajnlans sibi Crucem, exiuit in eum,
qui dicitur Calvriae locum.*

P Arcermeha, que acordando a mi-
nha Alma do sono do descuydo aos
gritos do coração, que sendo para o Se-
nhor rua de Amargura, o vê passar com
a Cruz às costas, vay tambem ver este es-
pectaculo, & a poucos passos com que o
busca, o acha dentro em sy, mudada a
cor, perdida a fôrma, cheyo de fangue,
& feridas, com cordas nas mãos, & gar-
ganta, & na mais lastimosa figura que he
possivel imaginar-se; & virandose para
mim, cuidarey que me diz estas palavras,
&

& seràm a meditaçam desta hora.

Filho: todos no mundo, ou me seguem, ou me perseguem; seguem-me os que imitandome, não só tomão, mas abração a sua Cruz, conhecendo que sem ella se não pòde chegar ao Monte da Oração, nem ao da Gloria: perseguem-me os que tendo a Cruz por afronta, & não se atrevendo a soffrella, passão leve, & gozozamente por esta vida da amargura, de quem he rua todo o mundo, querendo ser na terra mais que Deos, pois querem no lugar da culpa ser Bemaventurados. Se pois eu, que sou Filho de Deos, não hey de entrar no Ceo sem Cruz, como tu, sendo peccador, cuydas que entraràs sem ella no Ceo? Se te prezas de meu discipulo, se queres seguirme, & salvarte, toma, toma tua Cruz, & vem atrás de mim, & não busques outro caminho, que este só he o verdadeiro. E envegonhate Peccador, de que havendo tantos que me sigão com Cruzes tam pezadas, reças tu hia tam leve, que só peza o que te pefa de verte o mundo atrás de mim. Tiveste valor

valor là no seculo para arrastar briosamente o pezado jugo da culpa, & faltate hoje coraçãõ para levar sobre teus hombros hũa tam leve Cruz de cana. Envergonhate seruo inutil, de que servisses ao Demonio cõ mais cuidado que a teu Deos, & de que haja tantos no mundo, q̃ sofrãõ mais por Satanàs, do q̃ tu pelo teu Senhor. Segueme, legueme, meu Filho, que aqui vou diante de ti, para passar primeiro os riscos, que podes ter nesta jornada, & hãõ cuydes de mim tam pouco, que sobre tuas forças te darey Cruz com que me sigas.

Serã o fruto desta hora, conhecer, que para salvarme, & ser seruo de Deos, hey de ter Cruz com que o siga, & com que imite os seus passos, que não só se derãõ pa a meu remedio, mas para meu exemplo, & para conhecer esta Cruz, quando eu a não tenha nos preceitos, que guardo, nos votos que fiz, ou em qualquer outra couza, com que o Senhor ma dà claramente, poderey crer que a tenho, como Sam Paulo, em toda a grande ten-

tação que tenha; & quando estas me faltarem pela misericordia de Deos; a poderey fazer na navegação das vontades da natureza, pizando varonilmente todas as repugnancias da carne, que se oppoem à Graça, & ao Espirito.

LAVDES.

Desejando seguir ao meu Senhor, ainda q̃ me seja pezado entrar em Oração, disto farey Cruz para o acompanhar, & entrando dentro de minha Alma. o verey acompanhado de dous Laddrens, que tambem levão suas Cruzes. Aqui me parecerã, que pondome o Senhor aquelles seus olhos cheyos de amor, me diz: Filho, os maos tambem té Cruz, & muitos destes mostrão ao mundo, que me seguem, mas com muito grande differença, que elles vem comigo para me afrontar, & para se perder, se algũa rara contrição não faz que se lembre delles a minha misericordia. Os bons vem para me ajudar a levar o pezo da Cruz, que eu

reparto com meus amigos. Vê tu agora se te convem ser destes, se daquelles; & se havendo de ter Cruz no mundo, te cõvem tella para fazer della escada para o Ceo, ou para descer por ella para o Inferno? Olha tambem não te enganes com a tua Cruz, porque em te tendo pezada, he final que não he boa.

Será o fruto desta hora, conhecer, que não basta ter Cruz, se a Cruz não he boa, pois tambem as Cruzes dos Ladrosões erão Cruzes, mas não erão como as de Christo, & para o saber, examinarey se ma deu o mundo, ou a culpa, ou se a tomo eu. A primeira he Cruz do Demonio, a segunda de Christo; porque nisto se declrão as palavras, com que o Senhor quer q̄ levem: *Tollat, &c.* Tomando cada hum Cruz, que seja sua, & não dada por outro; porque tambem esta levase por força, aquella por vontade.

PRIMA.

Tomando pois a minha Cruz. & seguindo a meu Senhor de todo o meu coração, o verey cahir muitas vezes, lastimandose magoadamente nas pedras duras do meu peito, & levantandose logo, sem parar me diz estas palavras: Filho se depois de teres Cruz, & de me seguirez, cahires, trata de levantarte depressa, & de hir a diante; porque se assim o não fizeres, tornando para trás, he certo que deixas o caminho do Ceo, & se te detiveres muito, chegaràs tarde, & não poderàs subir ao Monte, onde eu te espero nos meus braços. De nenhuma maneira desconfies, quando cahires, entende que te a razaste muito, & que já não poderàs alcançarme; porque se a tua queda for mais fraqueza, que vontade, & mais tropeço, que advertencia, sabe que te vou esperando; porque sey, que se tu me amas, nestas quedas has de cobrar forças, com que cobres mais que o perdido, & cõ que apres-

apresses mais o passo. E se vès, que em mim cahe a natureza com ajudalla a Divindade, porque cuidas que não cahirà em ti a Graça combatida da natureza? Os justos cahem muytas vezes, quanto mais os que são peccadores; & ha nisto só a natureza, que os bons cahem de inadvertencia, & os preverfos por sua malicia. Se desces, que muito he que te humilhes, & se sobes, que muito he que cances; cõ-tudo o que mais te importa, he levantar-te, & hir a diante, que aqui estou para darte a mão, & para levarte nos meus hõ-bros, quando não poderem os teus

Serà o fruto desta hora, conhecer, inda que me veja cahir, que o que cõvem, he não parar: & chegandome ao meu Senhor, que he certo que me espera com sua misericordia, pedirlhe humilde, & amorosamente, que me perdoe minhas culpas, pois sabe a minha fragilidade, & conhece qual sempre fui, pois o que tenho bom, he seu, & só meu, o que em mim ha não; porque de outro modo, afastandome da Oração, & da conversação do Senhor,

nhor, he sem duvida que me entrego a meus inimigos, & me ponho delle tam longe, quanto elle vay para diante, & quanto eu torno para trás.

TERC, A.

*Filia Hierusalem, nolite flere super me:
sed super vos ipsas flere, & super
filios vestros.*

TOrnando aos passos amargozos cõ que figo a meu Senhor, me parecerà, que virandose o Senhor para todos os devotos de sua Igreja (que disso he figura Ierusalem) os começa a ensinar, & advertir, que não chorem só porque que-rem, senão por obrigação que era devi-da.

Considerarey, que bastão às vezes duas lagrimas & qualquer devoção, com que figamos ao Senhor, para que vire para nós os olhos de misericordia, & nos ensi-ne com as palavras, assim como com as obras. E nos advirta o melhor modo, cõ que

que o podemos servir. Aqui veremos também como não falla com outros, mais q̄ com as filhas de Ierusalem, sendo que (como diz Caietano) muitas outras o acompanhavão, & lamentavão também. E a razão he, porque a turba, q̄ pedio, q̄ o crucificassem, era indigna de fallarhe Deos, & às mulheres de Galilèa não tocavão os ameaços, que Christo fez às do seu Povo, que havia de ser destruído pelas culpas que cometia. Isto finalmente vem a ser, que chorassem por seus peccados, porque parece que não quer o Senhor dar castigos, sem ensinar os meyo de achar sua misericordia, como agrade-cido àquellas lagrimas, que para o seu amor são perolas, se do fundo do amargozo do mar da penitencia se tirão das conchas do coração.

Serà o fruto desta hora chorar interior, & exteriormente por nossas culpas, & peccados, não lagrimas, que por compay-xão tenhamos nos olhos juntamente a sua origem, & o seu fim, mas que nação do coração as raizes amargozas da contri-

E

ção,

ção, & da penitencia, onde ellas té a melhor fonte, & o amor o seu principio; pois por ellas se perdoou a Pedro, por ellas se não foverteo Ninive; por ellas foy Santa a Magdalena, & as mais conversoens das Almas começarão nesta agoa mysteriosa, onde se temperão as armas da Iustiza Divina, & se forjão os rayos de seu Divino Amor.

SEXTA.

ENtrando na Oração, me parecerà q̄ vejo o Senhor na mesma figurahirnos continuando os avisos, quando nos faz ameaças, dizendo; que se nos Tribunaes da terra se fazem estas justizas no Innocente, que se farà no Peccador, quando no dia do Juizo apparecer no Tribunal da Divina Iustiza.

Aqui considerarey, que devo não ser como Caitás, a quem dizendo o Senhor, que assim o veria no dia do Juizo, não se persuadindo que contra elle o podia haver, pelas offensas que então se lhe representen-

sentavão feitas a Deos, rasgou os vestidos, & não o coração, mostrando que lhe não passava a dor dos vestidos. Por isso se nos espedaçaram as entranhas, vendo a grande conta, que darão neste terrível dia aquelles q̄ tam pouca fazem no mundo da muita que hão de dar em o Juizo, lançando os mais delles tãtos temerarios sobre o viver dos outros homens; & talvez mais justificados. E aqui farey porque se me represente qual ferà o fogo do Inferno nos madeyros secos da culpa, se na planta verde da Graça se ateou abrazadamente o fogo da maldade humana. Verey tambem como este dia ferà tam horrendo, & terrível, o rosto benigno do Senhor, que temendo mais os condemnados a sua vista que os tormentos, pedirão aos montes que os cubrão, & aos outeyros que os escondão, sem que lhe valha então o medo, pois lhe não val agora o Juizo.

Serà o fruto desta hora, a consideração do dia do Juizo, & daquelle aspecto tremendo, com que sobre o Throno das

nuvês ha de apparecer o Senhor, por cuja causa todos os culpados do mundo faremos por esconder os olhos, & não lançar os olhos, nem juizos temerarios, nem meternos nas vidas dos outros, ju'gando-nos sempre a nós mesmos nos exames da consciencia, que devem ser a cada hora, & quando menos cada dia, & cada hora pòde chegar a derradeira, onde o nosso dia do Juizo he o nosso ultimo dia, que não só poderà ser o de à manhãa, porém tambem o dia de hoje, daqui a pouco, logo, ou já, & não convem que vivamos em estado, em que nos pese de morrer.

NOA.

TOrnando a ver o meu Senhor na amargura do meu coração, & nos pastos da minha Alma; se me representará aquella Mulher devota, que com hũa toalha branca alimpou seu Santissimo rosto, cuja figura lastimosa lhe ficou impressa na toalha.

Considerarey, que assim deve fazer a mi-

minha memoria, chegandome muito ao Senhor, & limpandolhe seu Santissimo rosto com huma purissima intenção, onde me fique o seu retrato, envergonhandome muito, de que na lamina de huma Alma se não pinte tam vivamente, & que nem ainda de morta cor pinte como quer o coração, & entendendo que à falta de pureza, que na brandura se declara tudo o que neste debuxo faltar aos meus sentidos, farey muyto por lavar com lagrimas as manchas, que os afearem eímerandose a consciencia em toda a limpeza de Espirito.

Será o fruto desta hora, o conhecer quam util me he a memoria da Payxão de Christo, pois he certo, que esta se não imprime senão em almas muito puras, onde já fica o seu retrato, quando nem por sombras achamos em outro retrato bons pertos, & quando do rosto da culpa só nos parecem bem os longes.

E iij. VES.

VESPORAS.

L Evandome a memoria do meu Senhor a ver os passos, que dà na minha Alma, & vendo hir tam magoado, os hombros feridos da Cruz, o corpo cahindo de fraco, os olhos mortos de tristeza, o cabello cheyo de fangue, a boca toda denegrada, a feição toda demudada, a respiração afogandose, os pès cortandose, & trocandose; me chegarey a elle com grande amor, & màgoa do meu coração, & lhe direy: Meu Criador, meu Deus, meu Bem, & meu Senhor, ponde aos meus hombros essa Cruz, descançay aqui nos meus braços, que tempo tendes para os passos, a que meus erros vos obrigão, sinta eu tambem o tormento; pois que foy minha a culpa. Reparti comigo essas dores, pois tam benigno, & amoroso me dais vossos merecimentos, não verha eu aqui só a vovos, venha tambem para livrarvos; não seja isto só a olhar, seja tambem a sentir; & parecerme ha que me responde.

Fi.

Filho, todos os meus passos são para teu remedio, todos os teus devem ser para meu serviço, & ainda que te pareça que mo fazes em me deter, & ajudando-me, não te convem em que pare em remediar, nem que tu pares em servir-me; importa que te não detenhas, nem no teu bem, nem no teu mal; de passo has de hir por huma vida que se acaba a cada passo; & assim como os males do mundo se não devem temer, porque todos são transitorios, assim os bens se não devem estimar, pois não são permanentes. Não tens grande amor à Cruz, se no meyo das amarguras queres a gloria de meus braços; as suavidades, & os gostos, que assim deseja o teu Espirito, são fraquezas do coração, que não atura os seus rigores; trata agora de padecer, que he o q mais te importa, & não duvides tanto de ti, nem de mim, que imagines que te hey mister; cuida que me has mister a mim, & que esse amor com que me buscas, esse valor com que te sentes, he só aquillo que me eu meto por dento de teu coração, faze

por não desfalecer, porque ainda não chegaste a subir o que te falta para a morte. Vem, que então quero que me ajudes, & ao menos que não desmayes, pois não sobem a estar comigo, senão os que tem muy grande animo, huns coraçoes tamanhos, que não cabem em todo o mundo, que passem da Terra, & do Ceo, & em quem ao menos cayba tudo quanto eu desejo meter nelles, são os que eu sómente estimo, para depositar meus thesouros, & para occupar meu amor; agora segueme, conhecendote por inutil, louvandome por misericordioso, amandome por minha bondade, & pedindomeo que te convem.

Será o fruto desta hora, conhecer que toda a vida he hum passo, & se o Senhor sem parar na Encarnação os deu do Ceo à Terra; no Nascimento do ventre ao Mundo; na Redempção do Horto à Cruz; na consumação, da Cruz à morte, não devemos nós de parar detendo nas penas ao Senhor, & detendonos na consolação; antes preparar as consolações para

para toda a guerra do Espirito, conhecendo em suas batalhas, q̄ todas se se vencem, nos dão coroas, que o Senhor não se comunica às Almas muy magnanimas.

COMPLETAS.

PArecermeha, seguindo na Oração a meu Deus, que o vejo subir ao Monte Calvario, onde no ultimo passo não para para descansar, senão para mais padecer, pois tirandolhe a Cruz para o crucificar, arracandolhe com a tunica a carne que se lhe pegará, não só com o sangue das feridas, com hum mar de suor de sangue; depois de a darem aos soldados, onde ao peior cahio em sorte, o mandarão deitar na Cruz, para nella lhe tirar a vida. Considerarey neste passo que succede aos perfeitos, a quô o Senhor subio a mayor grao da Oração, pois não havendo mais que subir, não parão para descansar, senão para mais padecer, nem chegão à contemplação, senão para mais sentir; sendo o menos que fazem

def.

despirse não só de tudo o que levão do mundo, mas juntamente de sy mesmos, sentindo então a mayor Cruz, atè se lhe acabar a vida, como se vio nos Apostolos, & o testemunhão outros Santos.

Serà o fruto desta hora, não desejar chegar ao alto da Oração, & ao ultimo passo da perfeição pelo premio que se nos promete, senão por imitar melhor a Christo, desejando padecer por elle, & por todos os mãos do mundo, a troco de que a sua bondade tenha misericordia delles, & veja em nós, que o seguimos, desejando mais a gloria de seu nome, que a nossa Bemaventurança.

Summa.

Melhor que tudo isto serà em hum vivo movimêto de amor de Deos, hir seguindo suas pizadas, & gastar todo o tempo fallandolhe com o coração, sem parar nas grandes amarguras que tem os passos deste Mundo, fazendo com grande fervor do Espirito, porque a Alma senão def-

desmayer até chegar com o Senhor ao Monte, figura do mais alto estado a que se chega nesta vida, pedindo-lhe, que assim como pela culpa de o crucificar foy Jerusaleem assolada, não ficando pedra sobre pedra, assim permita, que assolando eu, com os auxilios de sua misericordia, toda a Cidade de meus vicios, & povo de minhas culpas, não fiquem dellas mais que as memorias para chorar, & as ruinas, não para as sentir, mas para edificar sobre todas o Templo santo da Oração, onde só morem as virtudes, & hum grande desejo de emenda.

Quem não tiver mais que hũa hora, poderá, se quizer, ter a Oração seguinte.

Cuidarey, que levantandose a minha Alma do leyto da culpa, pelos passos da penitência vay buscar o seu Espôso pelas ruas de sua memoria, & por toda a parte dos sentidos, que se tem feito Babilonia mais que terra de Jerusaleem; & ouvindo as lagrimas, & os ays com que
fe

se lamenta o meu amor, que vay pelas mi-
 nhas entranhas, ruas para elle de amargu-
 ra com a Cruz de meus peccados, vol-
 tando para ver se o figo, detendose para
 ver se o olho, & cahindo para ver se o al-
 canço, deixando, só por moverme, em
 suas pègadas o sangue, em seus eccos os
 meus avisos, & até em hum lenço o seu
 retrato; o busco no Monte Calvario, aon-
 de o acho pondo na Cruz, & onde ain-
 da as minhas offensas lhe estão tirando
 as vestiduras, aõ mesmo passo em que se
 queixa, que assim lhe queira tirar a tuni-
 ca, quem lhe não quer tirar os espinhos.
 Aqui vendo banhado em sangue, cheio
 de magoas, & de afrontas, & de ancias,
 tormentos, & afflicçoens, me parecerà, q̃
 doendose a Alma do muito que o ma-
 goou a vontade do que o offendeu, & os
 sentidos do que o affligio, desfazendo os
 olhos em lagrimas, os sentidos em suspi-
 ros, o arrebatão aos meus braços, & livrá-
 do das minhas culpas, que confundidas
 se apartão de mim, fazendolhe leyta do

Monte Calvario, onde a minha Alma he Cruz, em que meus peccados crucificação a meu Senhor, pondolhe por 'pregos nas mãos toda a crueldade das más obras, & por cravos nos pés toda a detença nos mãos passos; dandolhe por vinho mirrado a corrupção de minhas palavras, que para o meu Senhor torão o peor tél, & vinagre. Aqui considerarey, que em quanto o crucificarão, lhe passarão muitas vezes com os pés por cima do rosto, & fazendolhe mil afrontas, & a nenhũa mostròu irarse, antes a todas sobmeterse.

Serà a minha meditação, nam só a paciencia do meu Senhor em tormentos tam insofríveis, mas aquella humildade admiravel, com que de baixo dos pés dos homens, & dos homens mais vis, & baixos, pois erão verdugos, & algozes, se poz o Principe dos Ceos, a Magestade Divina, & o Senhor universal do Mundo. Aqui cuidarey, que olhando para mim, & fallandome com o seu silencio, me diz ao entendimento: Filho, muito, muito à minha culpa te ensino, mas se ainda nam

acabo contigo quanto quero, que muito he que faça quanto posso? E ainda que tam cruelmente me ates as mãos para te nam fazer beneficios, quando ellas estam mais prezas com este meu sangne, mais solto a teu remedio, & teu aviso. Olha, & adverte este spectaculo, que para os Anjos he assombro, para os Elementos pasmo, & para teus enganos rizo; aprende d'elle esta humildade, em que vez ao Senhor do mundo, & a Divindade de Deos, nam só aos pès dos peccadores, mas pizada dos mais preverfos, feita desprezo das infamias, & zombarias das injurias, & serà bem que vendo isto, te prezes de soberanias, altivezas te desvançam, & honras, & aplausos te dèm gosto; tu que es sómente hum pò unido, huma vivente corrupçam, & hum pouco de lodo, animado; tu cujos antes foram nada, cujos agora são hum ponto, cujos depois ham de ser cinza? Tu em fim hum bichinho vil, te queres ensoberbecer, sem ver que todas as criaturas devem armarse contra ti, por quantas vezes te atreveste contra o

teu

teu proprio Criador? Hora, Filho do meu coração, tu não te queiras castigar, pois te procuro advertir, & menos te quero perder, pois vim ao mundo só a salvarte. Envergonhate de que no mundo, onde ha tantos melhores que tu, os queiras envergonhar, & a Deos, mostrando nessa vaidade, que es melhor que eu nesta virtude; pois parece que me reprehendes de que nam sey parecer Deos, & que queres emendar isto com ensinarme a Divindade: esta foy a primeira culpa, & a mayor de todas as outras, que em castigo de sua vangloria fez cahir os Anjos no Inferno; por querer erguerse a mayores com a minha Cadeira no Ceo. Nesta Cruz faço hoje a Cadeira para te ensinar as virtudes, se pretendes ser meu Discipulo. O A. B. C. he a humildade, & por isso he o fundamento de toda a sabedoria: se queres por Mestre a Lucifer, a soberba he o non plus ultra, donde nam poderàs passar mais que à tua condenação, & aos castigos de minha ira.

Oração Serà o fruto desta hora, conhecer,

que sem humildade niuguem edifica no Mundo, nem funda bem para Deos a casa da Oração; & que deve ser verdadeira, & não de humas falsas humildades, que com rosto de reverencia dão muitas vezes costas a Deos, & vestidas de hipocresias, se vê que taõ refinada soberba, pois se feryem de modestia em quanto as honra a cortesia, & descobrem o que taõ, logo que a contrariedade as prova.

LAVDES.

Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis.

TOrnando a pôr os olhos da Alma no meu Senhor posto ua Cruz, considerarey a mansidão com que entregandose aos golpes, obedeceu aos Decretos de seu Eterno Pay, sem que no meyo dos tormentos se lhe visse hũa repugnancia, ou se lhe ouvisse huma queixa.

Serà a minha Meditação neste discurso, ver que obedecer, & queixar não se

F

com-

compadecem; resignar, & não confetir, não se podem juntar; & se o Filho de Deos, a mesma innocencia, se fogeita aos castigos da culpa; se o Senhor, o Entendimento Divino, obedece á vontade de seu Eterno Pay, & ainda á vontade dos homens, Nós os miseraveis, & nescios, os que nos fogeitamos á culpa, que razão teremos de não obedecer á rezão, de nos não fogeitarmos aos maiores. & de nos não prezarmos de subditos, quando na mesma natureza obedece o Norte a hũa pedra, se fogeitão ao Mar os Rios, se humilhião ao Leão os brutos, se entregão estes ao Homem, que deve fogeitar-se àquelle, em cujas mãos poz Deos o Mundo, & que em fim sendo superiores, representão ao mesmo Deos.

Se à o fruto desta hora, exercitar obediencia, não só aos nossos mayores, mas ás mais humildes creaturas, em quem está o nosso Deos, a quem servimos, se o servimos, fazendo sempre conta, que elle nos manda nellas, pois isto nos ensina Christo na Cruz, & quem pela Cruz segue

gue a Christo, até a morte ha de obedecer no que não for contra a sua Alma, fugitandose ainda a Alma, o corpo ao Espirito, a graça à Natureza.

PRIMA.

R Ecolhendose os meus sentidos aos interiores de minha Alma, verey como estando o meu Senhor na Cruz, rasgadas as mãos com pregos, aberto o corpo com os açoufes, ferida a cabeça cõ os espinhos, atravessada a Alma com as afrontas, cortado o coração com penas, cubertos os olhos com lagrimas, as entranhas despedaçadas com màoas, disfigurada a cor do rosto; correndo o sangue das feridas, os pès, & os nervos estirados, estalando lhe todos os ossos, doridas todas as potencias, morrendo todos os sentidos, quando mais crescião as aneias, porque se dobravão as injurias de Deos, & as offensas dos peccadores, levantando os olhos ao Ceo, com aquella bondade immensa, com aquella amor entranhavel,

disse a seu Eterno Pay: | Meu Pay, & meu Senhor, perdoay a estes, que me offendê, porque não sabem o que fazem. Oh piedade inexplicavel! oh bondade incomprehensivel! se para os que vos offendem, & affligem pedis perdão entre os tormentos, que fareis com a penitencia, a quem poitrado vos adora? Se os que obtinados vos aggravaão, achão desculpa em vossa queixa, os que vos chorão compungidos, que acharão na vossa misericordia? Se desprezando nossos beneficios sois propicio com os seus ingratos, rogando vossas benignidades, que fereis com os agradecidos: Se com humas Almas de marmore, se com huns coraçoes de pedra tendes entranhas de Cordeiro, com hũa condição de cera, com huns olhos cheios de lagrimas, que vsarão as vossas branduras? Acabada estas palavras, ou outras, que de outro modo se sabem dizer melhor com Espirito.

Serà a Meditação a ardentissima caridade q o Senhor nos ensinou na Cruz, não só sofrendo, & amando seus inimigos,

gos, mas desculpandoos com seu Pay, & pedindo perdão para elles; & sendo esta virtude o timbre com que se coroa o edificio espiritual, foi a primeira que exercitou o meu Senhor na Cruz, para mostrarnos, que quem se crucifica ao mudo, & o crucifica em sy, ha de ser aos vicios, & não às pessoas; porque de outro modo não levará bem a Cruz, nem mostrará que ao seu coração se derramou o fogo do Espírito Santo. Este he o modo com que o Senhor tinha dito, que traria a sy todo o mundo quando se exaltasse na Cruz, atrahindo, & atando a todos com a união da charidade: quem a tiver terá a Deos, & ao contrario nada terá de Deos, quem nada tiver de charidade; com esta se encobrem os deliétos dos proximos, como Christo nos ensinou; & com esta devemos a toda a hora, os que somos servos de Deos, andar dizendo có as obras, & com o exemplo de Sam Paulo: Quem nos poderá apartar da charidade do Senhor.

T E R C, A.

Cuidarey a esta hora, que vejo pender da Cruz ao meu Senhor, tam nũ dos alivios da alma, como dos abrigos do corpo, sem que lhe deixassem seus inimigos, nem aquelles leves reparos, cõ que se perdoa à modestia, & se cobre a honestidade.

Considerarey, que o Senhor não sofreu o tormento de verse nũ, por restituirnos por este modo, ou deste modo ao estado da innocencia, que perdendose cõ a culpa, se envergonhou da desnudez, & se cobrio com o vestido; mas porque havendo de vello o mundo, a quem em tudo foi exemplo, visse a pobreza nunca vista, com que ao poremno na Cruz, ao levantaremno no ar não levava nada do Mundo, nem queria nada da terra; para ensinarnos, que então he a Cruz para os Ceos escada, não só quando da terra nos tira, mas quando nos tira tam pobres, que não levamos mais thesouro que a chari-

charidade, a pobreza, & os mais adornos das virtudes, que o Senhor nos mostrou na Cruz.

Sup. Serà o fruto desta hora, desejar vivermos tam pobres na imitação de Christo, que depois de o seguirmos na Cruz, & de sahir do Mundo, não queiramos nada d'elle mais que a Cruz, vivendo nelle de maneira que estando com os pès no ar para obedecer a Deos, pareça que dos braços da Cruz fazemos azas para voar com as penas dos Serafins, que tanto foram mais leves, quanto menos for o pezo que levamos das cousas da Terra. E nós, principalmente os Filhos de meu Padre San Francisco, devemos lembrarnos das festas da Alma, & do amor, com que encontrando elle a pobreza muito fermosa, aindaque em trajos despresiveis, lhe dizia com todo o coração, abraçandoa suavemente: Venha embora a minha senhora pobreza.

SEXTA.

C Vidarey entrando na Oração, que o meu Senhor crucificado na minha alma, não só me enfina com as obras, o que hey de fazer por seu amor na Paciencia, & mais virtudes, porèm tambem com as palavras.

Confiderarey, que as palavras de Christo não só são de fruto que as de suas obras, antes são verdadeiro fruto da Arvore da Cruz, pois dellas nos faz colher a doutrina, de que nos havemos de aproveitar na tribulação, mostrando em tudo o que dizemos, que perdoamos aos inimigos, que deseamos meter no Paraíso a todos, que pedimos a Deos que nos nam desempare, nomeando por Pay só a Deos, que deseamos padecer por Deos, & que nos pomos nas suas mãos, que tomamos por Mãy a Virgem, & que ella nos queira por filhos, ou ao menos por escravos, & que cumprimos nossas palavras, consumandose nossas obras, com
atay-

abayxar a cabeça a tudo o que for sua vōtade, que he final mais evidente de lhe entregarmos o nosso Espirito.

Serà o fruto desta hora, (& ferà hum dos mais importantes) conhecer depois de crucificarmos ao mundo, que devem as nossas palavras dizer com as nossas vidas, & nascer das nossas obras palavras de edificação, & de espirito mortificado sem as flores, & sem as folhas das elegancias jactanciosas, com que na pompa da eloquencia floresce a discrição humana, fugindo daquelles enfeites, de que fazem gala os juizos, cuja soberba, & ostentação põem no concerto, & no ruído toda a fadiga dos discursos; as palavras han de ser castas, o modo humilde, as vozes brandas, sahidas do coração, que se forjê dentro no peito, & se temperem na prudencia, de maneira que sem estrondo, fação o tiro sem sentirse, penetrando dētro nas Almas, & não ficando nos ouvidos; & sobre tudo palavras que digam com o que se faz, para que não zombem de que não frizem com o que se diz.

N O A.

A Qui consideraremos, que vendo padecer o Author da vida, o dia se vestio de noites, o Sol de trevas, o ar de espãntos, a terra de medos, & o Ceo de assombros, abrindose as sepulturas, sahirão os mortos a cófessar estas marauilhas, quebrandose as pedras, reprehenderão a nossa dureza, rasgandose o Veo do Templo, se descobrirão os segredos da Divindade, & só os coraçõens humanos parece que se empedernirão, pois tam poucos houue que temessem a Deos, fazendo nelles tam pouco movimento hum tamanho terremoto.

Serà a Meditação desta hora, quam pouco havemos de querer luzir no mundo, onde se poz tão eclipsado, não só o Sol material, mas o mesmo Sol de justiça, a cuja vista devem quebrarse coraçõens de pedra, pois se quebrão as pedras: o coração, mostrando que ellas tiverão a razão, que nos faltava, & nós a dureza, que nel-

AOA

las

las se não via: a cuja morte se devem abrir as sepulturas de nossas consciencias, para que resuscitando os mortos da culpa pela confissão dos peccados, não se esconda debaixo da terra o que ha de apparecer em juizo; a cujo horror deve tremer a terra do ser humano, & moverse este pò unido, pois nos penedos insensiveis, nas serras, nos montes, & Elementos fez hum movimento tam grande: a cujo exemplo rasgandose o Veo da modestia, que esconde em nós as virtudes, ha de descobrir santidade, que vista pòde dar espanto, & persuadir o mesmo exemplo.

Serà o fructo desta hora, sentir hum grande movimento de amor de Deos, a cujos tetremotos caya tudo o que edificamos no Mundo, vestindo a Alma pela morte de seu Senhor aquelles lutos de tristeza com que arrastam os coraçoes o seu pezar, & a sua culpa, em cuja pena nos devemos envergonhar muito de que as pedras sem sentimento, as luzes sem juizo, & os Elementos sem alma, dem mayores sinaes de amor, & mayores mo-
stras

stras de pezar, que hũa alma que tem vontade, & hum juizo que tem discurso, & que hum sentimento que tem rezão.

V E S P O R A S.

C Onsiderarey, como estando o Senhor na Cruz a cabeça cheia de espinhos, os olhos cheios de afrontas, lagrimas, & sangue, os ouvidos de blasfemias, o rosto de salivas, & bofetadas, a boca de fél, & vinagre, as barbas, & cabellos santíssimos de dezacatos, & desprezos, & a garganta de cordas, & barços: os hombros pizados da Cruz; estirados os nervos; os ossos desconjuntados; as mãos abertas, & feridas com tanta crueldade nas quinas dos pregos, & no entalado dos buracos; o corpo todo rasgado com chagas, os joelhos com quedas; os pés de parte a parte atravessados; as costas abertas de golpes; & todo em fim hum mar de sangue, morto, afeado, & denegrado; não contente a maldade humana, lhe passou o peito com huma lança, querendo passar

passar com morte além da morte. Porém mostrando o Senhor quanto eram mayores as suas misericordias que as nossas mayores maldades, donde havia de sahir hum diluvio de castigos, sahir hum rio de piedades, & hum mar de Sacramentos, com cujo beneficio cobrou vista o cego, que o tinha ferido, não só nos olhos do corpo, mas nos do Espirito, de que se seguio, que confessando sua culpa, & a bõdade de Deos, não só alli, mas por todo o mundo veyo fielmente a ser triumpho cõ a coroa de martyrio.

Será a Meditação desta hora, ver quam cegos somos todos os que offendemos ao Senhor, pois estando elle morto por nosso amor, & feito em pedaços por salvar-nos, sem ver o que fazemos sobre as ofensas cometidas; quasi queremos mostrarlhe que hão de sobrevir nossas offensas a suas misericordias, exceder nossas maldades aos extremos da Redempção. Mas o Senhor, como Pay de immensa piedade, não consentindo esta cegueira, dandonos nos Sacramentos vista, dezen-

tranha a misericordia do mesmo lugar, em que pudera tomar a peitos a justiça, & vingandose de nós, ou em deixarnos mais ingratos com o excessão dos beneficios, ou em vernos convencidos com a multidão dos favores, só trate de nos reduzir, para que vejamos a quem chegamos a offender, ainda que para elle sejam lançadas, q̄ nos chegemos a elle para o ferir sómente: por cuja causa podemos com o outro Santo chamar ditosa a culpa, que adquirio tal remedio.

Será o fruto desta hora, a frequencia do Sacramento da Eucharistia, confessando a cegueira de nossas culpas em muy doridas confissoens, & não chegando a elle para lhe ferir o coração às cegas, mas que muito às claras ponhamos a boea naquella fonte de aguas vivas, onde se lavão nossas culpas, & se recreão nossas Almas, para que com a nova luz da graça, & novo espirito de Deos, possamos tambem no mundo dizer qual he o nosso Deos, pondo a vida por seu amor; pedindo lhe ultimamente, que se os cegos,

se aquelles que o offendem, tirão do seu peito esta mina, nõs que sequiosos buscamos a fonte de Graça, não alcancemos menos.

COMPLETAS.

Cuidarey, como Ioseph, & Nicodemus, tirando as espinhas com que estava o Senhor na Cruz, o descerão della, & o puzerão nos braços da Virgem, cujo coração depois de trespassadõ com a lançada, que derão ao Senhor no peito, & com a vista de tudo o que tinha padecido, foi novamente ferido com a vista daquelles cravos, que lhe tirarão cheios de nervos, & de sangue, & com os golpes das martelladas, que para tirallos lhe deram, renovando a dor com a memoria das que tambem lhe derão para o pregar na Cruz.

Considerarey, que todas as vezes que tiro de mim mãos pensamentos, que deixo de fazer mãos obras, & de dar mãos passos, tiro da Cruz o meu Senhor, & lhe tiro os cravos, & os espinhos, pondo

nos braços da minha alma, para onde não
fô da Cruz, mas dos Ceos, parece que
deſce o Senhor por me agradecer eſte ſer-
viço, & toda a dor que tive da ſua Pay-
xaõ.

Será o fruto deſta hora, hũa grande
dor de peccados, que tam cruelmente
tratãrão a meu Deos, entrando com gran-
de ancia de coração por toda a ferida a
ver as entrãhas de ſeu amor, que parece
que todas eſtas portas me abriu, para que
entraſſe no ſeu coração, dizendo por
todas as bocas, com que me fállão ſuas cha-
gas, que mais quer que nellas eu me ſe-
pulte, & me eſconda de ſua ira, que nam
que lhe dê ſepultura no tumulo de pe-
dra, ou em hum coração de marmore.

Summa.

Melhor será a toda a hora eſtar abra-
çando na Cruz ao meu Senhor,
como a Magdalena, ou aſiſtindo-lhe co-
mo a Virgem Santiffima, & como S. Ioão
com o coração de amor, mais que de diſ-
cur-

curso, sem largar já mais seus pés, salvo se for para lhe tirar os cravos, & espinhos, como a síma fica dito, estado sempre em hum continuo movimento da Alma, cõ que o abraçe o coração. E ao menos exercitemse nestes dias as virtudes, que na Cruz se aprendem, convem a saber, a Humildade, a Obediencia, a Charidade, a Pobreza, a Modestia, o Fervor, o Desejo dos Sacramentos, & hũa perpetua Contrição. E quem contra isto não cometer nada neste dia, terá verdadeira Oração, pois para o exercicio destas virtudes, que se hão de praticar mais com as obras, que com as tenções, se considerão os Mysterios deste dia.

Quem não tiver mais que hũa hora, poderá, se quizer, considerar, que a Alma he Nào, que lutando com as ondas dos vicios, & cõ o temporal do seculo, não pòde buscar o porto da salvação, por haver perdido o Norte da Graça, por ter o Ceo contra sy escuro, cuberto o mar do Mundo das sombras de suas cegueiras, entre cujos baixos, & riscos a Carne he

Seréa, que nos atrahê, o nosso amor proprio, a Rêmora que nos detem, os gostos enveja dos que nos enganão: & finalmente o Demonio, tormenta que nos contrasta. Porém parecerme ha, que quando as vellas da vaidade nos metão no fundo da culpa, quando os chuveiros dos castigos nos ameaçã com diluvios, & quando os perigos do mar nos soçobráo com naufragios, fazendo o meu Deus Piloto, & tomando o leme da Cruz, fazendo recolher as vellas, mandandome trabalhar nas furnas, & compassando toda a Nào, me trocou o medo em esperança, fazendo bonança a rormenta, o naufragio boa viagem, a noite dia, & a sombra luz, & pondome à vista da terra, de que me fez Memento homo, me fez tomar via direita pelo Mar Vermelho de seu sangue, por onde sô promete que chegue cedo a salvamento, mas que possa na sua Casa gozar perpetua felicidade.

Cruz, para fazerlhe altar, ou sepulchro do coração, o trazem no seu peito, o enchem de suaves unguentos, & isto he o cheiro das virtudes, & suavidades da Oração. & o apertão ultimamente com lançol da castidade.

Será o fruto desta hora, não se nos dar do que dirão os que não vierem a buscar a Deos com mayor fervor, vendose morto por nós, afrontado por nossa causa, por nosso amor crucificado. E em fim considerando que fomos o fim de suas obras, nos resolvemos a que todas as nossas o tenham por fim, fazendo muito não só por trazello na Alma como de passagem, mas por lhe dar muito de assento ao coração onde repouze. pois tambem por nos dar exemplo, por nos dar o Ceo, & a sy mesmo, sem querer de nós outra coisa, mostrou, que não teve onde reclinasse a cabeça no Mundo, aonde as feras tem suas covas, aonde as aves tem seus ninhos, & onde não quer mais de nós, que darmos lhe o peito por ninho, & o coração por cova, que para elle he leyto sua-
vil



víssimo, quando hũa grande castidade he lançado em que se deita, pois não ha virtude que mais chegada ande a Deos, nem mais necessaria para quem ha de tomar corpo de seu Eterno Filho.

LAUDES.

*Monumentum novum in quo non dum
quisquam positus erat.*

CUydarey como depois de ungirem ao Senhor com preciosos unguentos, & de o involverem em hum lançol puro, o puzerão em hum sepulchro novo, onde ninguem se tinha enterrado.

Considerarey, que o sepulchro he altar do Sacramento, onde se encerra o Mysterio da Eucharistia, & mais principalmente figura de quem ha de hegar ao corpo do Senhor, para fazerlhe altar do coração: & assim deve entender que o Senhor se não mete por dentro, senão em almas muito novas pela penitencia, que isto significão os golpes, com que a



pedra eslava lavrada; ou onde outro a morte não puzesse, que isso vem a ser a novidade do Sepulchro, que se deu a Christo, onde outro senão havia posto. E isto será quem pela castidade o meter, no seu coração, ou quem despindo se do homem velho cõ novo espirito de Deos, para fazer huma nova vida, se lhe meta hũa Alma nova.

Será o fruto desta hora, o exercicio de commungar a Christo em Sacramêto, ou em Espirito, entendendo que só então se meterá muy por dentro de nós, quando com o cheyro das virtudes, quando com a suavidade da Oração, cõ lançol de castidade unguido, & amortalhando em nós, o recebermos com hum tam novo Espirito, que nada do mundo tenha posto em nossa vontade, mais que hum grande desprezo do Mundo, hũa grande negação de nós mesmos, & hũa grande resignação a quanto for vontade sua Advertindo tambem, que não querendo o Senhor em vida ter onde reclinasse a cabeça, na morte (isto he no Sacramento)

quiz

quize ter as pópas de hum sepulchro grande, não por se acomodar ao mundo nos Pyramides, & Mauseolos, que celebrou a antiguidade por memoria das maravilhas humanas, mas porque sendo figura do Altar, onde está o Corpo de Christo, & memoria das maravilhas de Deos, nestas representações de morto lhe fizemos sempre obsequios, com as exequias da lembrança, pois estas erão as honras, que nós lhe podiamos fazer.

PRIMA.

Erat autem in loco ubi crucifixus est Iesus, hortus, & in horto monumentum novum.

Cuidarey, que não só o Horto foi o lugar onde começou a Payxão do Senhor, mas também onde o crucificação, & onde ultimamente o sepulturação.

Será a Meditação desta hora, ver que a Oração figurada no Horto (como já

dissemos) he o lugar, & o caminho por onde o Senhor, assim na vida, como na morte nos acompanha: & por isso nòs depois de começar nella à imitação de Christo, havemos de fazer muito por acabar a vida nella, & por sepultarmonos nella de maneira, que seja para Deos altar o que para nòs sepulchro: & seja para o mundo exemplo o que para nòs de scanço; advertindo, que assim como no Horto havia flores, & frutos: mas todos só se acharão dentro no Horto: assim as grandes virtudes, & perfeições se achão todas na Oração; mas com hũa particularidade, que ella he como o primeiro movel, a cujo movimento andão as mais esferas, ou como a roda mayor do Relogio, que ainda que haja nelle muitas outras, nenhuma se move, sem que a mayor comece. E tam costumado estará o Senhor a nos dar este bom exemplo, que sobre o costume da vida, até na morte, & no sepulchro nos mostrou, que não deve hũa Alma de Deos sahir nunca do bom costume da Oração.

Será o fruto desta hora, gostar de

maneira da Meditação, ou fazermonos a elle tanto, que possamos dizer com David, que amamos muito ao nosso Deos, pois todo o dia he meditação nossa; & nisto parece que se obriga a Deos de maneira, que tem por Horto o que he sepulchro, & por flores o que parecem sombras: a cuja sombra vivendo a Alma, deve não deixar passar os auxilios, & as Divinas inspiraçoens, que a cada hora da Oração neste Horto nos vem nascendo em suas flores, inspirando antes desejar com a Esposa alentar-se com estas flores, vivendo em sua fragancia, & fugindo do mão cheyro da culpa, correndonos de ser tão ingratos, que parece que o mesmo Deos anda chorando em nossas Almas, de ver que se perca Bethzaida, com o mesmo com que se salvara Sidonia.

TER-

T E R C, A.

In monumentum exciso.

Cuidarey, q̄ o Senhor foi posto em hum Tumulo de pedra, & de hũa só pedra.

Serà a Meditação desta hora, entender, que para sermos huma só cousa no mundo; quer o Senhor que sejamos sempre huns; & cada qual huma cousa só, Huns sempre, porque na perseverança mostremos, que sempre fomos huns, & que nada do mundo nos fez outros. São inimigos da divisaõ, que por não tella cõ ninguem, cõ todos pareçamos huns, & nõs o sejamos atè nos meter em hũa cova, & tão sós, pois nos prezamos de huns, q̄ atè de uõs nos apartamos; quando a companhia de nossas inclinaçoens nos faça não parecer sós huns, fazendo muito por despir o vestido do homem velho, que à semelhança do tempo queria andar ao costume do mundo, & trabalhando mais
por

por vestir o coração de pedra, onde im-
movel ao bem, & ao mal, nem nos leve o
vento da vaidade, nem nos mudem as
ondas das tribulaçoens, para que esta pe-
dra que ha de ser Christo, seja de atrahir
a todos os meus sentidos de tocar a todo
o bom exemplo, de fundamento às hu-
mildades, & de preço ao amor de Deos,
de quem como pedernal ferido, ou deria-
me fontes de lagrimas, com que se lavem
minhas culpas, ou verta chamas, & faif-
cas, com que me acenda em seu amor.

Serà o fruto desta hora, huma total
deixação de mim mesmo, & huma tão
constante deixação, que vafandome to-
talmente do mundo, me encha de Deos,
com tanta perseverança, que sem tornar
a ser outro, prezandome sempre de
hum, para Deos possa ser altar, & para
mim solidão, para o mundo dezerto, co-
nhecendo, que só assim poderey ser qual
Deos me quer, & que me ha de tirar de o
fer, quanto fugir de verme só, quanto me
fizer de estar comigo, quanto mais nas
companhias do mundo, pois o ser só ain-
da

da dentro de mim, he o que me está melhor a mim, fazendo muito por não ter de mim nada, mais que o nada que fui, & sou, & que serey, se estiver sem o meu Deos.

S E X T A.

C Vidarey, como o meu Senhor quiz que o sepultassem dentro em hũa pedra & para este fim moveo efficazmente a feu Discipulo Ioseph.

Será a Meditação desta hora, que nos nam ha de desconfiar a dureza de coração, parendonos, que nas seguidos para Deos temos coração de pedra, pois por hũa só hora, que na Payxão de Christo as pedras se quebrarão, por hum dia que no Dezerto com a vara de Moyses, figura da sua Cruz; se enternecerão, deitando de sy fontes de agoa, não só nas pedras nos deixa sua Ley escrita com sua mão, não só fez a pedra, pedra fundamental de sua Igreja, mas fazendo se pedra angular, em que todos edificamos, buscou nas pedras seu ab.igo, dellas: la-

vrou o seu sepulchro, & destas fez a sua pedra de Ara, para que assim fossem as melhores pedreiras, que achassem nossas petições, quando nos parecesse que as pedras se levantariam contra nós, para apedrejar aquella maldade, que tantas vezes as infamou, fazendo-as a nossa culpa pedra de escandalo.

Será o fruto desta hora; exercitando-nos nas sequidoens com hũa grande constancia, conhecendo que a nossa dureza não nos faz mal quando conhecida, senão quando ignorada, & que se robustamente lavrarmos com a penitencia o aspero de nossa dureza, & o duro de nossa condição, pulindo este diamante bruto com os golpes da mágoa, lustrando com perseverança o tofco de nossa rudeza, pôdese dentro de nossas Almas, escreverá sua Ley, edificará sua Igreja, procurará o sepulchro, fará a sua pedra de Ara, para que destas, & doutras que elle mesmo arranca da terra, faça marcos para o seu Reyno, escadas para o seu Paço, & padroens para os seus titulos; tendo por cer-

certeza infallivel, que qualquer de nossos coraçoes por mais de marmore que sejam, se for pedra de tocar a Christo, ao menor toque de sua graça ha de verter rios de pranto, com que se fecunde, & regue a terra seca de nossa 'Alma, passando os torrentes da Graça atè as entranhas da terra.

NOA.

Posuit eum in monumentum, & advolvit lapidem ad ostium monumenti.

C Vidarey, como pondo Ioseph de Arimathia o Senhor no Sepulchro, o escondeo aos olhos do mundo.

Serà a minha Meditação, conhecer que quando mais serviços fizer a Deos, quando o sentir dentro de mim mais, hey de fazer muito por esconder do mundo o que tenho no coração, para que tendo posto hũa pedra sobre minha devoção, ao parecer da gente, não possa algum ar de vaidade entrar dentro de meus silencias, & do segredo de minha Alma, fechando.

chando com esta cautella a porta por onde pòde a presunção, ou a soberba humana entrar a roubar-me o thesouro divino, que sempre se arrisca, se se poem patente à estrada, & ao menos se tira delle o coração, se se deixa aos olhos, ou se se lhe não guarda a boca.

Serà o fruto desta hora, saber pòr pedra sobre o thesouro de meu coração, para que o não furte quem o vir, fazendo muito por esconder o que Deos me der a guardar com o mais que fiar de mim pois não quer que a ninguem digamos os favores, que lhe devemos; & por mais movimentos que sintames, convem desmentillos no gosto, no sossego, & serenidade, que o mais sobre ser dezatogo da natureza, & não sobegidão de graça, he final que vivemos dentro de nós por buscar fóra algum aplauso; porque os bons, & de grande animo sabem caber dentro de sy, & guardandose de sy mesmos, não poem a sua gloria na boca dos homens, mas nos segredos da consciencia, metendo debaixo da terra, & humildade, tudo
o que

o que se nos vay pelos ares, se le levanta o po da terra.

VESPORAS.

V Estindo meus olhos de lagrimas (que estas são o luto dos olhos) o coração de tristeza (que este he o capuz do coração) os sentidos de sentimento (que este he o nojo dos sentidos) hey de hir por dentro de minha Alma para o Sepulchro do Senhor; & fazendolhe com a minha ancia o Enterro de meu alivio, a celebrar com o meu pranto as Exequias de meu amor, a repetir com a minha pena os Officios de minha saudade, onde assistindo interiormente a mágoa de minha lembrança, verey, que alli do meu Senho me não fica mais que o Sepulchro pois a Alma foi para o Limbo, o Corpo se escondeo na terra a Tunicá levárão os Soldados, & o Sangue lhe bebeo o odio, a vida lhe tirou a Cruz, & a Cruz nos tirou o escandalo.

Será a minha Meditação, ver que
para

para estar com o meu Deos, ou para o poder ter comigo, he necessario meterme em hũa cova, fazer casa da sepultura, & não só enterrar-me em vida, mas sepultar-me dento em mim, como homem morto para o mundo, sem se me dar de parecer hum adro ao parecer do mundo, em quem não deve já pôr os olhos quem poz em Deos o seu sentido; porque se elle, metendose na terra de nossos corações, quiz assim estar no coração da terra, que quer sahir tanro de sy, quem tem coração para deixallo, podendo meter no coração, quando hum bichinho vil da terra nos reprehende com a sua vida, pois para sepultar-te em vida, lavra com ella a sepultura, & quando os Iustos nos avisaõ, que do ser que tem nessa vida lhe não fica mais que o sepulchro.

Será o fruto desta hora, não só o recato exterior, com que cada qual só com ver-se com o seu silencio, & solidão, mas o recolhimento interior, com que enterandose em sy mesmo, & ainda escondendose de sy, falle sempre com o seu Se-

nhor, em qualquer parte onde se ache; ou considere pelo menos aquelles golpes, & feridas, com que lhe tiramos a vida; seguindo-se desse discurso a dor das culpas, & peccados, pois morternos o coração cõ o que se doe destas offensas, descobriremos desta nuvem negra, com que a tristeza no lo enluta, he o dõ que ha nos corações, & são os sinaes mais sentidos, que fas por elle nosso amor, quando o pezar nos dobra na Alma.

COMPLETAS.

C Vidarey, como a Virgem Santissima, depois de seguir o Senhor atè o Sepulchro, com São João, com a Magdalena, & as outras Marias, recolhendo-se ao seu cantinho, teve aquelle admiravel trespasso, em que por espaço de tres dias, o seu viver foi sentir, o seu dormir foi orar, o seu falla forão suspiros, o seu silencio, & a sua bebida lagrimas.

Considerarey as grandes virtudes, q̃ traz consigo o Jejum, quando se junta cõ
a Ora-

a Oração, pois não só se sente o q se vive,
& se vigia o que se dorme, mas suspirase
o que se falla, soluçase o que se come, &
chorase o que se vê: acçoens que no sen-
tido mystico incluem virtudes mysterio-
sas para a perfeição de hũa Alma, que
não segue estes exercicios, senão depois
que tendo a devoção, que se representa
nas Marias, a penitencia que se figura na
Magdalena, o amor que se significa em S.
Ioão, & a pureza que se entende na Vir-
gem, segue com todas o estado da mor-
tificação, q se declara no Corpo de Chris-
to, quando hia para o Sepulchro.

Será o fructo desta hora, a observancia
do Jejum, com mortificação, & Oração;
& este não só ha de ser o Jejum corporal
da Temperança contra a Gula, mas da
abstinencia contra os vicios no jejum es-
piritual; por isso jejuem os olhos, pois
por elles, como portas da Alma, nos en-
trou a morte, & a culpa: jejuem tambem
os ouvidos, pois em os dando à voz do
seculo, he Serêa que nos encanta: jeue
tambem a discrição, pois tudo o que lhe

cahe em ar, se lhe levanta em vento, de que se segue vermos no mundo, que todo o mal do entendimento conste em darlhe o ar, porque esta he a ordinaria enfermidade dos juizos: jejuem todos os sentidos, pois embebendose no gosto que os arraha, o seu engano não advertem bẽ os sabores, com que se adoção seus venenos; jejuem em fim as Potencias, a Natureza, a Liberdade, pois nos banquetes da Fortuna, nas iguarias do apetite, & nas provas atè do licito, não só a consciencia se arrisca, não só se estraga a virtude, mas ainda o vicio se bemquista.

Summa.

A Melhor Oração, que se poderà ter em este dia, he considerar a cada hora a virtude que se nos encomenda, exercitandoa pontualmente; convem a saber: A Matinas, a Castidade, ou ter a Deos por fim de tudo o que obramos. Nas Laudes, commungar ao Senhor em Sacramento, ou em espirito. Na prima, costu-

costumar o entendimento. Na terça, de todo a tudo. Na Sexta, ter em Deos grande confiança. Na Noa, observar a cautella. Nas Vesporas, o recolhimento interior, & finalmente nas Completas, o jejum espiritual, & juntamente corporal, & sermos Bemaventurados, pois assim chama o Rey Propheta a quem medita no Senhor, não só no dia, mas na noite. Esta fórma, que he a melhor, se guarde em todas as Summas, fazendo muito juntamente por fazer de nosso coração hum sepulchro, em que todo o dia arda a cera de nosso coração em obsequio de nosso Deos. Quem não tiver mais que huma hora, faça, se quizer, a Oração seguinte.

Cuidarey, que o coração he pedra, onde vindo o meu Senhor passar a selta com minha Alma, a quem queria para Esposa; ou abrigar-se com o rigor do tempo, até que as sombras se inclinassem; o acolhimento, que lhe fiz, foi tirarlhe a vida com minhas culpas, & peccados, não ficando parte em seu corpo, que eu não desunisse com feridas, & não dezata-

ra a crueldades; porèm vendo enternecer com seu sangue, não só as piçarras toscas, mas os marmores duros de meus interiores, arrependido do que fiz, & magoado do que olho, não podendo apartallo ainda depois da morte, dentro do meu coração me parecerà que lhe ouço dizer; Filho, deste coração, que me negaste para leyto, ao menos me fazes tumulto, & considera o que te quereria vivendo em ti quem morto não pòde apartarse. Essa crueldade tua, que para mim foi morte, não pòde deixar de ser meu sepulchro, pois ainda he essa; fazeme estas ultimas honras, pois assim me trataste nas primeiras vistas. Acabandolhe de ouvir isto com grandes desejos de emenda, começarão os golpes da penitencia a lavrar esse penhasco duro, atè que deixandose cortar da màgoa, & amolecer do pranto, faça a sepultura ao Senhor, donde metendo as minhas entranhas com grande pena de minha alma. elle se meterà dentro com elle, desejando sepultarse em vida, & meter os olhos consigo, para que sepultados

rados nesta cova, & não só nas covas dos
olhos, fação chorar as suas miniñas, em
cujas capellas fechadas, se não apagará o
lume dos olhos, até que se não apague a
vista, & se chegue a noite da morte, sem
fazer dentro cousa alguma, mais que cho-
rar, & magoarme de ver qual puz a meu
Deos, a meu Senhor, & a meu Eſpoſo.



DOMINGO.

RESURREYC, AM DE

Christo.

MATINAS.

C Vidarey, como a Magdalena com
outras devotas Mulheres forão a
manhã da Resurreycão ao Sepulchro,
primeiro que os Apóstolos, levando os
aromas, que tinham préperado para o Se-
nhor.

A Meditação desta hora serà, não só quanto devemos madrugar para buscar a Deos, summo bem nosso, mas conhecer quem tiver mayor fragilidade que isto se figura no sexo feminino; quem se vio nas tribulaçoens da culpa, ou nas adversidades do secculo, que tudo isto se representa na noite, com mais pressa que os outros escolhidos de Deos, que se entende pelos Apostolos, o devemos buscar, & recorrer a elle com os aromas de hum santo delejo, de lhe fazer algum serviço, não pondo por diante o medo do que nos pòde succeder, cuidando que ha quem impida ao Senhor, para que senão deixe achar de nós que isto se entende pelas guardas. Considerando tambem, que se a nossa fragilidade, figurada na primeira mulher do mundo, foi a primeira que se afastou de Deos pela culpa, agora pela luz da Graça, cõ que se vão desfazendo as sombras do crepúsculo de nossas duvidas, deve ser a principal, & primeira, que se desvelle por chegar a Deos.

Serà o fruto desta hora, exercitar-

monos

monos com grande desvello em buscar pela Oração a Deos, deixando por seu amor os abrigos da cama, & sossego do sono, que sempre suppoem perguiza, & mostra descuido em hũa Alma, que sempre os olhos deve andar sonhando cõ o seu Deos, por não perder em hum fechar de olhos, hum bem que desaparece a olhos vistos. Porque quem na perguiza do leyto furta a Alma à satisfação, não furta ao corpo a malicia; & ao Senhor, que se queixa dos nossos descuidos do Agora, Paraque, Que fará, do Logo, Para depois? Em fim parece que lhe dà pouco do seu amor, não correr quem anda muito de vagar.

LAUDES.

Cuidarey, como as Santas Mulheres acharão virada a pedra do Sepulchro,

Serà a Meditação desta hora, considerarmos as maravilhas que faz o Espirito do Senhor onde chega: pois logo sua

Alma

Alma Santissima se revestio ao corpo no Sepulchro, obedecendo o pezo daquelle marmo e durissimo, muy levemente se moveo, & totalmente se virou para nos mover a nós com o exemplo de que até hũa alma de pedra com o pezo grande da culpa se vira de hum para outro estado, em lhe chegando aquelle Espirito; & ainda que sem isto podera o Senhor fahir do Sepulchro, parece o quiz assim, para mostrar ao Mundo, que onde elle está, sempre succedem maravilhas, & movimentos grandes, para que por elles o louvem, & conheção, que só elle as obra. Se pois hũa pedra se vira, logo que lhe chega o Espirito de Deos, que rezão tem hum coração humano, a quem tantas vezes em vão chegou o Espirito do Senhor, para não dar hũa volta grande, obedecendo pelos ares, & publicando suas obras?

Será o fruto desta hora, não resistirmos ao Espirito do Senhor, & conhecermos, que nos seus impulsos seremos mais duros que as pedras, se com elle nos não

mo-

movermos, & de todo nos não virarmos, pois ainda que o pezo dos peccados não carrega muito a consciencia, tudo com a pena, que disso podemos ter, se tivermos pezar para o sentir. ficarà leve como hũa penna, & desta se farã as azas, com que subamos em hum dia mais do que devemos em hum anno.

PRIMA.

Cuidarey, que como o Sol quando entra em algũa nuvem, que a deixa mais resplandecente, assim entrou a Alma de Christo no corpo, que estava no Sepulchro, deixando não sô mais resplandecente que a neve, porém mais claro. & feroso que o mesmo Sol; & sendo vista horrenda para as guardas, que lhe tinham feito, foi suavissima visõ para os olhos da Virgem Mãy, a quem (como affirmãõ muitos Padres) appareceo primeiro que a todos, mostran olhe não sô a sua Gloria, mas a de todos, que trouxe do Limbo, & do Purgatorio. Onde he de
crer,

crer, que todos os Santos lhe darião as graças de ser Medianeyra da Redempção, & da Gloria que gozavão na visão de Christo.

Aqui não só considerarey os abraços exteriores, que a Virgẽ daria ao Senhor, & os que d'elle receberia; mas hey de meditar interiormente na rezão que houve para este favor; pois parece que este se concedeu à Virgem, por haver tres dias, que em huma continua Oração estava vencendo os tormẽtos, que lhe offendião a memoria, onde via a imagem de Deos offendida a Sinagoga condenada, afrontada a Misericordia, & exasperada a Justiça, alegre a culpa dos perversos, froxa a fé dos Apostolos, Ierusalem ameaçada, & o mais do mundo perdido; & no meyo de tantas ondas (qual penha immovel contra os mares) com viva fé cria a verdade do Senhor, com certa esperança esperava na sua Redempção, com ardente caridade pedia perdão por todos, offerecendo o sacrificio de suas lagrimas, & angustias do seu jejum, doras, & magoas.

Ou

Ou poderei meditar na Resurreição universal, de quem esta foi exemplo, onde o Senhor para confusão, & medo dos que se entendem pela Senhora, pela Magdalena, & Apostolos, virà na carroça das nuvens com grande gloria, & magestade a triunfar dos maos, & dar triumpho aos bons, que vencendo as contrariedades do Mundo, da Natureza, ou do Demonio, firmes se conservão em seu amor, a pesar das tribulaçoens, das angustias, & dos tormentos.

Serà o fruto desta hora, exercitarmonos na constancia, & igualdade, com que saltandonos as consolaçoens, & cobrando nòs a penas, sequidoes, & adversidades, nos não venção o animo, ainda q̄ nos tirem o alento, que nos não tirem o Espírito, ainda q̄ nos desmayem o animo; pois he certo, que quem firme se sustentar cõtra esta guerra da natureza, não menos que nos braços de Deos se ha de ver ainda neste mundo; porque assim como à noite o dia, ao Inverno a Primavera, se seguem à tristeza os goztes, às tribulaçoens as felicidades.

TER.

C Vidarey, como o Senhor appareceu à Magdalena, mas não lhe confentio, que o toasse.

Será a minha Meditação ver os termos com que o Senhor pagou à Magdalena as mágoas, & lagrimas, que chorou, a mágoa com que sentio sua morte, & o amor com que o buscou no Sepulchro. Mas sobre tudo considerarey, que nem tudo isto he bastãte, que mereçamos por isto ter em nossos braços a Deos, presumindo de nós que o podemos obrigar, & que para elle assim o fazer, o havemos nós de tocar a elle, devendo so desejar q̄ o Senhor nos toque a nós, pois se nos busca, he por sua misericordia, não por nossos mercedos, & se muito o amamos, he por influxu de sua Graça, & não por acção de total sufficiencia.

Será o fruto desta hora, a prudencia espiritual, com que nos havemos de hir à mão no desejo de mais favores, contentandonos com o que Deos nos quer dar, sem querer, porque nos dà muito, governar

nar a sua vontade, ou a sua Omnipotencia, devendo nós ao contrario ternos por tam indignos de todo o auxilio, que nos dá, de toda a graça, em que nos poem, de todo o favor, em que nos ergue, que ao mesmo passo que nos vejamos subir por seus beneficios, façamos por nos abater no nosso conhecimento, pois isto nos não tira de levanrarnos na sua Graça, antes entrão parece que só o obrigamos, quando, se nos dá favores, os gozamos com humildade; quando, se nos dá tentações, o louvamos com perseverança; & quando, se nos dá males, o bendizemos com paciencia, conformandonos com a sua vontade em seguirmos o caminho por onde nos leva & não navegar com mais vellas, que as que pedem os sopros do Espírito Santo, & p quem hez de nosso Navio, & o inchado das ondas do seculo, a quem convem atravessar cõ cautela, porque o temporal nos não sofobre, sem querer de hum fulgo, ou de hũa fúgradura chegar à India Espiritual, não nos contentando sem as

vifoens, & apparecimentos, que hão de fer mais que de desejos das Almas, que estão neste Mundo, pois mais vezes nos cega o Sol do meyo dia, que o que nasce, ou o que se põem: isto he o que mais nos arrisca o estado mais alto, em que subimos, que aquelle em que começamos humildades, ou acabamos mortificados.

S E X T A.

C Vidarey, como o Senhor se fez encontradisso com os Apostolos, que hião para Emaüs, mostrandose em traje de peregrino: como fingio que hia para mais longe, para que lhes rogassem que ficasse com elles; como comendo com elles o conhecerão no partir do pão, abrindoselhe os olhos da Alma: Como logo lhes desapareceo: como depois lhes tornou a apparecer, dandolhes paz.

Será a Meditação desta hora, ver como o Senhor se não aparta dos que vê tristes por sua causa, & como vendoos tibies, & froxos, se chega a elles para os

confortar. Considerarey, que esta froxi-
dão he quem nos cega os olhos à rezam;
porque até o Senhor anda em nossa com-
panhia, & tenhamos por estrangeiro: por
cuja causa fingindo as suas entranhas de
misericordia, que nos quer deixar (que
estes são os fingimentos) nos dá a enten-
der, que se quer pòr muito longe de nós,
por se mostrar tam frio na presença com-
nosco, como nós entremos no Espírito;
sendo tanto ao contrario, que só faz isto
a fim de que o roguemos, & lhe peça-
mos, que nos não dezempare; pois he cer-
to, que em elle querendo hir, vem sobre
nós a noite das adversidades, mostrando
qualquer demonstração de amor, para
que não se aparte de nós, persuadindonos
a que comamos, isto he, que nos chegue-
mos ao Sacramento. E buscando, elle
abre os olhos d'Alma, & distribue entre
os seus escolhidos o Pão Sacramentado,
com a virtude do qual se aparta de nós o
impedimento, com que os olhos do Espi-
rito o desconhecem. E conhecemos, que
pa a tudo o que convem saber de Deos,

só elle nos abre os olhos, & logo nos dezaparece para exercitarnos a Fè, ou mostrarnos os dotes dos Bemaventurados na agilidade, & futilidade. E depois tornou a apparecer, dando paz a seus Discipulos; para ensinarlhes quanto amava a paz; & que sò os que fossem pacificos, seriam Discipulos, & seriam Bemaventurados.

Serà o fruto desta hora, o grande fervor que inflame nossas Almas, & as nossas froxidoens, para que não desconheçamos os favores, que Deos nos faz, arriscandonos com elles a que o Senhor nos deixe. Ou huma continua petiçam de que nos não dezempare. Ou huma grande fé com que o vejamos com o Espirito, pois só o vê resuscitado que medita na sua Gloria Ou grande desejo de paz interior, que he a cousa que Deos mais ama; pois ao nascer publicou paz aos homens, em quanto viveo a deu a toda a casa, onde entrou; & quando morreu, fez paz entre o Ceo, & a terra, fazendonos amigos de Deos, de quem eramos inimigos.

NOA.

Cuidarey, como o Senhor appareceu terceira vez aos Discipulos nas prayas do Mar de Tibiriades, onde elles toda a noite não poderaõ tomar peixe algum; mas em fazendo elles o que o Senhor lhes ensinou, que foi lançar as redes para a mão direita, foi tanto o peixe que tirarão, que encherão os barcos, & as redes.

Aqui considerarey, que neste Mar se figurava o Mudo, & nos peixes os homens, nas redes a Prègação, nos discipulos os Prègadores; os quaes trabalhando, isto he, o tempo errado de sua presunção, na parte da mão esquerda, isto he, entre os reprobos, & preceitos, ou nos erros de sua Igreja; não poderam colher nenhum fruto de suas vãs fadigas, mas pondo os olhos em Deos, que das prayas da Eternidade os entina com seus avisos; & os avisa com seus exemplos, metendo as redes da Prègação, confiados em a palavra

de Deos. para a mão direita, isto he, o caminho da verdade, ou as Almas dos recolhidos, ou o exemplo com que prégão, não só enchêram as redes, & com ella as esperanças, mas todo o Navio da Igreja de muitos, & muy grandes Santos, que troxerão da Igreja para o Ceo, que isto he, do Navio para a praya, aonde o Senhor os esperava, para se recrear com elles nos banquetes da Eterna Gloria.

Serão fruto desta hora, exercitarnos na recta intençaõ, com que devemos dirigir a Deos nossas obras, & nam alguma nefcia vaidade, com que no mar do Mundo nam colhamos mais que vento nas redes de nossas esperanças; acabando de entender, que o não fazermos muito fruto, nasce de nam inclinarmos para boa parte as nossas obras, onde, como falta Deos, tudo nos falta, porque tudo he noite que nos cega, & erro que nos engana; até que desenganados disto, logo q ponhamos os olhos em Deos, obedecendo a seus mandados, & guiandonos por seus conselhos, conheçamos a vista de
seus

seus influxus, & por experiencia de seus beneficios, que fomos servos sem proveito, que com elle fazemos tudo, & sem elle nam obramos nada.

VESPORAS.

C Vidarey, como o Senhor levando ao Monte Olivete os Discipulos, a Magdalena, & sua Mãe Santissima, depois de despedi se de todos com suavissimos abraços, pondo os pés sobre hũa pedra, onde ficaram impressas suas pegadas, subio aos Ceos, que abrindose cheyos de luz, & claridade, com admiravel triúfo, com sonôras consonancias, com suavissimas melodias, o recebèram sobre o Throno das nuvens, & sobre os Choros dos Seraphins, entre exercitos de Anjos, & de Espiritos Bemaventurados, que o cercarão, & levãrão por toda a parte, enchêdo o ar de alegria, o Ceo de festa, a terra de maravilha, até q̄ sendo recebido nos braços do Eterno Padre, se sentou à sua mão direita, onde repartindo tambem

os affentos eternos pelos Santos, que le-
vou consigo, forão gloriosamente occu-
padas muitas daquellas cadeiras, que per-
dèram por ingratos, & soberbos os Espi-
ritos condemnados.

Aqui me parecerà, que achandome
com a Virgem Santíssima, & cõ os Apo-
stolos, estou com elles absorto, & arreba-
tado, contemplando a grande Gloria de
Deos, a grande Bemaventurança daquel-
les Espiritos, a fermosura da Patria Ce-
lestial, a claridade, o resplendor, que ne-
nhuma noite escurece, & que o dia eter-
no alumina, onde lindoseme pelos ares o
Espirito, & o coração em seguimento do
meu Deos, gatarey a hora, enlevandome
naquelle Oceano de glorias, naquelle
pègo de delicias, naquelle mar de Bema-
venturanças.

○ Será o fruto desta hora exerci arme o
mais do tempo naquelle pasmo Celestial,
naquella admiração suavíssima, que ande
como embebido na conrê, laçam da Glo-
ria, na superior Ierusalem. feito Cidadão
dos Ceos, pela conversão do Espirito, q
toda

toda deve ser nos Ceos, se he que o buscamos como Patria, termos ao Mundo por Dezerto, & a Deos por Pay, & aos Anjos por amigos; sabendo, que nam só he favor do Espirito Santo o cuidar na Gloria, mas final grande de Predestinado, principio de Contemplativo, & prova de andar na presença de Deos: & esquecido do Mundo.

COMPLETAS.

Cuidarey, como estando no Cenaculo os Discipulos cõ a Virgẽ Santissima, preparados já de muitos dias na Oraçam, & no Jejum, & tam unidos de amor de proximos, pois todos no mesmo lugar cabião com igualdade, & sem preferencias, nam querendo a Virgem mayor lugar, por ser Mãy de Deos, nem San Pedro, por ser cabeça dos Apostolos, nem o Evangelista, por ser Valido do Senhor, nem San Tiago, por ser seu Parente, mas antes fazendo se todos bom lugar, com que pela união nenhum queria

ter mais que o mesmo: Desceo sobre elles o Espírito Santo, derramandose em linguas de fogo sobre suas cabeças. Com cujos Divinos incendios, cheios de celestial sciencia, & de chamas Espirituaes, pelo annunciar suas maravilhas, a ensinar sua Fè, & a communicar os thesouros do Ceo, desejava que por toda a terra se ateassem as Celestes chamas.

Aqui meditarey, como fô no Cenaculo, figura do Altar do Sacramento, parece que recebem o Divino Espírito Santo, os que com ardentes suspiros, & com Oraçam pura o esperaram; exercitando-se nam fô no amor de Deos com a levagam da mente, mas na charidade do proximo, & no amor da fraternidade, com que todos cabião em hum lugar, & mostravam fô huma fé, huma esperança, & huns espiritos, sem se lhe dar das authoridades do Seculo, & das perferencias do Mundo; onde por nam perdermos a superioridade, & preferirmos a todos, vimos a perder tudo o que Deos nos dá pelo desprezo, perdendo tambem a todos, a quem

quem dezeitimamos pela soberania, por
cuja causa parece mentira, & he engano
tudo que nõs temõs por servos de Deos,
por contradizermos com as obras, o que
afirmamos com as palavras, que saõ ar,
devendo ser fogo, que he figura do amor
de Deos, por quem devemos obrar tudo,
amando em Deos a todos, por Deos, &
para Deos; pois só entam receberemos
aquelle fogo do Divino Espirito, com q̃
correndo pelo Mundo a acender o ge-
nero humano, nem o Sol nos possa offen-
der, nem a neve esfriar, nem os mares im-
pedir, nem as angustias, nem os gostos,
nem as honras, nem as injurias, nem a
morte, nem a vida, que isto vem a signi-
ficar dar o Senhor o seu Espirito em lin-
guas de fogo, & nam polo nas bocas dos
Apostolos, senam sobre suas cabeças; mo-
strando, que o amor de Deos nam havia
de estar na boca, onde só ha palavras, mas
na cabeça, onde o Entendimento falla, a
Von ade obra, & a Memoria conserva.

Serà o fruto desta hora aju. II. chave
com que se fecha, & guarda em duas

palavras pontualmente a Ley de Deos, isto he, o amor de Deos, & do Proximo; para quẽ não havemos de querer menos, que para nós, amando a todos como a nós mesmos, & a Deos sobre tudo, fazendo neste modo por não receber em vazio o Espirito do Senhor, por ter entendimẽto na cabeça, & não em a lingua, pondo na cabeça seus beneficios, & dẽtro na alma seu Espirito, cõ q̃ não só se escreva sua Ley em novos coraçõs mas fazẽdo escrevella no livro de todo o Universo cõ rubricas de sangue, com chamas de fogo, & movimento d' Alma, naquelles impulsos vehementes, com que a sua vontade seja o nosso gosto, a sua Gloria o nosso fim.

Summa.

O Melhor de tudo serà, todo o dia, ou ao menos toda a hora, conforme o exercicio de cada hum, exercitar o desvello, com que o devemos servir, a conformidade com que sem resistencia nos devemos entregar nas suas mãos, a cõstância cõ q̃ nos havemos de pôr a todas as tribu.

tribulaçoens na prudencia com que nos
havemos de medir com a que elle quer
na Fè que devemos guardarlhe, & na paz
que devemos ter na intençãõ com que o
obrigamos, na contemplaçãõ com que
ainda he Ceo no amor do proximo, & de
Deos, que ainda em sy he Gloria.

Se não tiver mais que hũa hora,
cuidarey, que minha Alma he Ceo, onde
a vontade he Serafim, que se occupa em
amar a Deos; o Entendimento Cheru-
bim, que nelle se està admirando; a Me-
moria Throno, que sempre lhe està assi-
stindo; os Sentidos Anjos, que sempre
lhe estão ministrando; as entranhas, & o
coraçãõ, Santos, que sempre o estão lou-
vando, & considerando a pureza, com q̃
os Anjos estão no Ceo, a fermosura do
Ceo, a Gloria da Bemaventurança, onde
os Celestes Espiritos se estão revendo no
meu Deos; Vendo que elle me tiz Ceo
este dia, em que quiz vir estar comigo,
farey por viver como se fora, por ser-
villo como se fora Anjo, por amallo co-
mo Serafim, por assistir lhe como Tho-
no,

no, por louvãllo como Cherubim, andãdo todo o dia passando dentro de mim mesmo naquella altissima presença, eforçandome a toda a hora para fazer o q̃ diz Sam Paulo: Sendo a nossa conversação toda no Ceo; em Deos, & em sua Mãy Santissima, em os Anjos com os Santos entre aquelles jardins suavissimos, naquelles suavissimos, & celestiaes Paços, onde o Senhor do Mundo assiste, onde toda a gloria se acha, & onde dentro de nós mesmos podemos ter os Ceos abertos, se fechando nós para o mundo os olhos da Fe, & olharmos com a vista da Alma aquella luz, & claridade incomparavel, & infinita, se imitando aos Ceos nossas Almas, nem tem por dentro desta luz nuvens de erros, que os encubram, manchas de culpas, que os ateam, sombras de offensa, que os eclipse.

FIM DA SEMANA.

Quem

Quem não poder ter Oração, faça ao menos por guardar a Virtude, que a cada hora se encomenda.

Segunda feyra. O Senhor no Horto.

Matinas. Conhecimento de nossa vocação, ou amor da solidão.

Laudes. Memoria de nossas culpas.

Prima. Vigilancia para não cahir.

Terça. Fortaleza para não deymayar.

Sexta. Resignação na vontade de Deos.

Noa. Esperança nas tribulaçoens.

Vesporas. Amor de Deos por sua Bondade.

Completas. Odio aos vicios por sua maldade.

Terça feyra. O Senhor atado à Coluna.

Matinas. A Honestidade.

Laudes. Brandura de coração.

Prima. Dezengano da vaidade humana.

Terça. Cuidado da honra de Deos.

Sexta. Perpetua memoria de Deos.

Noa. Temor de Deos.

Vesporas. Amor à Oração.

Completas. Fervor na Oração.

Quar-

Quarta feyra. O Ecce Homo.

Matinas. A mortificação.

Laudes. Saber examinar a Cruz, se he boa, se mà.

Prima. A Perseverança.

Terça. Lagrimas d' Alma, & do Corpo.

Sexta. Memoria do Iuizo.

Noa. Memoria da Payxaõ.

Vesporas. Memoria da Morte.

Completas. Desejo da Perfeição.

Quinta feyra O Senhor com a Cruz às costas.

Matinas. O Desejo da Cruz.

Laudes. Mudança da Vida.

Prima. Mansidão do Espirito.

Terça. Agradecimento a Deos.

Sexta. Desprezo do Mundo.

Noa. Considerar em Deos.

Vesporas. Valor Espiritual.

Completas. Accusação de nós mesmos.

Sesta feyra. O Senhor crucificado.

Matinas. A Humildade.

Laudes. A Obediencia.

Prima. A Charidade.

Terça. A altíssima Pobreza.

Sexta. A modestia nas palavras.

Noa. Movimento de Amor.

Vesporas. Desejos dos Sacramentos.

Completas. Contrição.

Sabbado. O Senhor no Sepulchro.

Matinas. A Castidade.

Laudes. Comunhão Real, ou em Espírito.

Prima. Amor de Deos.

Terça. Deixação de nós mesmos.

Sexta. Confiança em Deos.

Noa. Cautella contra o Demonio.

Vesporas. Recolhimento interior.

Completas. Iejum do Espírito, & do corpo.

Domingo. O Senhor Resuscitado.

Matinas. O desvello no Amor de Deos.

Laudes. Não resistir a Deos.

Prima. Constancia nas adversidades do Espírito.

Terça. Prudencia. Espiritual.

Sexta. A paz do Espírito.

Noa. A recta intenção.

Vesporas. A contemplação da Gloria.

Completas, Fogo do Amor de Deos, & do Proximo.

Quem

Quem disto senão agradar, póde, se quiser, ter estoutra Meditação.

A Segunda feyra. Meditarà no Senhor como Amigo; & bastará, que no seu coração ande dizendo todo o dia, & toda a hora, ou qualquer tempo: *Meu Deus, & meu Amigo.* Se tiver tempo de cuidar, cuide quam amigo foi nosso, pois chegou a pôr por nós a vida, pois nos falla no coração, come hum amigo a seu amigo: pois se fez humano por nós, & se poz por nos em huma Cruz, nam perdoando aos Anjos mãos; pois nos convida aos Ceos, & nos veyo a livrar do Inferno; & se dà a sy mesmo no Sacramento. E tantas outras couças mais, que enfiará melhor o Espírito.

A Terça feyra Se meditarà no Senhor, como Hospede de nossas Almas; onde parece que quer morar mais que nos mesmos Ceos. sen to a Casa, em que o recebemos, tam vil, tam pobre, humilde, & baixa, que faz pasma nos, na bondade cõ
que

que se move a estar com nosco em huma cabana de palhinhas, & cheia de lodo, & de immundicias, indigna de sua presença Quem não quer meditar nisto, bastará, que no seu coração ande dizendo a toda a hora: *Hospede de meu coração, enriqueceyme esta casinha, pois sois Senhor de todo o Mundo* E se tiver tempo, cuide como foi nosso Hospede na Encarnação, no Presépio, no Templo, na Cruz, no Sepulchro, & no Sacramento, & o mais que ensinar o Espírito

A quarta feyra. Se meditará no Senhor como Rey? & bastará, que a toda a hora se lhe repita dentro n' Alma: *Meu Rey, meu Deus, & meu Senhor, fazeyme merces a minha Alma, pois sois meu Rey, & meu bem todo.* Se houver tempo de cõsiderar, veremos como reynou na Cruz, pois o seu Throno foi a Cruz, o seu Reyno a mortificação, sem a qual ninguem subirá a verse nos Reynos dos Ceos, peçamos-lhe aqui muitas vezes, que venha a nos o seu Reyno, & que nos faça amar a Cruz, para que sempre reyne em nós,

& se faça a sua vontade.

A quinta feyra. Se meditarà no Senhor como Esposo; & bastará, que a todo o tempo lhe ande dizendo o coração: *Meu Deus, Esposo de minha Alma, trazeyme sempre atrás de vòs, ou meteyvos dentro de mim, & dayme aquellas vestiduras, cõ q̃as Esposas vos recebem.* Se houver tempo de meditar, cuidarà de quantos modos se desposa o Senhor com nosco na Natureza, & na Graça, no Espirito, & nos Sacramentos. Cuidar se ha quanto importa nam se extinguirem as alampadas, nem sermos como as Virgens loucas, mas ver quanto nos aproveita ser como a Esposa dos Cantarês, que o buscava por toda a parte, & lhe perguntava amorosa, onde passava ao meyo dia.

A sexta feyra. Se meditarà no Senhor como Mestre, que desde a Cruz nos ensina, quam nùs das cousas deste mundo, & quam fora hão de estar da terra os que da Cruz fazem escada para subir ao Ceo; & aprender a sua doutrina, & seguir a sua vontade. Quem nam puder considerar,
ba-

bastará que lhe diga na Alma: *Meu Deus, meu Mestre, & meu Bem todo, se vós me quizerdes fazer vosso verdadeyro discipulo, he certo q̃ só vós podeis.* Se tiver Meditação, considere como sempre foi nosso Mestre, & nosso Exemplo, na pobreza com que nasceu, na verdade cõ que ensinou, na charidade que mostrou, nas virtudes que exercitou, & na obediencia com que morreu.

Ao Sabbado. Se meditará no Senhor como Pay; & bastará que a toda a hora lhe ande dizêdo o nosso Espírito: *Meu Deus, meu Pay, meu Bem todo, não seja escravo do Demonio, quem vós fizestes vosso Filho.* Se houver tempo, medita-seha com a memoria nos Ceos, que elle nos diz, que he a nossa herança, & fazemos por não perder o morgado da Gloria, pelos bens falsos da terra, por não morar no mundo cõ os sentidos, pois temos nos Ceos ao nosso Pay, pois a nossa Patria he o Ceo, & nosso deitro este mundo.

Ao Domingo. Se meditará em Deos como Senhor, que podendo só com os An-

jos, com os Santos, & Serafins servirse
 ainda neste mundo, se quer servir com
 peccadores tam vis, & baixos pela culpa.
 Se nam tiver tẽpo, ou nam o houver para
 cuidar, bastará que sempre se diga: *Meu*
Deos, meu Bem, & meu Senhor, indigno
sou eu de servir vos, pois os que vos servẽ
Jõ Santos, mas se vòs quizerdes, meu
Deos, só vòs me podeis fazer hum muito
grande servo vosso. Se puder considerar,
 meditaremos a Grandeza, o Imperio, a
 Magellade, & os mais supremos attribu-
 tos de hum Deos, que he Senhor univer-
 sal, nam so da Terra, mas dos Ceos, dos E-
 lementos, & criaturas, & de tudo o mais
 que ha no Mundo; & admirandonos sem-
 pre nelle, estando suspensos, & parados
 veremos que favor nos faz em se querer
 servir de nõs.

F I M.

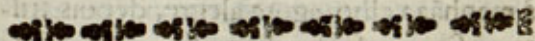
E sobre tudo, encomendo muito, que em qualquer destes exercicios, figura ou representação, oremos pelo Padre Nosso, pois (como ensina o mesmo Christo, o meu Padre São Francisco, Santa Theresã, Santa Coleta & outros muitos Santos, & Meftres desta Espiritual Sciencia) tudo se alcança, ainda que este se não reza, na forma que aqui se escreve, colhaõse delle as perfeiçoens com que se deve rezar; que este he o fim a que se ordena toda esta copia de escritura deste Papel, de que o Padre Nosso ser à melhor, se se obrar como se diz.





V O Z E S
D O C E O,
 E
 TREMORES DA T E R R A.
 em cinco Discursos:

Pelo Veneravel Padre
 Fr. ANTONIO DAS CHAGAS



VOZ DO CEO I.

*Homo natus de muliere, brevi vivens tē-
 pore, repletur multis miserijs. Iob. 14.*

TREMOR I. DA TERRA.

O Homem nacido da fragilidade
 (dizia Iob) vivendo brève tempo
 Kiiij se

se enche de muitas misérias; como flor nasce, como flor se murcha, como sombra apparece, & dezapparece como sombra; quer sempre ser o mesmo, & nunca está em o mesmo estado: Gêrase em podridão, nasce em peccado, vive em miséria, morre em angustia; desde o começar a nascer ao acabar, tudo são misérias na vida, tudo são mudanças no Homem: tudo são misérias na vida, porque o ventre he trevas, o berço prantos, a mininiçã ignorancia, a mocidade engano, a adolescencia vicio, a madura idade ambição, & a velhice enfermidade: Tudo são mudanças no Homem, porque hoje moço, à manhã velho, agora alegre, depois triste, já são já enfermo; hum dia irado, outro dia sofrido; hum tempo ditozo, outro mal afortunado; hora arrependido, hora peccador; nunca pára em hum estado; Lua em fim de tantas mudanças, Sol q̄ tantas vezes se eclipsa. Estrella q̄ tantas vezes erra, Mar que tantas vezes se muda, Protheo que tan as vezes toma fôrma; todo o Mundo junto o não tem.

E sobre todas estas miserias, se gastou mal o tempo da vida, que Deos lhe deu para tratar da salvação, tem morte pa a cada hora, juizo final para logo, Mundo para nunca mais, Inferno para sempre.

He gerado o Homem em podridão, para que desde as mantilhas do ventre aprenda a ter hum nojo de sy mesmo, hum desengano dos outros, & hum distabôr, & desprezo de tudo aquillo que estima a vã profanidade: porque se o melhor extremo da vida humana he hum asco da consideração, & da mesma natureza, que será & que será aquelle extremo ultimo desta evidente corrupção, que se resolve em cinzas mortaes, & em guzanos vivas? Se pois assim começão os homens da melhor geração; se o Grande, o Principe, o Monarcha não tem melhores principios que estes, porque estes são a materia, & fundamento do ser humano; quem ha tam nesciamente delvanecido, que faça caso de huma vida, cujos principios são desenganos de conservar-se, pois são começos de corromper-se? Nasce em peccado o

Ho-

Homem, pera que vendose escravo da culpa, que herdou com a natureza, abata a devaço daquella soberba, que quer ter jurisdicção sobre as outras escravas, como se nacera em graça, & sayba que nace cativo, & logeito a cousa mais vil & abominavel que pòde haver no Mundo, q̄ isto he o Peccado, tam odioso a Deos, tam pessimo, & detestavel, como quem não foi criatura de Deos, mas feitura dos peyores homens. E convem, que saybão isto os melhores homens do Mundo, para que considerem, que não podem ter dominio sobre os outros homens, se primeiro se não logeitam ao imperio recto da rezão, & relgarandose juntamente pela Graça de todas as outras escravidoens, em que os meteu o vicio, quando usou da rezão que devia, amanhecendolhe com a luz do Ceo, se ficou às escuras com as sombras da terra. Vive em miseria o Homem, porque nada tem no discurso da vida, que não seja huma perpetua miseria, ou huma necessidade continua; o que se tem por regallo, o que se julga bizzarria, o que

O que parece deleite, & o que se estima por felicidade, são grãdes misérias da vida, & grandes necessidades do Homem. Pera sustentar a vida, he necessario comer, & beber, por bizzarria o vestir, por deleite o dormir, por felicidade o negociar neste, ou naquelle estado; sem advertir o Homem, que todos estes seus bens são necessidades, & misérias; pois vemos que a natureza faminta, sequiosa, nua, affligida & trabalhada, pede ao Homem, como por esmola, o sustento, o vestido, o sono, & a diligencia, com que se tem cuidado della. E desta advertencia nasce a mayor miséria de todas, que he chegar a ignorancia humana a ter, & amar por summa felicidade a sua mesma miséria, sem ver que o comer foi a occasiam do peccado, o vestir insignia da penitencia, o dormir figura da morte, & o negociar castigo da culpa. Que miséria pois pôde haver mayor, que chegar o esquecimento da profana vaidade a fazer negocio do castigo de culpas, deleite da figura da morte, galla, & ostentação das insignias da

da penitencia, regallo, & gosto da occasião do peccado.

Devia o comer, & beber ser sómente para sustento, & não para regallo; devia ser o vestir, & o calçar, não para enfeitarnos, mas só para cobrirnos: devia ser o dormir para descanso, & não para deleite: devia ser o negociar para o necessario, & não para o superfluo. Devia ser menos o negociar, porque se he para mais que o que basta para passar a vida, he ambição, & não providencia. Devia ser menos o dormir, porque sendo demasiado, he vicio, & não necessidade. Devia ser outro o vestir, porque sendo o que se usa, he vaidade, & não modestia. Devia ser menos o comer, & beber, porque sendo mais do necessario, he gulla, & não temperança. Se o comer he muito, não só he estrago das virtudes, mas tambem da vida, se o vestir he vão, não só he queixa da modestia, mas da natureza; se o dormir he demasiado, não só he nocivo à salvação, mas tambem à saúde. Se o negociar he superfluo, não só he arriscado para a consciencia,

cia, mas para a pessoa. Eis aqui como tudo he miseria, & digno de lastima; ainda assim nesta miseria vive o homem, tam esquecido da Eterna Vida, como se vivera já Bemaventurado.

Finalmente morre em angustia, porque o cercão de toda a parte na hora da morte todas as miserias que teve, todos os peccados que fez, & todos os males que tem, & todas as coulas que vê. Se olha para o Ceo, vê o bem de que andou fugindo, toda a vida: se olha para a Terra, vê a sua sepultura: se olha para o fogo, vê o seu castigo, ou no Inferno, ou no Purgatorio. A mesma vida o deixa, despedindose num suspiro; a morte o assalta, arrancandolhe a alma pouco a pouco; o ar o afoga, tomandolhe a respiração: o Ceo o atemoriza, hindolhe negando a luz; a terra o quer comer, abrindolhe a cova; o Inferno o quer engulir, metendoo nas entranhas: & sobre tudo isto vê a Deos irado, cheio de justiça, & não de misericordia: o Demonio accusador, & já não amigo: os Anjos testemunhas, mais que

que advogados: os Santos expectadores, mais que padrinhos, faz huma dissonancia triste; horrenda, & temerosa, que he outro genero de morte muito mais terrivel.

Morre em fim miseravelmente o Homem, & se dalli não vay condemnado pera os Infernos, ainda tem castigo no Purgatorio; se foi condemnado, não tem remedio, vay padecer pera sempre fogo perduravel, penas eternas, confusão infinita, & eternidades escuras, de pranto sem termo, de tormentos sem cabo, de desesperação sem fim: & que sabendo isto o Homem, que tem juizo, haja de gastar a vida na vaidade, & não no desengano; haja de amar a miseria da vida, & não a felicidade da alma: haja de buscar a perdição, & não o remedio: haja de fugir da penitencia, & não da obstinação! Oh miseria! Oh desventura mayor que todas as da vida! Tal he a cegueira mundana, que não ha cousa que aos Homens pareça mais contraria para a sua vida, que o tratar da salvação; he necessario, que se enfadem,
&

& se aborrecção da vida, & que a Alma se lhe encha de amarguras, pera que se cheguem a Deos, & lhe peção misericordia: & cuidão, que fallão contra sy, se fallão em salvarle, ainda que estejam vivendo na mayor miseria de todo o mundo.

Eu fallarey contra mim (dizia Iob no meyo de suas miserias) & fallando na amargura de minha Alma, direy a Deos, que não queira condenarme? *Dimittam adversus me eloquium meum loquar in amaritudine animæ meæ, dicam Deo, noli me condemnare.* Notaveis palavras, por certo! Se Iob falla por sy sómente a Deos, que mais lhe havia de pedir, que a salvação, dizendolhe, que o não condenasse: logo como diz que falava contra sy? Se as primeiras palavras, que diz depois de fazer este proposito, são, que Deos o não condene? Oh mortaes! Andava Iob aborrecido da vida, desejava a cabar a vida, & destruiilla. como diz Santo Thomas? se pois para a destruir havia de suppor algum contrario seu, que cousa havia Iob de desejar, senão a salvação: *Noli me cõ-*
dem-

dennare. Se não ha cousa que pareça mais contraria a esta miseravel vida, que tratar da salvação, pedindo a Deos misericordia. Não tratais, mortaes, da salvação, não fazeis penitencia, porque nam aborreceis a vida. Onde se deixa ver, que em quanto gostaes da vida, & das suas miserias, a perdição he a vossa gloria, a salvação o vosso aborrecimento. Eis aqui a ultima das miserias, a que chega a cegueira dos vossos vicios, para que no juizo de Deos sejais condenados, & reprovados por toda a Eternidade, se comtempo não fizeres penitencia das vossas culpas.

(??:)

VOZ DO CÉO II.

Quid est Homo, & quæ est gratia illius?
Eccles. 18.

TREMOR II.

Que cousa he o Homem? pergunta o Ecclesiastico: que tem o homem de teu, pera que se persuada a que he alguma cousa. O Homem mortal (diz o me. mo Salamão) he huma empolla de agoa; porque assim como a empolla não he mais que huma inchação, & já que se vê nas ondas apenas aparente quando desvanecida; assim o Homem peccador, com huma pouca de vaidade, que he o ar, que lhe entra: mal representa o leve engano de suas apparencias, quando desfaz a fragil pompa de sua obstinação aerea, ou sua presunção caduca. He como o vaso

Z L de

de barro, ou seja velho, ou novo, igual perigo tem de quebrar em chegando a cair. Assim o Homem, ou seja moço, ou velho, igualmente pôde morrer. E ainda em qualquer mal, he como a Estrella do Mar; porque assim como estas ao parecer são Estrellas, não tendo na qualidade mais que humas sombras, & reflexos das Estrellas do Ceo; assim o Homem, se he justo, he huma sombra, & huma semelhança de Deos, nada por sy proprio, & nada pela culpa, pois por ella a sombra se vay, & a semelhança de Deos se perde, ainda que a imagem fique.

He como sombra o Homem, porque assim como a sombra que vay fugindo, vay desaparecendo, sem deyxar algum final de sy; assim o Homem, que vay vivendo, vay acabando, sem deixar algum vestigio daquella vida; apenas nos representa em leve vagado de sombra, quando morre como de accidente em breve efimera de nada. He como a escuma do Mar, que se ergue vicosamente sobre as suas aguas, & qualquer onda a deruba, & des-

desvanece. He hum bocejo da terra, que sobre vapôr para morrer em fumos de hũ fumo, que o ar espalha, huma folha que o vento leva; fogo que se converte em cinza, que se desfaz em pò, porque se muda em todo o lodo, que se torna em terra. E que sendo isto, & muito peor que isto o Homem mortal, & miseravel, & fogueito a mayores misérias, & delventuras por seus peccados, haja de terse em grande conta, vivendo em culpa: & haja de fazer muito caso de quem he, não vivendo em graça. O justo não se sabe resolver, se he digno de odio, se de amor, & entoberbecete o pò, & cinza, sendo o termo ultimo da vida, & da abominação.

Ah Senhor! (dizia a Deos David) trazey as gentes a juizo, & saybão que são Homens: *Constitue Legislatorem super eos, sciant gentes quoniam homines sunt.* Porém se os peccadores de nenhuma outra cousa se jaclão tanto, como de serem Homens, como he necessario, que venha sobre elles hum dia do Juizo, pera que se conheção? Não fora melhor dizer o Pro-

feta: conheção os humanos, que são pedras na dureza, brutos no apetite, arvores na elevação; pois abominava nelles a soberba, a obstinação, & a demasia? O mortaes, excellentemente disse David. De finio Iob que cousa era o Homem, & disse, que era huma pouca de podridão: *Homo putrido*. Queria David, que os Homens conhecessem que crão, huma podridão que vive, huma immundicia que se doura, huma corrupção que se preza. Se os Homens se tiverão por Arvores, ainda que os condenara a sua elevação, podera enganállos, & darem algum fruto. Se se conhecêrão por Feras, quando os malquistara a fereza, a brutalidade os desculpara. Se se consideraraõ Pedra, a duração os confiara, ainda que a dureza os reprehendêra. Pois porque nem a duração os confie, nem a brutalidade os desculpe, nem darem algum fruto os engane; saibão, que são podridão, & não pedras; conheção que são immundicia, & nam brutos; vejaõ que são corrupção, & não arvores. E conheção finalmente os mortaes,

taes, que não são gente, pois são Homens, porque sendo Homens, são huma podridão corrupta, huma immundicia nojentta, & huma corrupção asquerosa, que foi nada ha pouco tempo, que está sendo pouco mais de nada, que será cousa nenhuma. Hontem hum favor do possível, hoje hum perigo do futuro, & à manhã hum medo do presente: hum pôde ser antes que fossem, hum não serão agora que estão sendo hum forão acabando de ser; & se são mais alguma cousa, nada são mais que hum lodo que vive, huma lama que lustra, huma terra que anda, hũa vaidade que corre, huma mentira que falla, hum engano que dura, & hũa presunção que mente.

De que pois vos gloriais; Homens miseraveis? Que cuidais que sois? Quem presumis que fereis? pois sabey, & acabay de crer, que em todo o Mundo não pôde haver cousa mais vil, quãto ao ser terreno, q'esse ser que tendes, & de q'tãto vos prezais. Toda essa fabrica vivente, toda essa

apparencia fermosa, toda essa ostentação robusta, & toda essa pompa desvanecida, he cousa tam vil, tam baixa, & miseravel; que nem depois da morte pôde ser peor, nem mais vil, do que he mayor gloria, na mayor presunção, & na mayor felicidade da vida.

Peccou Adam, & querendo Deos tirarlhe da cabeça aquelles fumos vãos, de que a sua vangloria fez vagados pera o derrubar na culpa, querendo pôrlhe por terra aquella vaidade nefcia, & desvanecida, com que andava com presunçoens de Divino, disse-lhe hum dia: Homem miseravel, lembrate que es pô, & que em pô te has de tornar. Mas se Deos quer abater os brios a Adam, se o quer confundir, & humilhar com a vileza do que ha de ser, por castigo da culpa; se o quer atemorizar com a memoria da morte, figurada no pô, & cinza, que ameaço lhe faz, que medo lhe mete, dizendolhe, que ha de ser na morte o mesmo que está sendo em vida? *Palvis es, & in pulverem reverteris.* Não era meio mais efficaç pera

ra confundillo, & pera estremecello, dizerlhe, que se lembrasse, que cedo seria pò, & cinza, ainda que de presente era Homem? Não mortaes. se Deos dissera só ao Homem, que havia de ser pò, & que o não era já, deralhe hum defengano para tempo futuro, mas não lhe tirara a vaidade do seu engano presente. Via Deos, que do engano presente nascia todo o mal do Homem, pois com nenhuma cousa se engana tanto, como com o que era; & pera que visse quanto se enganava com a sua ignorancia, ou com a sua vaidade, não só lhe disse, que havia de ser pò, quando o castigasse a morte, disselhe, que isso mesmo estava sendo, quando o enganava a vida. Mas se Deos fez o Homem do pò da terra, se o Homem vivendo he pò, que castigo lhe dà Deos em o desfazer em pó? Se na morte o desfaz, se na morte o castiga, como o não desfaz, diminuindolhe o ser; como o não castiga, fazendoo mais vil? Oh mortaes! não achou Deos nenhuma cousa peor, em q̄ podesse desfazer ao Homem, que aquel-

la mesma de que o fez, não teve outra mais vil, com que o castiga, que fazendo tornar a ser aquillo que era; por isso não podia pôrhe mayor afronta no rosto, que dizerlhe, que ainda havia de ser o mesmo que estava sendo.

Fez Deos ao Homem do pô da terra, como lê o Hebreu: *De pulvere*: fello de hum vilissimo, como diz Chrysofostomo; & vilissimo de hum superlativo, que affirma daquillo, que he vil o mais que pôde ser; pois não ío he vil, mas sobre mais que vil este pô, como materia prima, de que Deos formou o Homem; da materia prima, diz Santo Augustinho, que he o ser mais vil, que se pôde considerar. Se pois o Homem não podia ser peor cousa, nem mais vil do que era, q̄ mayor castigo podia darlhe Deos, que fazello ser o que tinha sido, quando acabasse de ser o que estava sendo.

Dezenganayvos mortaes, que nada podeis ser peor, nada podeis ser que seja mais vil, que esse mesmo de que tanto vos prezais, pois atè parece que quando Deos

vos quer aniquilar, parece tambem que vos não pòde ennobrecer, mas nem peiorarvos. Fez Deos da luz o dia, do Ceo as Estrellas, do Mar os Peixes, da Agua as Aves, da Terra os bichos, & animais, & as plantas; mas ao Homem de hum póvilissimo, que ou nos cega, ou nos surta; tam baixo, & tam miseravel, que fogeitandose a tudo o que fazem d'elle, sempre anda cheio de immundicias, & de perseguicoens: se se levanta o vento, o leva pelos ares, & depois o derruba; se se não move, todos o atropellão. Isto sois Homens miseraveis; & disto fez Deos o primeiro Homem, para que vendose mais vil por este principio que todas as outras criaturas, buscasse no seu conhecimento o seu defengano, & achasse na sua vileza a sua humildade. Não só nisto, mas em outros muitos doens fez mais caso a natureza das hervas, das plantas, das aves, & das feras, que dos humanos, pois os brutos os excedem na força, as feras na faude, os Cervos na vida, os Lincees na vista, os Abutres no cheiro, as Aves na

ligeireza, as Flores na fermosura, as Arvores na pompa, & as Hervas nas virtudes, & em outras infinitas cousas, que fora hum nunca acabar começar a dizellas. Por isso queria Deos, que o Homem se conhecesse pela coufa mais vil que havia no Mundo, pera que não se attribuindo a sy os favores do Ceo, vendo que lhe não era devido nenhum respeito, antes tendo se por indigno das merces de Deos, affentasse sobre esta humildade aquelle beneficio, com que antes de peccar o fez senhor de tudo, & aquella misericordia com que o veyo a ver depois de haver peccado.

Mas não cuidão os Homens, que são pò; cuidão que são Deoses! aquelle engano, que o Demonio fez a Adam no Paraíso, faz no mundo todos os dias aos outros homens, como cuidão muito de sy, nada cuidão na morte, nada cuidão em Deos, nada cuidão na morte, porque vivem, como se não houvera morte; nada cuidão em Deos, porque vivem como se não houvera Deos; ainda que a morte

os defengana todos os dias, ainda que Deos os avila todas as horas, como nam olhão pera o pò, que he memoria da morte, como não olhão pera o sepulchro, que he o espelho da vida; o pó ainda que lhe dè nos olhos, deixaos mais cegos: o sepulchro, ainda que lho ponhão a vista, fica a perder de vista. Oh se os Homens olhãão algum dia para o pò da morte? Se os Homens fizerão algum dia espelho do sepulchro! que depressa se esquecerão do que parecem! q̄ se finalmente conhecerão bem o que erão, não se terião por Homens, quando muito parecerlhes-hia, que erão huns bichos vis da terra, & hũa pouca de podridão.

Senhor (dizia a Deos David) eu não fou Homem, fou hum bicho da terra, huma afronta des Homens, & hum escarneo do Povo: *Ego sum vermis, & non boreo. &c.* Poi em se David era hum ces maiores Reys da terra, o mayor Homem dos seus tempos, o gabo des outros Homens, a valentia do Mundo, & occupaçon da Fama, como já bicho, & não Homem,

mem, como escarneo, & não gabo, como afronta. & não credito? Oh mortaes? Chegou David ás confiderações da morte, como elle logo diz, por meyo do pò, & cinza: *In pulverem mortis d. duxisti me* Chegou ao Sepulchro, como explica Iantenio: *Idest proximus sum sepulchro.* fez memorial do pò, & cinza; fez espelho do sepulchro, & como vio nelle, que todo o parecer de Homens, & toda a afeição de Homens, se havia de mudar em guzanos, & bichos fedorentos, já não he o que parecia, já parece só o que he: *Ego sum vermis, & non homo* Porque considerandose pela morte feito em pò, & cinza, pelo pò, & cinza na sepultura via, que nella não ficava do Homem outra cousa, mais que aquillo que nasce da podridão; & isto são bichos, & guzanos, como dizia Iob: *Homo putredo, & filius hominis vermis.*

Isto vê quem olha para o seu sepulchro, porèm ainda vê mais quem olha para Deos: quem faz espelho do seu sepulchro, temse por hum bicho da terra,

jul.

Julgase pó, & cinza, conhece, que he po-
drídao; mas quem tem a Deos por espe-
lho, ainda vê mais, porque vê que he na-
da. É a rezão he, porque olhando para
Deos, vê se asy, & vê q he cousa nenhũa.
He Deos como hum espelho para os que
andamos nesta vida de peregrinos, segun-
do disse Sam Paulo, & neste espelho só
nos havíamos de ver, & rever todos os
momentos. Viose a elle David, que tra-
zia sempre os olhos em Deos: *Oculi mei
semper ad Dominum*. E logo vio que era
nada, como elle mesmo disse: *Et substã-
tia mea tamquam nihilum ante te*. Se-
nhor, nada sou diante de vós. Porém se
David via, & se revia em Deos, como ven-
do tâto, via que era nada? Ora olhay: quẽ
olha para o espelho, vê-se; quem o nam
olha, não se ve. Vê-se quem o olha, por-
que em olhando para Deos, vê a sua ima-
gem, & vê, que sendo a Imagem de Deos,
nada lhe fica mais que aquelle puro nada
sobre quem se poz esta imagem; por isso
conhece que he nada. Quem não olha
para o seu espelho, que he Deos, não se
pò-

pode ver a sy, & daqui nasce, que como acha tantos doens de Deos em sy, sem saber de quem saõ, nem donde lhe vierão, desconhece a Deos, desvanecese a sy, cuida que tudo he seu, dissipao como proprio, atè que na ultima hora o paga como alheio.

Ol Se pois, peccadores, hum Homem justo como David, quanto ao ser mortal, & caduco, se tem por hum guzano olhando pera o sepulchro, & quanto ao ser immortal, tem pera sy que he nada, olhando pera Deos. Em que conta se devem ter aquelles peccadores, que sendo por sy nada, pela culpa saõ huns sepulchros vivos de humas almas mortas? Se quereis conhecer quem sois, quanto ao ser terreno, olhay para o sepulchro: se quereis ver o que sois quanto ao ser mortal, olhay pera Deos, vede que de não olhar para Deos nasce o caso que fazeis de vós: vede, que de não ver o sepulchro, nasce o caso que fazeis da vida. A vida sem memoria da morte, he huma morte da alma: vós sem memoria de Deos, sois hum inferno

inferno da vida; da morte da alma facilmente se caminha para a morte da vida: do inferno da vida facilmente se vay para o inferno da alma. A morte da vida póde ser cada hora, a morte d'alma ha de ser pera sempre. Se pois não tendes mais q' huma vida, nem mais que huma alma, como não receais huma morte, que se apressa na culpa, como não temeis hum Inferno, que na culpa se ganha? Oh miseria da vida! Oh perdição d'alma! Oh ignorancia do nada! Oh soberba do pò, & cinza!

VOZ DO CÉO III.

Homo, sicut fenum dies ejus, tanquam flos agri sic efflorescit. Psal. 102.

TREMOR III.

Compára David com o teno a vida do Homo, que isto são os seus dias,

dias, para que vendo os Homens na fabrica, & fragilidade do feno a fragilidade da sua vida, achem o dezengano de sua vaidade no mesmo fogeito, onde a sua vaidade achava o seu engano. E daqui passem a considerar, que se os desengana não aquellas mesmas cousas, que os costumão desvanecer, que farã aquellas, que os devem desenganar, humilhar, & advertir? Engana aos Homens, & desvanecceos a flor de sua idade, & a verdura de seus annos, dandolhe a presumir, q̄ quem começa a florescer, muito tẽ para durar, q̄ quem começa a reverdecer, muito tẽ para luzir: desenganaos depressa o seu mesmo engano; pois na vida do feno, que reverdece, na duração da flor, que mais pomposa nasce, vem os homens a vida, q̄ tam depressa acaba, vem a pompa, & a idade, quam pouco espaço dura: para que foubessem isto os Homens, mandou Deos ao Profeta Izaías, que chamasse ao seu Povo, & perguntandolhe o Profeta, que havia de clamar? Vay (lhe respondeo o Senhor) & chama aos Homens, que se
não

fa. não enganem, porque toda a carne he fe-
da. no, & toda a sua gloria como flor do cam-
de po; secouse o feno, cahio a flor, & aca-
sua bouse a gloria num breve instante; por-
qui que o mesmo Espirito do Senhor, q̄ num
ga. assopro lhe inspirou a vida tãbẽ lha tirou
tu. noutro assopro, & foi a causã, não fazerem
ue os Homens aquillo para q̄ Deos os fez.

Eis aqui o que são os Homens mais
e. prezados de quem são, & os mayores
de Homens do Mundo, hum feno vilissimo,
m que das hervas nasce, na terra cresce, no
q ar florece, & pelos ares morre. Eis aqui o
ra que he a vida dos Homens, hũa flor tam
o fragil, que o frio a seca, o Sol a murcha, o
r- vento a arrebaça, os brutos a pizão, & os
n- bichos a comem, sem que lhe valhão
m o privilegio da fermolura, a authoridade
e, da pompa, & a verdura da fragancia, pa-
l- ra que o tempo lhe perdoe, o vento a res-
o peite, & o Sol a não castigue Chamão os
- Homens flor da idade a Primavera da
t- vida, & com rezão lhe chamão flor, por-
o que roda a duração dos annos desta vida
e caduca, toda a repetição d. s Primaveras

da mais florida idade, não só tem a fragilidade de flor no mais tenro da idade, mas apenas tem a idade de huma flor na mayor duração da vida.

Fallando Iob na vida do Homem, disse que erão breves os seus dias; dizendo David os dias da vida humana, comparaos ao feno, & com a sua flor: porem se a vida da flor he tam breve, & a do feno tam caduca, que ainda não dura hum breve dia; Se a idade de hũa flor não chega a fazer hum dia, como dizia San-Tiago, com que rezão se contão os dias da vida do Homem pelos instantes de huma flor, que morre quando nasce o Sol? *Exortus est Sol cum ardore, &c.* Oh mortaes! todos os annos da vida do Homem se cõtão por hum só dia; porque não valé mais de hum só dia os mais compridos, & os melhores annos da vida do Homem, Hoje sou de cento & vinte annos (dizia Moysés ao seu Povo, despedindose d'elle) não posso passar daqui. *Cennum viginti annorum sum hodie, non possum ultra egredi, & ingredi.* Mas se os cento, &

vinte annos erão passados, se o hoje não diz mais de hum dia, se hum dia não inclue cento & vinte annos, como Moysés; fallando pelo tempo presente do verbo *Sum*, diz que em aquelle dia era de cento & vinte annos? A rezão he, que o tempo da vida não se conta pelo que se tem senão pelo que se vive: o mais que no Mundo se vive he hum só dia, como dizia Quintiliano! *Tota vita hominis unus est dies*. O mais tarde que no Mundo se morre, he cada dia, como dizia São Paulo: *Quotidie morior*. Se pois Moysés tinha feitos os annos da vida, por onde havia de contar todos os seus annos, mais que por hum só dia: *Hodie*.

Não tendes, oh mortaes! mais que hum dia de vida em todos os vossos annos, ainda que tendes muitos annos; a parte que tendes de vida, he brevissima, todo o outro espaço, que se passa, he tempo que se conta, não tempo q se vive, nem vida que se tem, porque não passa do dia de hoje o mayor espaço do tempo, & a mayor duração da vida. Esta he a rezão

porque faz mais quem faz hum dia, que quem faz muitos annos, passãõ os annos, mas ficavos final dos annos, ficavos a idade, ficavos a ruina, ficavos o numero; idade, para final do que passou por vòs; a ruina para memoria dos danos que vos fez, o numero para memoria da conta que fazeis delles. Passãõ os dias, & nada vos fica delles, mais que a certeza de que passaraõ, & desaparecerãõ como flor do feno, como sombra do sonho. Em fim podeis fazer annos, só dias não podeis fazer: & a rezãõ he, porque a mais perfeita idade que pôde haver na vida, o dia q̃ começa, nesse mesmo dia acaba, no mesmo dia em que nasce, nesse mesmo dia morre.

Averiguando Genebrardo o dia da morte de Moysès, sobre as suas palavras a fima ditas, diz assim: *Particula hodie declarat Moysen septimo die Adar fuisse natum, & eodem fuisse mortuum.* A particula, *Hodie*, declara, que Moysès ao septimo dia de Fevreyro nascera, & nesse mesmo dia morrera. Se pois Moysès ti-

nha v
feus d
como
dia en
Este h
derse
come
Servi
por e
para f
meiro
te.
Ta
go qu
do ac
que t
extre
mais
& os
te, &
veo e
ceo,
mais
dos d
Sear

que
os, nha vivido tantos dias, que fizerão os
s a seus dias cento, & vinte annos perfeitos
ro; como diz Genebrardo, que no mesmo,
òs; dia em que nasceo, nesse mesmo acabou?
vos Esse he (oh mortaes!) o mysterio, po-
nta derse dizer dos cento & vinte annos, que
ada começarão, & acabarão no mesmo dia.
ue Servir hũ só dia não sómente, para se cõtar
do por elle a mais longa idade, mas rambem
oo- para se afirmar delle, que sendo o pri-
fa- meiro dia da vida, fora o ultimo da mor-
ei- te.

q
el- Tanto no ultimo dia se poem a vida lo-
dia go que começa, tam presente està quan-
do acaba ao que começou, que parece
que toca de fim a fim: os mais apartados
da extremos da nossa mortalidade, os polos
as mais contrarios, as metas mais distantes,
ie & os termos mais oppostos, q̃ ha na mor-
te, & na vida. Se pois de Moyses que vi-
te veo cento & vinte annos, se diz, que nas-
ceo, & morreo no mesmo dia, que val
p, mais que hum só dia o mayor computo
te dos dias, & o mayor numero dos annos?
i- Se a mais perfeita idade, no mesmo dia
na

em que começa, neste mesmo acaba, porque não acabão de defenganarse os mortaes, de que a vida he feno, & a sua gloria flor do feno? Viveo Moysés cento & vinte annos, & parece que não viveo mais que meyo dia, pois no mesmo dia nasceo, & no mesmo dia acabou; foi este dia, dia de sua vida, & dia de sua morte, sendo tão piqueno dia, q' era de Fevereiro.

Parece que de bom concerto, levando cada qual feu quinhão, havia de sahir a morte com ametade, se com outro tanto sahiſſe a vida: porem que muito he isto se assim como a Escritura chamou dias ao tempo da vida: *Dies hominis*: também chamou dias ao tempo da morte: *Ecce proprie sunt dies mortis*. O tempo da morte, não he mais que aquelle instante breve, em que se divide a alma do corpo, & ainda assim té nome de dias na Escritura, onde tudo tem mysterio, & nada he superfluo: Que muito he logo, que também se chamem dias hum instante que a vida dura, não sendo mais que hum breve instante? Não dura (oh mortaes!)

a vida mais que hum breve instante, porque não dura mais que hum agora. E nisto he a vida do Homem semelhante ao feno, que hum só instante dura. Do feno diz Iansenio, que subitamente morre: do mesmo diz Belarmino, que ao primeiro rayo do Sol, como que se lhe cahira hum rayo, cahe amorticido, & que por isso não duvidarão alguns de o compararem ao Homem.

Tam fragil he a vida dos mortaes, que bẽ cõsiderada, assim como a vida da flor, q̃ não he mais q̃ de hũ momẽto, assim a vida dos Homens não he mais q̃ hũ ponto; porque não he mais que hum só agora. Là o dizia Iob, fallando com Deos no meyo de suas miserias (que só nellas nos lembramos de Deos) & dizialhe assim: *Cunētis diebus, quibus nunc milito, expecto, donec veniat immutatio mea.* Senhor, toda esta vida com que agora pejejo, vou esperando minha resurreição: assim o expoem Santo Thomas! *Quasi dicat, totã vitã milito.* Se pois Iob pejeja toda a vida, como se declara por hum agora? Se

hum só agora contende, como diz, que anda em guerra toda a sua vida? Oh mortaes! & como havia de declarar Iob a brevidade da vida, senão chamandolhe hum agora *Nunc*. Com que havia de sustentar a sua, esperança, *Expecto*, senão com o alivio, & consideração, de que não era mais que hum agora todos os dias da vida: *Cunctis diebus*.

Nem o Homem, nem a flor tem mais que hum só agora dentro das clausulas de hum dia! O q̄ vivestes pela manhã, já lá vay; o que haveis de viver a tarde se lá chegardes, inda não chegou; o mesmo que estais vivendo tãbem se vay passando: & nem os antes, nem os despois podeis contar de vida; porque huns se forão, & não vos deixarão nada, mais que a laudade de passados, ou a mágoa de perdidos: outros ainda não vierão, nem vos dão nada, mais que huma ancia de presente, & huma esperança de futuro: só os agoras, que em quanto eu o digo tãbem se passão, tendes successivamente cada momento, mas com tamanha fuga-

cidade, que em vos chegando, se vão, & em os sentindo vos fogem, & em os vendo, vos deixão. Em fim, he flor a vida quando floresce mais o Homem: *Sicut flos agri, sic efflorescit.*

Porém reparay, que o não comparou David com a flor dos jardins, se não com a flor do campo; & a razão he, porque a flor dos jardins sobre a caricia do rego, sobre o mimo do resguardo com que tratão della, ainda depois de cortada, que he o mesmo que morta, trazemna nas palmas, & pomna sobre a cabeça em sinal de estimação. A flor do campo, por fermosa que seja, por ostentosa que nasça, ninguem faz caso della, antes em aquella breve vida com que amanhece, alli mesmo onde cresce, & ilustra com mayor pompa, alli a cortão, & enxovalhão, & a metem por baixo dos pés, como por desprezo. Eis aqui o que he em commum a vida do Homem, hum feno que seca, & huma flor que se murcha. É ainda assim he tal a cegueira humana, que tendo o mayor desengano na sua

suã meſma vida, he engano que não ſe acaba, perigo que ſe eſtima, & eſquecimento que dura.

VOZ DO CEO IV.

In imagine pertransit Homo, Pſal-38.

TREMOR IV:

PAssida a vida pelos mortaes, como a imagem pelo eſpelho, que ſem deixar nelle algum veſtigio da figura que representava, diſparece, & paſſa como ſombra, ou como ſonho, que nem por ſonhos, nem por ſombras ſegunda vez nos apparece. He imagem hum boſquejo vão, & huma representação fantaſtica, ſem nenhuma outra entidade, que ſer hũ arremedo do que nos fingel, hum fingimento do que nos mostra, & huns longes do que nos retrata. E aſſim como a ſombra

bra na parede tem apparencias da pessoa de quem he sombra, & tomada às mãos, he nada: assim como a imagem no espelho, parece que se vê, & he engano, & affiguração; assim a vida no Homem he apparencia que lustra, mas pouco mais de nada, he visão alegre, mas cousa de riso, que nasce representação, dura fingimento, & acaba mentira.

Isto deu a entender David quando disse, q os mortaes passavão em imagem, como se differa, que o Homem era huma imagem, hũa figura q passa, & hũa sombra que anda; ou como cousa imaginaria, que não tem ser algum mais que aquelle que lhe fingem as nossas fantasias. Finalmente à maneira de huma sombra vã, que he figura daquillo que representa, mas não a mesma cousa. Passa o Homem apressadamente na figura desta vida, que he sombra da Vida Eterna, correndo sem parar, atè chegar à morte. Corre, & não se sente, voa, & não se enxerga, desaparece, & não se cuida. Como correio da posta que não descança: como rio inclinado ao mar,

mar, que nunca sossega: como pedra que desce ao centro, & só nelle para: como Nab, que não sente o curso, com que se engolfa pelos mares: como ave, que em breve espaço vence as distancias, que voa: como setta, que num momento se junta aos pontos, a que tira: tam arrebatado voa, tam surdamente passa, tam velozmête corre, que parece hum vo-o da morte a mesma duração da vida: o mesmo he começar a ser, que correr logo a acabar; os dias que a vão crescendo, a vão diminuindo: & aquillo mais se consome, que mais tempo vay durando.

Por isto dizia Sam Gregorio, que a nossa mesma vida era cada dia hum passar da vida; porque em quanto no curso da vida presente se passava da mininice à mocidade, da mocidade á velhice, da velhice à morte, a mesma vida com os seus proprios augmentos se precipitava na sua declinação, & se chegava ao seu fim. Vay a vida sempre a correr, porque o seu hir devagar (diz Rufino) he hir cada momento correndo para a morte, & o seu
passar

passar depressa, acabar a vida: he hum
morrer por momentos como dizia Quin-
taliano, & por muy escasos momentos.
E como he sombra a vida, tam fraca cou-
sa he, que tendo as condicoens da som-
bra, qualquer outra a derruba. Vay sem-
pre descahindo a vida para a morte, quan-
to vão declinando as sombras para o Oc-
cidente: olhareis para a sombra do dia,
& parecervosha, que he hma grande
couza pois occupa os montes, estende se
pelos vales, desce pelos outeiros, assom-
bra o mar, & cobre o mais da terra: chega
a sombra da noite, derrubaa, & a faz lo-
go desparecer, sem ficar rastro, ou sinal
do que tinha sido: Assim amanhece no
mundo a sombra da vida humana, vay
crescendo ao nosso parecer, dominan-
do todo o Mundo, chega a sombra da
morte, & derrubando a num mar de tre-
vas, não só deixa sinal algum daquella ap-
parencia vã, com que os mortaes se en-
ganão, só deixa aquelles ricos, ou bor-
roens, com que a morte se debuxa.

Mas quando a vida não fosse som-
bra,

bra, mas fosse Sol; quando a vida não fosse folha, mas fosse flor; quando a vida não fosse reflexo, mas fosse Estrella, em q ficaria os mortaes de melhor condição? Olhay para o Sol, mortaes, & vede que rico de resplandores em berço de ouro amanhece; porem vede que desluzido là sobre a tarde se lepulta aquelle grande lustimento, que dourava as nuvens, lustrava os mares, alegrava a terra, & authorizava o Ceo. Como vos não faz grande espanto ver que não dura hum breve dia? Assim a Estrella mais lustrosa apenas resplandece, quando se eclipsa, assim a flor mais magestosa, mal se abre, quando se feca.

Se pois isto succede às flores, que são joyas da Primavera; se isto acontece às Estrellas, que são diamantes do Ceo; se disto não escapa o Sol, que he Principe das luzes, que duração mayor espera, quẽ se foi Sol, não vive hum dia; quem se foi flor, dura hũa tarde? quem se he Estrella, brilha hũa hora? O Sol cada dia corre a ver o seu sepulchro, nem os ardores do

Meyo

Meyo dia, nem o verſe no ſeu auge, nem o fazer ſombra a tudo, o pode obrigar a que ſe detenha, ſem que ſe incline ao ſeu Occaſo; elle meſmo ſe corta os lutos para a ſua Eça, fazendo crescer as ſombras para o ſeu tumulto. As Eſtrellas, vendo q̃ hão de cahir no dia do luizo, tambem cahem todas as manhãas no ſeu deſengano: ſe nas cegeiras da noite oſtentão luſimentos, oh que depreſſa ao chorar da Aurora eſcondem os reſplandores! O meſmo he riſe a manhãa de as ver reſplandecer com luzes alheias, q̃ correrẽſe ellas de ſua luzente vaidade, & deſaparecerem da viſta. A flor em quanto vive, alli meſmo onde nasce tambem ſe enterra, ſe para o Ceo moſtra a caduea pompa de ſua fragilidade verde, como quem a confeſſa na terra, enterra ao meſmo tempo as preſunçoens de ſua gentileza vãa, como quem a deſengana: quem a aparta da terra onde eſtã enterrada, tiralhe a vida, diminnelhe a duração, & enxovalhalhe a gentileza: quem a deixa eſtar com as raizes da humildade na ſua ſepultura ſem

a tirar dalli, lhe dilata a vida, lhe poupa a gentilez, lhe augmenta a duração.

Eis aqui o que havia de fazer a vida dos mortaes, já que como flor quer viver, como Estrella alumiar, com Sol luzir mas de o não fazer assim, se deixa ver, que a flor serve melhor a Deos, pois cada dia se defengana: q̄ a Estrella serve melhor a Deos, pois cada dia se esconde, q̄ o Sol serve melhor a Deos, pois cada dia se sepulta. Conhecey pois, mortaes, a vossa fragilidade, vede quaõ brevemente se passa o tẽpo da vida; mas vede que não basta considerallo, se desta consideração não colherdes o dezenqano por fruto.

Daqueiles peccadores, que forão aos Infernos contri a Sabedoria, que considerando as miserias da vida, dizião deste modo: De nada nascemos, daqui a pouco feremos como se não toramos; a nossa respiração he hũ pouco de fumo, as nossas palavras hũma fãisca, que nos move o coração, & apagada esta, teremos pò, & cinza; derramarãse o espirito como leuear, & passa a nossa vida como vestigio

da nuvem, & se dezatará como nevoa afugentada dos rayos do Sol, & de seu calor aggravada: o nosso nome se sepultará no esquecimento dos tempos, & ninguem terá lembrança das nossas obras: o tempo da nossa vida será como passagem de sombra, não tornaremos ao mundo, depois da nossa morte, porque temos per scriptos a nossa mortalidade, & do outro mudo ninguem torna para este.

Poderá dizer mais, (oh Peccadores!) hum Prêgador Evangelico, que tratára de grangear almas para Deos, prêgando defenganos da vida? Parece, que não differa mais. Pois isto dizião no mundo os q̄ forão ao Inferno. Porem porque torão ao Inferno os que dizião isto? Sabeis porque? Porque destas cousas, de que haviam tirar o defengano por fruto com a emenda da pessoa, tirava a sua ignorancia por consequencia a relaxação da vida. Oh mortaes! não ha mayor final para lerdos ingnorantes, & de hirtedes aos Infernos, que depois de conhecerdes as misérias da vida, queredes que tenham per-

manencia para vossos vicios aquellas mesmas cousas, que são huma continua mudança para o vosso desengano.

Havendo acabado de considerar estes Peccadores as miserias da vida, diz o Texto Santo, que differão huns para os outros. Visto ser isto assim, aproveitemonos do mundo, levemonos boa vida, não se nos passe a flor do tempo: *Venite ergo, & fruamur bonis, non prae tereat nos flos temporis.* Mas se a flor he a mesma fragilidade, para que sendo figura do Homem o desengane: *Sicut flos agri.* Se o tempo he huma perpetua mudança, que ora em muletas coxea, ora em azas voa, para que delle ninguem fie. Se como dizião estes mesmos homens, as flores se havião de murchar: *coronemus nos rosis antequam marcescant.* Se como elles mesmos affirmavão, o seu tempo se hia passando, era hũa passagem de sombra, que não tem propria substancia: *Transitus umbrae tempus nostrum.* Como querem agora, que a sombra não passe, que o tempo não voe, que a flor se não murche? Oh mor-

mortaes! erão nelcios, erão ignorantes, como elles mesmos confessarão depois de estar no Inferno: *Nos insensati viã Domini ignoravimus*. Sendo pois ignorâtes, & havendose de condenar, que final havião de dar de sy na vida, senão querer que permanecesse para seus vicios, o mesmo que era huma continua mudança pela seu desengano. dezenganavos o tempo voando, a flor perecendo, & a sombra fugindo. Mostravalhe a flor, que nascèra só para não durar: Mostravalhe o tempo, que não tinha azas mais que para desaparecer: Mostravalhe a sombra, que não tinha apparencias, mais que para se transpor: & estas mesmas coulas, que havião estremecerlhe a vaidade, com o advertimento lhe emmudecião mais o appetite para a relaxação. Tam longe estavão de cahir na rezão, que ao mesmo tempo que conhecião isto, queria a sua ignorancia que a sombra fosse permanente, que o tempo se fizesse eternidade, que a flor se tornasse perpetua: *Non praterent nos flous temporis.*

Que mayor ignorancia podia haver, que esperar permanencias da flor, do tempo que passa, se as não podião esperar da flor do campo que fica? Que mayor malicia que querer que parasse o tempo, que os defenganava voando, para que elles entre tanto por todos os leus vicios fossem correndo? E em fim que mayor preverfidade, que fazer insentivo de seu distrahimto todas aquellas cousas, que erão hum despertador para a lua emenda? Vinde (dizião elles) & não fique flor no mundo, campo, ou prado, na terra fruto, nos mares peixe, nos ventos ave, que não sitva de deite à nossa lascivia, & não reconheça as jurisdicoens da nossa liberdade: *Venite ergo, & nullū gratum sit, quod nō pertranseat luxuria nostra* Parecevos q̄ era bom fim, para q̄ querião que o tēpo fizesse impossiveis? a flor maravilhas, o tēpo milagres? Parecevos, que era boa a consequencia daquellas premissas? Pois nenhuma outra cousa tirarão daquelle conhecimento, nem de ver que a vida era flor, o tempo sombra, & os homens terra, mais

mais que a relaxação da vida, & o estrago da consciencia, o pouco temor, & devacidação total de seus vicios, atè que num ponto descêrão aos Infernos, como dizia Job! *Ducunt in bonis omnes dies suos, in prosperitate peragunt, & in puncto ad inferna descendunt.* Santo Thomàs na expozição deste lugar diz, que este Inferno se ha de entender pela morte. Que myste, rio terá, que a morte dos preverfos se declare pelo Inferno? Oh mortaes! nenhũ outro mysterio tem, que ser hum Inferno a morte dos Peccadores, num ponto morrem, num ponto vão para os Infernos, porque nelles he huma mesma cousa chegar a morrer, que chegarem a se condenar, chegar às portas da morte, que chegar às portas do Inferno, perder a vida, que perder a alma; perder o mundo, que perder o Ceo; fahir da vida, que entrar no carcere.

Oh mortaes! não deve ser o estado dos homens quanta ha de ser a vida, senão qual deve ser a morte; não se ha de olhar para a quantidade dos annos, senão

para a qual idade das virtudes: a sa vida tem quem por pouco que viva, vive para a rezão: pouco vive quem por muito que viva, vive para o apetite: o numero dos annos he mais huma cifra, que não val nada em lhe tirando a unidade do amor de Deos, que he todo o seu fundamento. Se pois lois imagem de Deos, que isto importa a rezão, como diz Santo Thomàs; se sombras suas lois, que isto importa aquella semelhança, a que o Senhor vos fez, como nem por sombras quereis ter semelhanças com Deos, de quem lois imagens. Ha de ser possivel, que a sombra de huma arvore ha de andar ao redor d'ella, a sombra do Sol o ha de seguir, as sombras dos montes não os hão de deixar, só a sombra de Deos, se o Homem, que he sombra de Deos, pois he imagem sua, ha de deixar a Deos, não ha de seguir a Christo, nem ha de andar ao redor d'elle, & isto sendo Deos Arvore da Vida, Sol da Graça, & Monte de Gloria? Oh lastima! oh desventura! A sombra se se parece com aquillo de que he sombra, a
mes.

mesma cousa parece: o homem se separece com Deos, de quem he imagem, parece o mesmo Deos. Se pois perder esta figura, & esta semelhança, que ha de parecer o Homem? Serà bruto, parecerà Demonio, & hirà para as eternas sombras com os Anjos das trevas, onde pgarà num para sempre de penas, o haver desprezado a Deos por hum tudo nada de culpa.

VOZ DO CEO V.

Homo nascitur ad laborem, & avis ad volatum. Iob. 5.

TREMOR. V.

NAsce o Homem para o trabalho, como a ave para o vo-o: ou seja cõ as maos, ou seja com o entendimento, em quanto estiver sobre a terra ha de traba-

lhar o Homem: trabalha chorando em nascendo, porque não pode servindo, ou considerando; tam pobre ficou a natureza humana depois da culpa, que quem não ganha o sustento com o suor do seu rosto, ou do juizo, parece que não chega a alcançallo, sem merecello com as lagrimas, que são suor do coração. Esta penção da culpa obrigou ao mayor, & ao primeiro Homem do mundo a roçar espinhas, & abrolhos, feito trabalhador vil, & homem de ganhar miseravelmente. Aquelle mesmo Homem, que sendo criado para o fim sobrenatural da Gloria, teve Deos por Pay, os Anjos por Amigos, o Paraíso por Palacio, o Mundo por Imperio, & por Vassallos seus todas as outras Creaturas. E não parando aqui a sua miseria, quiz Deos mostrarlhe, que elle só havia de trabalhar na terra, de que nasceo o Senhor. Nunhuma outra creatura, salvo se atrahida pela industria, ou arrastrada da violencia se submetesse à fogueição, & à necessidade. E a razão he; porque na mesma desobediencia, com que

o Homem perdeu os frutos da Graça, rebellando-se ao seu Creador, facultarão as creaturas todas o jugo interior da obediência, com que servião ao Homem. Mostroulhe a Providencia, que a Avenão fia, o Peixe não semea, a Fera agreste não lavra, as Arvores não trabalham, & as Flores não cultivão: & que ainda assim tem para a vida o necessario, & às vezes o sobejo, sem rasgar a terra com o arado, ferir os campos com a enxada, cruzar os mares, descompor os rios, nem descobrir aquelles segredos da terra, onde o ouro, & a prata, & as outras classes de metalls metidos como num sepulchro, parece que pedem ao Homem, que os não defendam, pois a pesar de todas as riquezas que podem dar-lhe as minas, também o hão de enterrar dentro de pouco tempo, onde não lhe pôde valer o ouro, para que se não converta em bichos, & em podridão.

Voando em fim a Ave pela Região dos ventos, nadando o Peixe pelas ondas, vagando as Feras pelos campos, parece que

que como à finte da vaidade humana, ou dandolhe doutrina muda, se lhe mostram que não nascêrão para outra cousa, que para viver descansadamente. Cantando, recreandose, & apalcentandose ao mesmo tempo que o Homem chora, que se afflige, & que sente a falta do que aos animaes não falta, do que às Aves sobeja, do que aos Peixes enfastia; & quando estas querem recolherse, & abrigarse dos desabrigos da noite, sem haver erguido edificio, se sollicitarẽ algum reparo para o sossego, & menos para o sono, achão nas lapas do mar alcobas, nas covas dos montes leitos, nos ramos das arvores camas, ou de campo, ou de vento, onde a planta, que lhe offereceo toldos para passar a calma; lhe arma pavilhão verde para lhe dar abrigos, onde as covas, que para o nascimento lhe offerecêrão berço, para o descanso lhe dão alvergue: onde as lapas, que para os riscos lhe offerecêrão refugio, para a quietação lhe dão encosto: & onde finalmente a Providencia superior, sendo ministra do agasalho, lhe té

pre-

prevenido o repouso.

Naturalmente vive a Toupeira nas entranhas da terra, & allilhe leva o Ceo seu alimento; vive no seu cazullo o guzaninho vil, & sobre vestirse de sedas, lã o sustenta a Providencia: vivem os outros bichos immundos sem se bolirem de hum lugar; & ahi onde os poz a natureza lhe acode com o necessario a Divina Bõdade. A herva mais humilde, a planta mais vil, a folha mais esteril, a flor mais melindrosa, o ramo mais sobrelevado, sem fazerem diligencia alguma para sustentar aquella vida vegetativa, recebem das entranhas da terra o succo que lhe basta. De todos o Ceo, & a Terra té cuidado, com todos se desentranha suavemente, só ao Homem não acode com a mesma próptidão, sem que primeiro lhe custe a fadiga, a vergonha, ou a diligencia.

Nisto, & em tudo mais quanto à porção terrena, quiz Deos mostrar aos Homens humanos, que erão muito mais miseraveis que as outras criaturas: pois nascendo as Feras do campo, nam só vestida

das, mas armadas, as Aves do Ceo adornadas de plumas, os Peixes do mar cubertos de escamas, as plantas da terra enfeitadas de folhas, as Estrellas do Firmamento cheias de resplandores, só o Homem appareceo nù nos Orientes da vida, como mendigando, & pedindo a todos q' o cobrisse, & ábrigaassem, arè, q' pudesse buscar cõ q' se cobrisse. Mostrouse a natureza mais liberal com as hervas agrestes q' com os humanos: mayores ventagões lhe deu neste privilegio, do que deu nam sómente aos Homens de mayor esfera, mas ainda aos de superior Gerarchia.

Olhay o Lirio do campo (dizia Christo) & vede se Salamão na sua mayor gloria se pode vestir como elle, nam trabalha, nem fia para vestirse, & veste tanto melhor que o mayor Rey da terra; quanto he melhor (como dizia Santo Hilario) a verdade que a mentira? Em fim vestio Deos fermosamente as Flores, rebulamente as Arvores, alegremente os Campos, para que podendo fazer mayor gala de sua natureza, que os mayores ho-

mens

mens, lhe lembrassem a necessidade com que nascia, aquelles mesmos a quem a ignorancia, ou a fortuna fingio mais izentos da miseria, ou da necessidade: todos em fim sem trabalhar tem o que hão mister; só Homem não tem o que ha mister, senão trabalhando com o animo, ou com a pessoa: & a rezão he, porque nenhũa creatura offendeo a Deos mais que o Homem; antes fazem todas melhor que o Homem aquillo para que Deos as fez. A todas fez Deos para que o louvassem, & isto fazem a todo tempo todas as criaturas, excepto as racionaes. Estão sempre louvando a Deos todas as criaturas, porque todas a todo tempo são hum espectáculo fermoso, & hũa consilliam louvavel, ainda que muda, das obras do seu Criador; pois nella, como em vestigio da Divina Grandeza, como em copia do seu immentó Original, como em espelho, ainda que escuro, daquella Claridade eterna, como em lamina, bem que tosca, da Divina fermosura, parece que quando se nos manifestão por obras de Deos,

Deos, nos convidão à admiração de suas maravilhas, se olhandoas com a consideração, com que se devem contemplar, faremos estender o discurso, & o entendimento, por quanta a terra mostra, por quanto o mar descobre, por quanto o ar ostenta, por quanto o Ceo debuxa.

Isto fazem as criaturas mais rudes, aquellas que com almas de terra, & com espiritos de vento bruscamente nascem, bruscamente lentem, & vegetando vivem por isso não trabalham por castigo, como faz o Homem, porque não trabalha quem louva a Deos. Não fazem outro tanto os Homens, porque trabalhando pela vaidade, não pela virtude, fogem daquelle juizo, com que se descansa, por buscar aquelle descanso, em que se afadiga. Onde se vê, que falando o Homem em seguir o fim para que foi criado, que he louvar, & amar a Deos, menos ama a Deos, que huma planta, que hum bruto, & que huma pedra, pois qualquer destas naturalmente não falta ao seu ultimo fim, & por isto nem trabalha

Iha o Homem, nem trabalha como deve; nam descança, porque nam louva a Deos, nam trabalha como deve, porque não serve a Deos: serve aos Idolos de sua vaidade, de sua inclinação, trabalhar por offender a Deos, mais que os bons para amar a Deos. Cançase por descançar na culpa, como se fora na Gloria: desvelase pela sua perdição, mais que os justos pela sua salvação; & põem mayor cuidado em se hir aos Infernos; que os outros ao Ceo.

Oh mileria! oh desventura! digna de chorarse com lagrimas de sangue, digna de escreverse com letras de ferro, digna de chama-se com folegos de bronze! Basta peccadores, que se não ha de hir hum Homem aos Infernos, sem que lhe custe o suor do rosto, o sangue do braço, a canceira do corpo, & affição do animo, & o dinheiro da bolsa? Ha de ser possível, que por Soes, & por chuvas, por calmas, & por frios, por ventos, & por neves ha de hum Homem andar, buscando a sua perdição, & ha de ser necessario para

para chegar hum Homem a ser condemnado, que ponha nisso todo o seu estudo, todo o seu sentido, todo o seu trabalho, & toda a sua fadiga, & que sobre tudo isto se não contente o Deimonio, se lhe não comprais o Inferno com o vosso dinheiro; & se sobre tudo isto não fazeis muito caso, & muita vaidade da vossa condenação, na estimação que fazeis da culpa, no gosto com que vos senhoriais na maldade; tantos passos em fim para vos condemnar; tanto trabalho para vos perder, tam pouco para vos salvar; tantas fadigas pelos bens caducos, & transitorios, que vos levão ao eterno carcere, & vos arrastão para a morte eterna! Tanto descuido, & tanto esquecimento dos bens eternos, & permanentes, que vos atrahem, & levão suavemente para a eterna Gloria, para a eterna vida!

Oh mortaes, vede o que fazeis, vede por quem trabalhais? Vede que se trabalhades pelos bens do Ceo, tereis brevemente mais do que quereis. Vede, que se vos empenhades toda a vida pelos

bens

bens temporaes do mundo, em toda a vida não tereis nada: nada tereis, nada vos aproveitará todo o vosso trabalho, ainda que seja licito, se trabalhades só pelos bens do mundo. No mar de Tiberiades trabalhãrão toda huma noite os Discipulos de Christo, & não colhêrão nada por fruto do seu trabalho: *Et illa nocte nihil prendiderunt*. Veyo a manhãa, & tomando o conselho do Senhor, que appareceu na praya, deitãrão as redes para a mão direita, & de hum só lanço tirãrão tanto peixe, que pela multidão, & grandeza delle, não podião arrastar, & recolher as redes. Porem se a noite he o melhor tempo das pescarias, se o mar, se as redes, se os Pescadores erão os melmos, como de hum só lanço tirão tanto peixe, que era mais do que querião? Como de toda a noite, & de tantos lanços não tirão nada, nem lhe importa nada todo o seu trabalho? Oh mortaes! toda a noite, que he figura da vida, como diz Santo Agostinho: *Vita praesens nox est*. não tinhão deitado os Discipulos as redes para a

mão direita : figura dos bens eternos; tinha-as deitado para a mão esquerda, figura dos bens temporais; pois que lhe havia de aproveitar o trabalho, ainda que licito de toda a vida, mais que confundir a humana: *Nihil prodiderunt*: que menos lhe havia de render hum só lanço do trabalho meritório, que enchentes, & mais enchentes dos bens da Igreja, & dos bens eternos: *Et jam non valebant illud trahere pro multitudinis piscium.*

Mas se os Discipulos de Christo erão exemplar, & figura dos mais perfectos homens, se na barca se figurava a Igreja, nas redes a Prègação, no mar o mundo, nos peixes os peccadores, nas ondas os vicios, segundo he commum sentir dos Expositores Sagrados, como não aproveitou nada o trabalho de toda a vida, figurado em toda a noite? Como não aproveitarão os desvellos dos mais perfectos Homens, para que das ondas dos vicios, & do mar do mundo tirassem nas redes da Prègação se quer hum peixinho, isto he, hum só peccador, & por fruto do seu

seu trabalho? Oh peccadores! não havia ali Deos, como diz o Texto: *Mane autē factō fletit Iesus in littore.* Tudo erão sombras, figura da culpa; esclareceu a manhã, symbolo da Graça, então appareceu Deos, então se lançarão as redes para a mão direita, & só entam se fizeram bons lanços, pois se encheu a barca da Igreja dos seus escolhidos.

Desenganaivos mortaes, que ainda que sejais Discipulos de Christo, ainda que sejais Varoens perfeitos, ainda que tenhais as melhores redes da sciencia, & da eloquencia humana, ainda que trabalhais toda a vida, se vos cançardes pela gloria temporal, & nam pela eterna, se se não vir que està Deos onde trabalhais, se não tomardes seus conselhos, deitando as redes para a mão direita, tudo vos ha de fahir esquerdo, nada haveis de colher, nada haveis de aproveitar: os peixes coarã a malha, por mais meuida que seja, quanto mais finas forem, mais deprella as quebrarã, pois valem mais, por mais fortes, ainda que grosseiras, que por fi-

nas sendo fracas. E em fim de vossa vã
fadiga nam colhereis mais que vento nas
redes, frio na vida, afflicam no animo,
& agua de tribulaçam na barca, atè que
Deos vos amanheça.

F I M.





FAISCAS

D O

A MOR DIVINO.

Vertidas de hūm Pedernal humano.

Offerecidas a hum Crucifixo,

Pelo Veneravel Padre.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS,

Missionario Apostolico, da Ordem de
 Sam Francisco.

Dedicatoria a Christo Crucificado.

A Quem? Aquem senã a vds (meu
 Deos) se hão de vo ar, e offerocer
 estes pedaços da minha alma, q̃ cõ a luz da

O iij

vossa

vossa Graça achei perdidos pelo mundo.
 A quem, se não a vós estas cinzas do meu
 coração, q̄ tiradas do Fogo Eterno sobre
 esse Altar da vossa Cruz, do meu coração
 são holocaustos, do meu engano são memórias?
 A vós somente (meu Senhor) q̄ sou
 todas as minhas cousas: e mo tornão a
 mar os rios, se reduzem estas minhas la-
 grimas, q̄ filhas são desse Oceano. Este
 he o trabalho matutino, que na concha do
 vosso peito se torna em perolas preciosas;
 estes os ultimos despojos, com que das ba-
 talhas do mundo trago as insignias da vi-
 ctoria para Tropheo das vossas Aias.
 Estas as Taboas do naufragio, q̄ escapão
 das d' mar do seculo para memoria do ma-
 lagre, no vosso Tēplo de pē duro. Esta he a
 Casa da Oração, onde esse auxilio me deu
 Alma, onde a minha Alma se fez Ceo,
 onde hũa morte se fez vida (pequena paga
 meu Senhor) hũa Faisca por hũ Ceo, hũa
 lagrima por hũa vida, hũ só gemido por
 hũa Alma. Bem sei (meu Deos, & meu
 Senhor) serã m outra mayor culpa os fu-
 mos deste holocausto, & desta offerenda

vinharia porem que victimas se esperam
 de hum coração tam pobre, q̄ sendo o mū-
 do tudo nada, nam teve mais que ser do
 mundo: Mas se a vossa misericordia me
 fez de vós tam b m aceite, q̄ muito he q̄
 eu ja presuma, que os meus nadas sam bẽ
 vistos? N molhais vós os sacrificios, se-
 nam a tençam, que se offerece, & nesta
 ninguem bem mais qu' eu, pois tenho a
 vós comigo. Hoje nam só vossas pieda-
 des ham de ser quem ha de aceitar estes
 trocos da minha dor, q̄ dos cadaveres da
 culpa por ser triüphos, são destroços. Mas
 tambem quẽ ha de rever estes ra'gos da
 minha penna que com a tin'a de meus o-
 lhos escrevèram as minhas culpa. no pa-
 pel de meu coração? Revejaõ pois vossas
 piedades este papel, q̄ de jo lhos consagro
 hoje a vossos pès, p̄nhase nelle a vossa
 emenda, donde se tirem os meus erros. pa-
 ra q̄ nelles me não cegue, & me vja sem-
 pre nella. Permicias são de hũa vontade,
 q̄ nunca pode ver se livre, senão depois q̄
 a tendes preza, que reviveo onde mor-
 re, para se morrer onde se vive. Se ain-

da parecem flores os prantos desta minha pena, quem duvida, que dos Altares são as primeiras boninas? Nã eu (meu Deus) tenho outros cravos, que pòr hoje em vossas mãos: se por duras estas rezoens parecem mais que pedras, eu já hoje nam posso outras para joyas de vosso peito. E se por ondas precipitadas, eu já não tenho outras correntes, que deite agora a vossos pès. E se eu podera fazer tanto, que vos podera fazer sempre de cada Estrella do Ceo mundos, de cada ouçaõ da terra mares, de cada areya do mar Ceos, & de todos multiplicados, vos fizera tãbẽ (meu Deus) das pedrinhas dos montes Aras. dos troncos dos bosques Templos, dos ramos das arvores Coros, das folhas das plantas braços, dos atomos do ar coraçõens, dos argreiros da terra olhos, das hervinhas do campo almas, & das flores do prado vidas. Se vestindome de todas juntas podera voar a esses Ceos, & là cõ todos os seus Espiritos todo em cobrira de azas, todo me fizera Thronos num sãpre abraço d'alma, nam houvera dia, nem ho-

ra,

ra, que com todos vos não amara, nem vi-
 vera momento, ou atomo, q̃ os nam occu-
 pãra com vosco, nem estivera instante, ou
 ponto, que com vosco me não unira. Façãõ
 pois vossas benignidades (meu Deos, &
 Senhor) que se edifiquem em minha Al-
 ma os muros de Ierusalem; cayão da anti-
 ga Babilonia aquellas torres presumidas,
 de quem foi a baze o mesmo vento, & fũ-
 damento a mesma areya. Postrados sam
 os Colossos, já derrubadas as Estatuas, &
 em fim os Idolos cahidos com as armas do
 desengano, com os castigos da rezão com
 os golpes do escarmento. Feri agora (meu
 Senhor) & rasgai, meu Deos, & meu Bẽ
 todo, com as armas de vossa Cruz, ou com
 o fuzil do vosso Amor, as entranbas deste
 penedo tam rebelde, & empedernido a tã-
 tos vossos merecimentos, pois nam sõmen-
 te dos meus olhos poderãim assim na cer-
 rios, mas tãbẽ do meu coração correr hũ
 mar de lavaredas. Tomay posse de huma
 Alma vossa, pois nessa Cruz tendes o ti-
 tulo; nem consintais [meu Deos, & Re-
 demp'or] que deixe hoje o meu engano o
 direito

direito da vossa Graça pelo avesso da mi-
 nha culpa, a justiça do vosso Sangue pe-
 la trapassa deste mundo. Não quero eu
 melhor Cômenda, que verme com o vosso
 Habito; E nem para tomallo hoje a pei-
 to tirarey outras inquiriçoens, mais que
 as memorias dos meus peccados, nem fa-
 rey melhores provanças, que as experien-
 cias dos meus vicios. Aqui postrado a
 vossos pés, nos incendios do vosso Amor
 peço que arda este Papel, não peço que mo
 defendais, rogovos sim, que mo emendeis.
 E se por meu parecer mal, sejais bemdi-
 to Iesus, que assim fareis hoje, que o mun-
 do se não engane mais comigo se sentirem
 do que ha nelle, louvado sejais (meu Se-
 ñhor) E conhçam todos, que sendo eu o
 mesmo erro, consentida vossa Bondade, q̃
 em mim se louvem vossas obras. Lou-
 vemvos todas as Criaturas, E eu por to-
 da a Eternidade.

GOLPE I.

*Desolatione desolata est omnis terra,
quia nullus est, qui recogitet corde. Jer. 12*

LAGRIMA I.

T Odo o mundo se perde por falta de
consideração; assim o chora o Es-
pirito Santo pela boca de Jeremias, que
depois que as chamas foram lagrimas, que
muito que as linguas fossem olhos? É
necessario foi, que como linguas decla-
rassem o que choravão, pois já não vião
com os olhos, que sentissem o que di-
zião, Chorava o Espírito Santo, chora-
va tambem o Profeta, ver que os cami-
nhos de Sião se tinham feito matos bra-
vos, & cheios só de agrestes syvas, eram
solidos, & desertos sem haver quem os
habitasse, nem quizesse já passar por elles,
quan-

quando a Terra de Babilonia toda ferra,
 & penedos, despenhadeiros, & asperes-
 zas a todos se fazia estrada, hindo por el-
 la todo o Mundo. Por isso era necessario,
 que o pranto não só fosse màgoas. mas
 que fosse tambem rezoens, por ver se qué
 lhe dava os ouvidos, lhe poria melhor os
 olhos. Esta foi tambem a razão porque
 David no Psalmo 68. quando chorava,
 não pedia a Deos os seus olhos, só lhe
 queria seus ouvidos. *Exaudi orationem,
 meam, auribus percipe verba oris mei.*
 Tão trocados andão os objectos de todos
 os sentidos humanos, que parecia conve-
 niencia equivocaremse os officios, pois
 quem lhe dava os ouvidos, lhe punha
 melhor os olhos: mas não he esta ainda
 a rezão. he porque o mundo andava ce-
 go, & não tinha olhos para ver, quanto
 mais para chorar. Estes olhos nas Escri-
 turas sentendem pelo entendimento; o
 mesmo David no lo affirma, dizendo em
 muitos dos seus Psalmos: *Confideray có
 vossos olhos.* E nosso Lyra no lo ex-
 plica, dizendo, quem são estes olhos:

Oculi

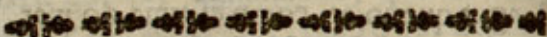
Oculi interiores anima, vox eorum gemitus, & oratio. Estes são os seus discursos, são suas vozes os gemidos, sua eloquência a oração, Como pois ao Povo de Deos talava este entendimento, & vivia sem considerar, andava cego, ás escuras, sem atinar o seu caminho, sem ver os seus despenhadeiros, a Cidade de Deos se fez ermos, as vias de Sion desertos, & o mundo todo Babilonia. Oh se os homens considerarão, que forão nada ha pouco tempo, & que estão sendo pouco mais de nada, & que hão de ser cousa nenhuma! Se virão com algum cuidado, que aquillo, que foi, já não he, & que o que ha de ser, ainda não chegou, & que o que está sendo, vay passando, hontem menos que huma sombra, hoje sómente hum pô unido, & à manhã cinza, & corripçam. Qué da rezão do seu juizo não faria olhos ao discurso? Quem das trevas do seu engano, não sahiria à luz da verdade? Quem das Remoras da sua culpa, não faria as azas da emenda? Virã o juizo, & a razão, que o que na vida himos crescendo, he

he o que'vay diminuindo; que os seus bens se vão acabando, tudo o que duram em hir sendo. & assim nos himos consumindo, quanto mais tempo himos durando. Cada instante de nossa vida fora hum memorial para a morte, lembrandonos os que já passarão; cada lembrança da morte hum despertador para a vida, mostrando-nos quantas se perdêrão. Conhecerà a mesma vaidade, que não ficando do nosso tempo mais que a memoria de haver sido, ou a mágoa de haver passado, naquillo mesmo que duramos, a cada ponto perecemos. *Per exigua festinantis diei momenta preamurimur.* Tam veloz, & tam arrebatado he o curso da humana vida, que não havendo mais que hum passo desde o berço à sepultura, pòde servir-nos de tr. peço hum pè mal posto a cada passo, não havendo mais que hum ló folgo entre o Inferno, & entre o Mundo: o mesmo ar que nos alenta, nos pode tirar a respiração. Passarà em fim esta vida, como vestigio de nuvem, ou qual nevoa que se destaz; dezatarlenosha o Espiuto
 como

como ar que se delvanece, como empolla
da agua que corre, como escuma do mar,
que se ergue, como flor do ferro, que cahe.
E em fim tam leve, & tam ligeiro nos
passa o tempo com a vida, como Nao,
quê não sente o curso, com que se engol-
fa pelos mares; como setta, que em hum
instante passa as metas, a que atira; como
Ave, que em hum momento vence as di-
stancias, a que voa; sem que o entendi-
mento dos homens lhe queira examinar
o curso, sem que o acerto dos Discretos
se cance em apontar o tiro; sem que a ce-
gueira dos Humanos procure allegurar-
lhe o vo-o. Oh vaidade sempre cega!

Oh ignorancia aparecida! Oh pre-
cipicio, & tudo engano!

(:?:)



GOLPE II.

*Veruntamen universa vanitas, omnis
homo vivens. 38.*

LAGRIMA II.

DA vaidade dos homens nasce a cegueira deste mundo. E andando acompanhada sempre da estentação, da soberba, da presunção, & da arrogancia, das mentiras, & das lisonjas: toda he fausto de iguorancias, toda familia de chimeras, toda casa de loucos. Esta soberania, & este desalumbrado entono, cõ que se morre por ser Idolo, atràs dos Idolos do mundo anda arrastando o seu engano, & despenhando os seus insultos. Este he o canto das Sereas, que acada canto do mundo, & a cada passo dos hymanos lhe faz o mar todo naufragios, lhe

torna

torna o porto todo riscos; para a praya da Eternidade os encaminha o Norte d'alma, & elles nas ondas dos peccados para o Inferno vão apique. Hum só vil-lumbre da Fortuna, que como vidro resplandece, os cega, ate quando se quebra: hum resplendor do luzimento; que como vella se consome, ou como exhalacão se gasta, mais os ascende, do que os alumina: huma adulaçãõ do aplauso, que como ar se desvanece, com os encher de vento, es incha: humas delicias mentirofas, que como pirolas se dourão, com lhe amargar, as idolãtrão; humas honras imaginadas, que sãõ tem dezar de fantazias com ser chimeras, as aprovãõ: & humas venturas fabulosas, que ameçãõ como Cometas, atẽ com a vida se comprãõ. Oh Homens vaõs, que vos engana? Gente cega, que vos obriga? Quem vos arroja, & vos despenha, vos leva, & vos atrah? Por ventura saõ as riquezas? Isto deu a terra a huma mina. Saõ acaso as grandes pompas? Isto dett o vento a hũa nuvem. He por ventura o ter mais vida? Isto dett

P

a hum

a hum tronco a montanha. He acaso a valentia? Isso deu o monte a huma Fera. He a altura do grande estado? Isso deu o vento a hũa grimpa. Por dita saõ as fermosuras? Isso deu o campo a huma flor. Que vos enlouquece, o deitar plumas? Isso deu a natureza a huma Ave. Que vos ufana, o vestir sedas? Isso deu o bosque a hum guzano. Que vos persuade, o comer mais? Isso concede o tempo a hũ bruto. Como pois chega a ser possivel, q seja a vossa idolatria a vossa ambição, v. ssa cegueira, aquillo de que gosta hum bruto, aquillo em que se cria hum bicho, isso com que não escapa hũa Ave, aquillo que não preza hũa flor, essoutro em que não dura huma grimpa. o mais com que foge huma Fera, & tudo o mais que em fim pouco estima o tronco, a Nuvem, a Mina? Se as riquezas todas saõ terra, se as pompas saõ hum pouco de ar, a vida pouco mais que folha; a valentia acção de Fera; a mayor altura, mudança; a belleza, filha das hervas; as plumas, sempre leviandade; as sedas, tumulto de bichos;

& o

& o comer gosto dos brutos? Para que
quereis parecer minas, se assim sois pe-
dras de escandalo? Porque fazeis por
serdes nuvens, se isso he cousa que leva o
vento? Porque folgais de serdes Feras,
se isso he fugir de ser humanos? Porque
estimaes o viver como Arvores, se se cor-
tão as que não dão fruto? Porque deze-
jais parecer Grimpa, se a cada instante o
ar as muda? Porque morreis por viver
Flores, se cada dia hum Sol as seca? Por-
que vos prezais andar como Aves, se são
pennas seus enfeites? Porque trataes de
ser Guzanos, se os seus vestidos são mor-
talhas? Porque gostais de terdes brutos,
se isso he negardes que sois homens? Oh
venenos idolatrados? Oh fabulas sempre
bem quistas! Que facilmente vos deixã-
ra, quem vossa origem descobrira? Que
alegremente vos pizãra, quem por d'etro
vos conheçera? Mas que se ha de fazer
hoje, a quem podendo ser maravilha por
privilegio da rezão, se faz aggravo de
desatinos por condição da vaidade, ou
abuso da natureza.

Jo. 1. Jo. 1. Jo. 1. Jo. 1. Jo. 1. Jo. 1. Jo. 1. Jo. 1. Jo. 1. Jo. 1.

GOLPE III.

*Vae tibi Cerozain, vae tibi Bethsaida:
quia si in Tyro, & Sydone factae essent
virtutes, quae factae sunt in vobis, o-
lim in cilicio, & cinere penitentiam
egissent. Mat. 11.*

LAGRIMA III.

OH que dura conta hão de dar a-
quelles, a quem Deos dà mais au-
xilios que a cutros, a onde aproveitarão;
& nem com isto se moverão! Que casti-
go rigoroso terã dos Ceos, & dos In-
fernos, aquelles que fogem dos braços
de Deos para as cadeas dos Demonios;
que desprezão as eternas Glorias pelas
penas da Eternidade? Que resistê aquel-
les impulsos com que Deos bate aos co-
raçoens? Que se retardão no caminho, cõ
que a Bondade immensa os chama? E q
fe

se perdem no porto, depois de atravessarem os mares, Nada succede no mundo, que não seja hum grito perpetuo, com q̃ Deos Nosso Senhor avisa, & falla, que não seja hum despertador mudo, cõ que o Senhor nos desperta, nos estremece, & nos acorda. As Aves, que acordão cantando, nos ensinão a louvar a Deos: as Fontes que correm ao centro, o como havemos de buscallo, as luzes que nos livram das sombras, o que faz a Graça nas culpas: a noite que entristece a terra, o como deixa o vicio huma alma: os males que vemos no mundo, nos mostrão a sua miseria; as felicidades, & gostos, nos figurão os bens do Ceo; as vidas dos máos com os seus fins, nos fazê afastar dos seus passos, a morte dos bons com a sua gloria, nos faz seguir o seu exemplo. Nos dias tempestuosos, se representa o fim do mundo. Com as noites tristes, & escuras se nos retrata o Inferno. Tudo parece nos ensina, & tudo tambem nos reprehende, pois ainda em nós não aprendemos o que experimentamos. E nada em

fim pôde bastar, para que nos saibamos
 raover: prezos pelos laços enganosos, &
 nos nós cegos repetidos de tam varias
 profanidades dormimos no leito da cul-
 pa, como se não houvera morte. Esta-
 mos na casa do vicio, como se não hou-
 vesse Inferno, & vivemos com o Demo-
 nio, como se não houvera Deos. Onde
 está aquella differença, que nos distingue
 dos brutos? Onde mora aquella rezão, q̃
 nos iguala com os Anjos? É onde a vi-
 dadão Christão, que nos chega a fazer
 Deoses? Não se despedaça a continência
 com os golpes de seus delitos? Não se es-
 morece o mundo com a sua vista abomi-
 navel? Não foge o sangue a hum pecca-
 dor com tua vida aborrecivel? Como
 nos não admiramos, de que muitos por se
 perder, fação mais do que nós por salva-
 nos? Que lírvão tantos ao Demonio com
 mais extremos, que nós a Deos! Se Deos
 fora o interessado, & nós os independen-
 tes; se elle nos pedira algum mal nosso,
 & não nos offerecèra o Ceo, parece q̃ vir-
 verão desculpa as froxidoens do nosso

engano. Mas ainda assim não tiverão, porque elle sempre fora amavel, & mais que tudo apetecivel. Pedimoslhe horas, dânos creditos; pedimoslhe males, dânos bens, queremos gostos, faznos mimos; buscamos nada, dânos tudo; & nada disto ha de bastar para o buscar, para o querer, para o servir, para o amar! Por ventura nós nos fazemos? Nós nos sustentamos, & animamos? Obras são de suas mãos, empregos de sua bondade, & perdão da sua justiça. Qual he disto a satisfação, & qual o agradecimento? Reduzir tudo ao nosso engano, & pervertello em sua offensa? Por ventura para os vicios, & torpezas cuidaremos nos criou, quando elle tem mão nos nossos castigos? Cuidaremos, que se descuida por hũa hora, por hum instante, que he o que dura a mayor vida, nos expomos cada ponto aos danos da eterna morte, por hum ponto em que lhe fazemos eternidades de desprezos? Será bem, que o percamos, & cayamos na sua ira por toda a mesma Eternidade? Quem nos diz, que não será

hoje, daqui a pouco, ou logo agora, se não concorrer com o que vivemos? Que nos dá o com que duramos; pois por hũ pensamento leve, que mais afflige, do que recra, por huma só palavra ociosa, que logo o ar, & vento a leva, por hum acto que peccamos, o que hum breve instante apenas dura. He rezão que se offenda a hũ Deos? He acerto que se perca o Ceo? He bem que se agrade ao Demonio? Como não olhamos, & vemos, que fugindo-lhe, nos confundimos, & agravando-o, nos offendemos, que peccando, o crucificamos. Que mal nos fez, se nos errou? Que nos offende, se nos ama? Em que nos agrava, se nos sofre? Como pois por ser ferros de Satanàs, nos negamos de Filhos de Deos? Como nos armamos contra elle, seguindo as bandeiras do Demonio! Como em fim só por servir a este, queremos que Deos nos sirva a nós! Oh d'udice sempre precipitada! Oh deza-zino nunca chorado! Oh perdição precipitada! Oh cegueira do entendimento! Oh obstinação da malicia!

GOLPE IV.

Derelinquat impius viã suam, & revertatur ad Dominum, quoniam multus est ad ignoscendum. Isai. 55.

LAGRIMA IV.

SE o mal nasce de não cuidar, o considerar he o remedio: *Meditay os dias antigos, contempley os dias eternos* dizia o Profeta David, por isso em outra parte: *Asceudeuseme o coração*, porque a meditação toda he fogo. Cuidem pois os homens o que he o mundo, & o que são os homens; o mundo inimigo de Deos, os homens inimigos de sy, deixem as vias da perdição, tornemse os homes a Deos, que he a sua vida, viremse, porque tudo está num virar; fação alguma coisa os homens, & não queirão que Deos faça tudo.

tudo. Todos os passos, & fadigas, que hade custar este Thezouro, dentro de ty mesmos se dão; caminhando pelo entendimento, & trocando pela vontade; para que o prado crie flores, para a terra produzir minas, he necessario com o Sol correr a terra, & o prado. Não goza as riquezas da India, quem não navega o Oceano; nem ganha as palmas do Triúfo, quem foge aos golpes do conflicto. Não se cubraõ sempre os Nãoqueros, com os sobcapas dos Nãopossos; porque he vestir as desculpas do mesmo tragedia malicia. Não guardemos para a manhã, o que ainda he tarde, sendo hoje; porque como saõ os nossos Logos da natureza dos Depois, quasi sempre nos passa o tempo nos passatempos do outro dia. Não seja sempre nas tençoens do Mundo tudo por por defenganos, & tudo não cumprir promessas: tudo estes Logos de futuro, & tudo huns nuncas de presente, pois vemos que para terem estes Nuncas da condição daquelles Sempres, Ainda he sempre em nós, o Daqui a pouco
sem-

sempre he Nunca. O resistir a Deos cada dia, enganar a Deos cada hora, que castigo, que desemparos não terã da ira de Deos? Se por vemos, que nos dà avisos, damos confiança aos peccados; se por ular de misericordias tomão licença as nossas culpas: se pois o Já, he tarde, quem não dirã, que o Amenhãa vem longe? Não são misericordias, que se dilatação offendidas, já são especies de castigos, que outros mais crueis ameação. Não sei como ha quem se deite a dormir com o seu peccado, sem se acordar do seu perigo! Oh convertamonos a Deos muito de todo o coração: seja Deos nos nossos coraçõens o definitivo dos venenos, com que morremos pela culpa. Preciso he, que em nós se funde o que Deos mesmo edifica, & elle he quem levanta a fabrica, fazendonos sahir da terra, nós somos que poem o fundamento, humilhandonos a suas obras. Ninguem cuide tanto de sy, que imagine que Deos o ha de mister, q para a mallo nos criou; que fazemos, que o não amamos, fugindo de quanto o ofen-

GOLPE V.

*Milvius in Cælo cognovit tempus suum:
turtur, & hirundo, & cicuta custodie-
runt tempus adventus sui: populus as-
tem meus non cognovit judicium Do-
mini. Jerem. 8.*

LAGRIMA V.

AS Aves, as criaturas mais leves, as que não tem rezão, & juízo, sabem aproveitar-se do tempo, conhecendo o que elle pede; muitas vezes fugindo ao mar, onde tenham seu sustento, buscão nas prayas seu abrigo, onde antevem as tempestades. Os Homens, a quem Deos entregou o imperio das criaturas; a qué deu mais a conhecer o discurso do tempo, como se não tiverão rezão, como se não tiverão discurso, todo o tẽpo querẽ dar ao seculo, & nenhũ à Eternidade. Os cãpos
ver-

verdes, & grosseiros, dandolhe Deos a Primavera, dão flores, & ao menos dão herbas, onde se achão muitas virtudes. Os trócos, q̄ estiverão nũs ao desabrigo de Janeiro, fazêdo penitência rude, ao menor auxilio de Abril, ao movimento do Verão, não só florecê, mas dão frutos, com que também nos dão exemplo. A neve que se gela mais fria, a fonte que se vio mais preza, o rio que parou mais atado nas prizoens do Inverno, em lhe dando os raios do Sol, se desfazem, & se derretem. So os Homens, os Senhores do Mundo, os que se prezão de entendidos, aquelles a quem Deos chama Filhos, aquelles que tem a Deos por seu Pay, por mais que o Ceo lhe dê o tempo, tão muito mais que o campo rudes; por mais que Deos lhe dobre os annos, só ficão mais que o tronco secos; & por mais que lhe de calor, só ficão mais que a neve frios. Quem vendolhe gastar as horas, quem vendolhe perder os dias, & desperdiçar os mezes, & os annos (cujos redivos não se cobram, eujas perdas se não restam), cujos fructos

vos se não restituem) nam sentirà, nam chorarà, ver que perdeu o tempo da vida, da penitencia, & salvação? Quem o tem feito a cada instante para o anno da sua perdição, para o dia do seu Juizo, para a hora da sua morte. Ha quem se veja? Senão fora ao mundo hum avilo cada successo, huma voz cada respiraçam, & hum grito cada precipio, parece que tiverão desculpa os que nenhuma tem no mundo; porque o mundo nenhuma tem. Mas que senão emendem os Homens! Se antes do dia do Juizo, de tantos juizos alheios, lhe apparecem estes sinaes, & lhe deitão estes juizos. Esta a todo o tempo he a desculpa, & esta quasi sempre a lastima, & só no juizo dos Homens nam ha hum final do juizo! Quem sabe que a terra ha de abrirse, & metello nas suas entranhas, & lançallo na sepultura, porque não treme do que Deos lhe sofre? Se de nos trazer sobre sy, vemos que treme a terra mesma; se por terra nos poz o mundo, para lançar o mundo ao mar quem espera tempo mais perfeito, que quando

as Divinas monções lhe poem nos olhos
 as aguas vivas? Por ventura por este li-
 vro da nossa mesma experiencia, ou dos
 casos de todo o mundo, aprendemos pa-
 ra ser troncos, estudamos para penedos,
 & em tantas outras criaturas? Oh pere-
 grinos do seculo, sede hoje os defenga-
 nados; porque se este valle de lagrimas,
 este valle desconhecido, tantas vezes vos
 enganou nas Primaveras da vida, como
 he rezão que atè no ultimo valle, que ve-
 mos no Outono da morte, vamos culti-
 vando os enganos, para recolher os casti-
 gos. Eis aqui porque chora a terra;

eis aqui porque se entristece o

Ceo, *Lugebit terra, ma-
 rebunt Celi.*

(:?:)

GOLPE VI.

Ecce motus magnus factus in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus. Accesserunt ad Iesum discipuli eius dicentes? Domine, salva nos, perimus. Matth. 8.

LAGRIMA VI.

SE os que trazem a Deos consigo, se os que andão na companhia de Deos, se vem a risco de perderse, & pedem a Deos que os salve, que lhe acuda, & que os guie; os que andão no mar do seculo, na companhia do Demonio, cubertos das ondas dos vicios, & perdendose a cada passo nos baixos, & Sirtes do mundo, como esperão melhor fortuna? Correm perigo nos Iustos, & não o correm os Peccadores! Os Santos, se escapão, he pegados da taboa da Cruz; & os mundanos

Q
sal-

salvar-seão em hum mar de culpas soffrimentos? Vejamos pois, que estes movimentos, que temos no golfo do seculo, o permite Deos muitas vezes para vermos o nosso risco, & pedirmos-lhe a elle socorro: por huma parte o nosso descuido he a calma que nos prende, por outra a sua fualidade, he a Serèa que nos atrahê com seus cantos encantadores, não menos que a perdição; por muitas a nossa vaidade he a temporal que nos sobra; por não poucas a nossa ambição he tormenta que nos contrasta; & por todas o nosso engano he borralca que nos mete a pique. Tomemos pois a rezão o leme, vire as veillas ao entendimento, siga ou ro rumo a vontade porque se a mesma fantesia quizer saber aonde está, na breve Carta de hum papel achará posto o Mundo todo; nas pinturas de hum purgaminho suas melhores apparencias; muito cháas as suas alturas; muito iguaes as suas maravilhas; suas lazeiras entre huns riscos, & cumprindo a risca o seu engano. Oh se os Homens enjoarão de andar lutando com as ondas

Se se persuadirão os Homens, quando andão fora de seu centro! Se desejando tomar terra, se lembrarão que são po; quem duvida que para o porto da salvação pozera a proa do sentido, dobrando para as Indias do Ceo o Cabo da Boa Esperança, & não o Verde da ambição para esta Mina deste mundo: tudo o que neste he Porto Bello, nada tem de Porto Seguro; porque nas mesmas Enseadas esconde o mal, que nos arrisca, & no perigo traz o inimigo; que sempre em fim nos anda à costa. Mas nem por isso desconfiem os que se vem mais derrotados; porque se seguirmos o Norte, que nos mostra a Estrellado mar, se tomarmos a altura do Sol com o Astrolabio da Oração, & se não deixarmos perder no Porto tudo o que elca ou das ondas, veremos mudar-se em breve tempo o temporal em mar bonança, o naufragio em boa viagem, & a perdição em salvamento. Com o que em humã serenidade em q̄ tudo se poem tranquillo, navegaremos felizmente, com que as remoras nos detinhão, & dezem-

barcando nas prayas de hum espiritual
 sossego, poderemos erguer ao Senhor o
 Templo Santo da Oração, primeiras aras
 do dezenhano, sacrificio da vontade, pe-
 las paredes memoria às reliquias deste es-
 carmento, & por toda a parte o exemplo
 às insignias destes milagres; a cuja visita
 cresção mais não só os votos da rezão
 mas as devaçoes à maravilha. De tudo
 isto vimos a colher, que he mar tam peri-
 gozo o Mundo, que se perdem os mais
 o navegão, só he remedio para salvar, ac-
 dir, & chamar a Deos, conhecendo que
 elle he quem nos salva, não nossas forças
 quem nos livra. Chegemonos có todo
 o coração, pondo sómente nelle os olhos
 que elle fará parar os ventos, & porã em
 obediencia os mares em hũa tranquida-
 de de mais duras, do que são todas as cou-
 sas do mundo, que possaõ admirarse os
 Homens, & dizerem com leuor, & co-
 panro. Quem he este, a cujas imperios
 a cuja voz os mares, & ventos obedecem



ESPELHO DO ESPELHO,

EM QUE SE DEVE VER, E
compor a Alma, que quer che-
gar à união de Deos.

Pelo Veneravel Padre
Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

I. Vista.

V Er se ama a Deos sobre quanto se
pòde amar, mais que o Ceo, mais
que a vida, mais que a honra, &c.

II.

Se aborrece o Peccado sobre tudo
quanto se pòde aborrecer, mais que a

Morte, que o Inferno, & que o Demonio.

III.

Se tem firme proposito, que está certo, & resoluto, que antes ha de morrer, que peccar, ainda que o offendão na honra.

IV.

Se ama entranhavelmente a Deos, não só como Misericordioso, senão como Justo: & se faz tam bom ag. falho no coração à sua rigorosa Iustiza, como à sua amorosa Misericordia.

V.

Se aceitará de boa vontade, estar antes no Inferno em graça, que no Ceo em culpa.

VI.

Se estivera no Inferno de boa vontade quanto Deos quizerá, a troco de dar com isto alguma gloria à Deos.

VII.

Se por seu amor de boa vontade deseja padecer de todo o coração por amor de Deos, & ama os desprezos, & aborrece o aplausos do mundo.

VIII.

Se deseja fervorosamente conformar-se a su

a sua vida, & transformarle todo na vida,
dores, & virtudes de meu Senhor Iesv
Christo Crucificado.

IX.

Se despreza alguém, ou se tem por me-
lhor que outro, ainda que tenha vida ma-
is justificada, porque he soberba.

X.

Se se queixa, ou folga de desculparse,
quando o murmurão; porque quem tem
verdadeiro amor de Deos, não se descul-
pa, nem se queixa.

XI.

Se está prompto pera abraçar todas as
tribulaçoens, que por amor de Deos lhe
vierem, & por zelar a honra de Deos; & se
está aparelhado para todo o desamparo
do corpo, & espirito, & ate do mesmo
Deos, como não seja perder sua amizade.

XII.

Se deseja estender por todas as criatu-
ras o amor, & louvor Divino; & se faz quã-
to pôde, para que assim seja.

XIII.

Se se entristece das offensas de Deos,

& da vida relaxada dos peccadores, & por elles offerece a Deos algũas penitencias.

XIV.

Se se alegra que haja outros muiros, que vivão santamente, & fação mayores coufas que elle, por gloria do Senhor.

XV.

Se dera as suas boas obras aos q̃ estam em culpa para se porem em graça, & às Almas do Purgatorio, para se livrarem de penas; contentandose com ficar ingremena vontade, & bondade Divina.

XVI.

Se tem Oração continua, & andana Divina presença, por mais occupaçoens, ou lida que tenha.



SEMELHANÇAS

QUE TEM O VERDADEIRO

Amor de Deos com a Morte.

Fortis est, ut Mors Dilectio. Cant. 8.

Quem tem perfeito Amor de Deos, ha de achar no seu Amor estas Semelhanças. I.

He, que contra a Morte não ha resistencia: assi nada resiste ao Amor de Deos; se a vontade ainda resiste, se o corpo, se a Alma, se os sentidos, não ha ainda Amor perfeito. II.

A Morte tira os sentidos ao corpo, mas não tira à Alma a rezão; antes fica mais perfeita: assim o Amor, tira os sentidos mortificandoos, mas não tira a rezão ao entendimento; antes o aperfeiçoa no co-
nhe-

nhecimento proprio, & Deos.

III.

A Morte em toda a parte pòde succeder, em todas as occasioens tem occasião, em todo o lugar pòde ser, em toda a parte tem porta aberta, comendo, rezando, passando, estando quedo, chorando, rindo; em casa, na rua, na Igreja, na cama, na mesa, &c. Assim em toda a parte se pòde amar a Deos, em todo o lugar, em todas as occasioens, & acçoens, excepto nas de peccado. E ainda que não seja mais, digamos em toda a parte interiormente: *Meu Deos, do meu coração, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, em vòs creio, em vòs espero, a vòs adoro, & amo sobre todas as cousas.*

IV.

He que todo o nosso bem pende de huma boa Morte: Assim todo o nosso bẽ pende de termos Amor a hum Deos infinitamente bom.

V.

He, que tudo o que não he bom para a hora da Morte, não he bom para a Alma:
Assim

Afim tambem não he para a Alma, o que não he para amar a Deos.

VI.

He, que a morte he amargosa para os mãos, & doce para os bons: Assim o Amor de Deos he amargoso para os appetites, & doce para a razão, & affectos que nam são mãos.

VII.

E muito principal he, que quem morre, já não pode tratar dos bens desta vida, se não dos etern s, se morre bem: Assim quem quer bem a Deos, não trata dos bês desta vida, só se lembra dos eternos.

VIII.

He, que a Morte mata só por matar, não tira interesse nenhum de que morrão o Papa, o Principe, a Donzella, o Grande, o Piqueno: Assim o Amor de Deos ha de ser por amalho, sem interesse desta vida, charidade perfeita, & nù de tudo o que não he Deos.

IX.

He, que o Homem nasce para morrer: Assim tambem o Homem nasce para amana Deos.

He,

X

He; que para haver boa morte, he necessario boa vida: Assim para ter bom amor a Deos, he necessario viver bem, exercitando se em todas as virtudes, que forem possiveis.

XI.

He, que a Morte boa he alivio de todos os trabalhos: Assim o Amor de Deos de todos deve ser alivio.

XII.

He, que na Morte se acabão brevemente as penas: Assim todas as nossas, em havendo Amor, brevemente se acabão.

XIII.

He, que a muito se atreve, que se atreve à morte, por isto são louvados os Martyres: Assim a muito se atreve, quem se oferece ao Amor, & se entrega a elle, ha de romper por tudo, & as difficuldades, & impossiveis lhe hão de parecer faceis.

XIV.

He, que a Morte descobre os enganos do Mundo; Assim o Amor de Deos descobre a falsidade dos enganos do seculo.

Mui.

XV.

Muito para notar he, que diz o Espírito Santo, que quem se lembrar da Morte, não peccará mais: *Memorate Novissima tua, & in aeternum non peccabis*: Assim quem se lembrar do Amor de Deos, não ha de peccar.

XVI.

He, que a morte muda os fogueitos; quem antes era homem delicado, com a Morte se muda em cadaver; ainda que o pizem, & esbofeteem, não sente o q' lhe fazem: Assim o Amor muda as criaturas, de modo que como mortas não sentem o que sentião, antes quem antes de amar a Deos não se achava capaz de jejum, de penitencia, &c. em amando a Deos he outro, já não sente, ama, & ama ao mão trato, &c. por isto a Justificação se chama Conversão, que he mudar em outro.

XVII.

He, que a Morte não tem mais q' hum contrario, que a Vida: Assim o Amor de Deos, não tem mais que hum inimigo, que he o Peccado, que he o destrui-

frudor; todos os mais inimigos Carne, Mundo, & Demonio, em tanto são inimigos d'Alma, em quanto occasião de peccados, mas vencidos todos elles, ferão para crescer o Amor.

XVIII.

De hum morto não sahem mais que guzanos, que lheroem as entranhas: Assim de huma Alma enamorada de Deos sahe o bicho guzano da Consciencia, que a roe com a memoria, & contrição das passadas culpas, com a dor dos descuidos presentes, que a estão sempre mordendo, & atazanando.

XIX.

A morte deixa huma Alma só acompanhada de suas obras, & em presença de Deos: Assim o Amor deixa huma Alma só; dizendo que não quer mais que a Deos, vestindose para isso de suas boas obras.

XX.

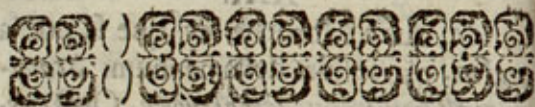
He, que hum morto logo dá cheiro de fy em quanto o não enterrão: Assim quem ama a Deos, logo cheira a seu Amor, & não o pôde encobrir até se meter numa cova. He,

XXI.

He, que a Morte he ley que se poz a todos, não se livra della nenhum: *Statutum est hominibus semel mori*. Os Reys, os Principes, os Nobres, os Plebèos, enfermos, nescios, & sabios estão logeitos às Leys da Morte: Assim tambem estão todos logeitos às Leys do Amor, & devem amar todos a meu Senhor Iesv Christo.

XXII.

He, que quando chega a Morte, todos fazem grandes propositos de nunca mais peccar: Assim quando chega o Amor, de vemos fazer hum firme proposito de nunca mais offender a Deos, que para sempre seja louvado, servido, estimado de todos, querido, & obedecido, pelos seculos dos seculos. Amen.



SINAES DO PERFEITO AMOR DE DEOS.

I.

P Rimeiro sinal do Amor de Deos: He cuidar sempre no que se ama, & quãta he a lembrança, & memoria, tanto he o Amor, como diz Santo Agustinho: *Mensura Amoris, memoria est.* Senão cuidamos muito em Deos, não o amamos muito, & he impossivel, que folgemos de meter em o coração, o q̃ não trazemos no sentido; se Deos he o nosso Amor, elle he o nosso cuidado; a força com que o Amor entra por dentro d'Alma, não permite, que esteja ociosa a memoria.

II.

He gozarmos de fallar em Deos a-
biudo, vem-se o coração à boca; he o
Amor

Amor como o azeite, que logo revê por fóra, por fóra ha de dar sinaes do que está dentro, como o Sol na nuve, & na cheminê o fogo.

III.

Se folgamos de ouvir fallar de Deos, não ha quem não se alegre gabandolhe ou fallandolhe no que ama; hum suave sobressalto causa nas Almas, que tem entregue o seu coração a meu Senhor Iesv Christo: Deos he setta, em se bolindo na setta, de que hum está atravessado, logo dá final de que a sente.

IV.

Se os desejos de Deos se poem por obra: A arvore que não dá fructo, mã arvore: Não que vem da India vazia, triste Nao: Iardim que não tem huma flor, mã Iardim: Alma que d. seja fazer por Deos grandes coulas, & não faz nada, miseravel Alma.

V.

Se visita a mindo os Templos dedicados a Deos: se he Religioza, veja se visita muitas vezes o Santissimo Sacrament,

ainda que seja com hum Padre Nosso, & se a
 huma Ave Maria, & se ama o Coro, & se serv
 santos exercicios, & se reza com reveren
 cia, & devoção o Officio Divino.

VI.

Se dà esmolas aos necessitados por cha
 ridade, & não por vangloria; se com sua
 Oraçoens, disciplinas, bom exemplo, &
 bons conselhos ajuda os proximos.

VII.

Se se não agalsta com os trabalhos, &
 sofre com paciencia, & alegria as neces
 dades, doenças, afrontas, & miserias, qu
 Deos permite para nossa prova; porqu
 ao ouro de nossas Almas nesta tornalha
 tire o que tem de terra, & as fezes, qu
 impedem a união Divina.

VIII.

Se fazemos com gosto tudo o que n
 manda Deos em sua Ley, & temos de
 brigação segundo nossos estados.

IX.

Se arrefece em nos o Amor, que ante
 tinhamos ao Mundo; porque se este nã
 estira, he final que o Amor de Deos nã

Se acende, não ha tal Amor, não se pode
& servira dous Senhores, nem com huns
mesmos passos caminhar para o Norte, &
para o Sul. Quando o Amor de Deos co-
meça, he final certo, que o do Mundo aca-
ba: a alvura na parede deita fóra a negregu-
ra; se a negregura do Amor do Mundo
reyna, ainda não ha brandura.

X.

Se honra, & estima os servos de Deos,
& gostosamente os ouve, serve, consulta,
& obedece, em especial aos Pays Espiritu-
aes, ou se aborrece atar o Espirito, ou a
Vontade, à obediencia. Quem quizer a-
proveitar em breve, tenha Pay Fspiritual,
& governe se por elle.

XI.

Se folga de darse ao retiro, & ao silen-
cio, pa a que estando só retirado do Mun-
do, converse, & falle com Deos: quem se
não retira de criaturas, & de deleites, & de
peccados, não chega à união com Deos.

XII.

Se tem Oração continua, & se em tu-
do o que faz dez ja contentar a Deos, &

faz por não sahir de sua presença, em que deve andar por amor, & por memoria continua, conservando para isto a pureza de intenção, & de consciencia, chegando-se a miudo à Sagrada Communhão

XIII.

Se folgamos, & nos alegamos, de que todos amem, louvem, queirão, estimem & obedeção a Deos.

XIV.

Se fazemos quanto em nós he por entender por muitas Almas o Amor de meu Senhor Iesv Christo; cançandonos o possível porque seja estimado, santificado, & louvado na terra: que reyne em todas as Almas, & que em quantas podemos, destrua o Reyno do peccado, & o Imperio do Demonio, de que devemos ser publicos, & capitães inimigos, por gloria, & honra de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.



EXERCICIO

DE MORTIFICAC,AM PARA
toda a Semana.

A Segunda feira.

Mortificar os sentidos dos olhos, não olhando de advertencia para criatura alguma, fazendo muito porque esta exterior compostura do rosto, & vista, seja memorial da interior modestia, & recolhimento da Alma na presença Divina, andando em fé de que está na presença de Deos, sem se pôr a examinar, como he Deos, que figura tem se está em pe, se assentado, de que cor, ou de que feiçam, ou onde morava, antes que fizesse o Mundo; & outras cousas como estas. O que he immenso, como se pôde medir? O que he infinito, como se pôde alcançar? O

262 *Exercício de Mortificação.*

que he incomprehensivel, como te pôde
comprehender? Bast. conhecerse a Deos
debaixo da rezão do Bonissimo, Sapien-
tissimo, Ferosissimo, Clementissimo,
Liberalissimo, Pay, Amigo, Espoço de
nossas Almas, Rey de todo o Universo.
Sò quando estiver em parte que possa o-
lhar para o Ceo, pôde erguer os olhos
porque como dizia S. Theresa: Olhar ao
Ceo, faz recolher os sentidos. E se o ha-
mos para o Ceo (como dizia Santo Igna-
cio) vil cousa nos parece a Terra. Este-
dia se tomarám trinta & tres golpes de dis-
ciplina, à honra dos trinta & tres annos de
meu Senhor Iesv Christo, na união do q
padeceu na Colu a. E examine à noite,
como guardou este sentido: & reze aos
olhos de Christo hum Padre nosso, & hu-
ma Ave Maria, em satisfação dos defeitos
que nisto teve, & em acção de graças. E
assim fa à todos os dias à noite, conforme
a mortificação. E visitará o Santissimo
Sacramento huma vez.

Terça feira.

Mortifica à os ouvidos, principalmen

te em fugir das conversações perigosas, dezejando ouvir interiormente as inspiraçoens Divinas. Este dia, se tiver saude traga cilicio duas horas. E se poder, visite o Santissimo Sacramento, ainda q não seja mais que com hum Padre Nosso, & hũa Ave Maria.

Quarta feira.

Mortifique o sentido do gosto, jejuando de ordinario, & fazendo alguma mortificação no sustento, & totalmente pelo que for regallo ande cuidando nos gostos do Ceo, & nas Celestes doçuras da Mesa Divina. Discipline se à noite por espaço de hum Miserere. Visite duas vezes o Santissimo Sacramento, na forma a cima dita.

Quinta feira.

Mortifique o sentido do Olfato, fugindo de todas as cousas de cheiro, & por algum espaço, buscando algum tormento deste sentido: quando não tenha em que se mortificar, exercite se este dia em actos de humildade, & penitencia, fazendo por não cheirar lhe mal nenhuma palavra, nem afronta que lhe façam. Faça

264. *Exercício de Mortificação*
vinte & quatro actos do Amor de Deos,
dizendo: *Meu Deos, da minha Alma da*
minha vida, & do meu coração, antes
morrer, que peccar, antes no Inferno em
graça, que no Ceo em culpa.

Sesta feira.

Mortifique o sentido do Tacto, pondo
pela manhã cilicio até o jantar, se tiver
saude, à noite disciplina por espaço de
hum Miserere. Não se toque, nem se co-
ce de advertencia. Não se veja ao espelho,
nem parte alguma sua. Jejue, se puder, a
pão, & agua; & visite tres vezes o Santis-
simo Sacramento, fazendo por ter dor de
seus peccados; faça por andar cuidando es-
te dia nas dores de meu Senhor Iesv Chri-
sto Crucificado.

Sabbado.

Faça por guardar silencio todo o dia,
buscando lugares sós, & solitarios, onde
esteja só, em presença, ou memoria de
Deos; & não falle de advertencia, mais
que responder o que se lhe pergunta:
visite as vezes que puder o Santissimo Sa-
cramento. E tome se residencia este dia,

como

como guardou os sentidos toda a Semana: reze huma Ave Maria, & huma Salve Rainha a Nossa Senhora.

Domingo.

Mortifique a memoria de tudo o que lhe vier a ella, dizendo: *Sois vós Deos meu. pois nada mais que Deos.* E faça q̄ nem no entendimento, nem na vontade entre, nem se detenha cousa, que não seja Deos, ou cousa de Deos; empregando estes espirituaes sentidos em sua lembrança todo aquelle dia, em actos de Fè, Esperança, & Charidade. Visite cinco vezes o Santissimo Sacramento. E se for dia de Comunhão, & se quizer trocar o exercicio deste dia com o do Sabbado, pòde fazello; & ao Sabbado faça o deste dia. E em nenhum se deite, sem cuidar como o meteram na cova, & na conta, que ha de dar a Deos. E feito Acto de Contrição, & de Amor, deite-se, & a primeira cousa que disser em acordando, seja: *Louvado seja Deos.* E offerça lhe loga a sua Gloria, & Honra, as obras que fizer naquelle dia, & as de toda a vida.



EXERCICIO BREVE PARA A SANTA ORACAM

A Oração consta de cinco partes. Pre-
paração, Lição, Meditação, Peti-
ção, Acção de graças.

Posto de gholhos, diante de algũa Ima-
gem devota, ou onde quer que for, ben-
zase, & beije o chão, & faça este Acto de
Contrição.

*Meu Senhor Iesv Christo, Deos, &
Humem verdadeiro, Criador, & Redemp-
tor meu Pequei, fiz mal, cabi como pecca-
dor. Por serdes infinitamēte Bom, me pe-
sa de todo o coração haervos offendido,
propouha firmemēte com vossa Graça, e
mendar minha vida. E espero em vossa
Misericordia, que por vossa Morte, &
Paixão me perdoeis minhas culpas. Se-
ubor,*

uhor, antes morrer, q̄ peccar. Misericordia, Misericordia, Misericordia.

Feito isto, se tiver tempo, lugar, & livro, lea alguma cousa do que ha de meditar; & se quizer entrar na devoção das Chagas de meu Senhor Iesv Christo, sirva para composição de lugar. Representar hum Deserto solitario, em o qual em cinco penhas ingremes estão cinco Ermidas deshabitadas, sem haver pessoa que nellas viva, & que a Alma, tendo tenção de viver solitaria (isto he apartada das criaturas) se faz habitadora deste Deserto, & escolhe por moradas estas Ermidas, & que se determina a viver nellas, hum dia em cada huma

Deserto, quer dizer couza só, & desemparrada: O Deserto he meu Senhor Iesv Christo, que não ha quem queira morar nelle, & assim está delemparado do Mundo.

As Ermidas são suas Divinas Chagas; estão em Penhas ingremes, porque parece couza difficul tosa viver metida a Alma nestas Chagas Santissimas: & por isto

isto estão como deshabitadas. Tanto que a Alma considera isto, dirá de todo o coração: *Meu Senhor, de hoje em diante me resolvo a viver com vosco, apartado por vosso Amor de todas as criaturas. Escolho para a morada de minha Alma este Deserto, & por casa vossas Santissimas Chagas. Eis me aqui meu Deus, se me quereis, aqui que o estar toda a vida.*

Tomando isto para Meditação, fará primeiro a Oração seguinte, todas as vezes que entrar a orar.

Meu Senhor Iesu Christo, que sem eu o merecer, me tirastes do nada que antes era; & depois por vossa Bondade imensa me fizestes sahir do pègo do Mundo, do lago de minhas culpas, dos abismos da minha vaidade, & soberba, do mar sem fundo de meus vicios, & do profundo Inferno de meus peccados. Peçovos (meu Senhor) que assim como sem o merecer, me livrastes da perdição, & de todos estes males; assim agora sem que eu o mereça, me não deixeis cahir nelles, & fazei com que todas as minhas obras, pensa-

penfamentos, & palavras, se dirijão a vossa mayor gloria, & honra puramente; porque vòs sois digno de ser summamente amado, louvado, & obedecido: & porque assim quereis que eu o queira, & o faça, & por todos os sempre dos sempre. Amen.

Feita esta Oração, feche os olhos, & representese neste Deserto, isto he dentro de Christo; & tome huma Chaga para cada dia. Nella medite quem he aquelle Deserto, isto he quem he Deos, immenso, infinito, eterno, incomprehensivel, que padeceu. Considere os tormentos, & agonias do Horto, da Coluna, ou da Coroaçam de Espinhos, ou da Rua da Amargura, ou do Calvario; ou principalmente a dor que padeceria naquella Chaga, em que se mete a Alma.

E se for na do Lado; considere o Amor, com que aquelle coração Divino se expoz a todo o tormento; & que ainda depois de morte deu agua, para nos lavarmos, & sangue para nos redimir. Faça por estar abraçando aquelle amorosissimo

fimo coração; considere com que paciência, com que charidade, com que desejo de nossa salvação padeceu.

E medite principalmente por quem, por nos Peccadores, & por hum de nós; pois dizem os Doutores Sagrados, que se hum só houuera no Mundo, viera a padeecer só por elle, & conforme a tenção do Espírito Santo, gaste nisto meya hora, ou o tempo que puder.

Acabada a Meditação, pedirá a Nosso Senhor, o mais necessario para sua salvação, & para sua Alma; a Graça, as virtudes a perleuerança, & os bens Esprituaes, ou temporaes, necessarios para a vida, ou para a salvação, & bens de seus proximos, & pelas Almas do Purgatorio.

Ultimamente dará graças a Deos deste superior beneficio, que d'elle recebo; porque ter Oração, he dom particular do Espírito Santo, & sinal de Predestinado. Desejará meterse em todas as Criaturas do Ceo, & da Terra; para que com todas o louve, & ame; desejando fazer hum amor de que lhe teia todas para
mais

mais ardentemente amar, & servir a Deos.
Desejará meterse em Deos Pay, para amar
com seu amor a Deos Filho, & em Deos
Filho, para amar com seu amor a Deos
Pay; & em Deos Espírito Santo, para se
unir melhor com elles.

Feito isto, fará muito por conservar to-
do o dia a memoria de Deos, & naquella
Chaga em que andar, como se estivera
nella metido, alli coma, beba, durma, falle
hore, estude, & faça quanto fizer, isto he,
com lembrança sua, & o que nam fizera,
audara, ou dissera à vista de Christo, nam
faça, nem o falle, nem o cuide; & tudo por
gloria, & honra, & amor de Deos, que se-
ja louvado para sempre. Amen.



ORACAM

PARA ALCANCAR ARDENTEMENTE o Amor de Deos.

M Eu Deos, ou vòs me quereis, ou me não quereis; se me não quereis, hey de queixarme de vòs (meu Deos) aos Ceos; & à terra, pois me criastes para me engeitar. E se me quereis, meu Deos, eis me aqui, na vossa Casa estou, fazei de mim o que quizerdes. Quando pois (meu Deos) quando ha de ser isto (meu Senhor) que me queira o vosso Amor; & que com o vosso Amor me estale o coraçam? Quando (meu Iesvs) ha de ser o dia? Quando (meu Deos) aquella hora, que com ardentes desejos, & entranhaveis suspiros, & com abraçados fervores se ha de acender a minha alma,

ma, & abraçar a minha vontade em vosso
Divino Amor? Quando (meu Deos)
quando, Senhor, quando, meu Iesus, com
abrazada sede das eternas doçuras, & da
vida Eterna, & Celeste, hão de andar as
minhas ancias em lagrimas, & gemidos
por esses ares, gritando ao Ceo, & fugin-
do à Terra? Seja, meu Deos, seja, meu
Senhor, seja, meu Iesus, seja isto hoje, &
nam à manhã; seja agora, meu Iesus, &
nam daqui a pouco; seja logo, meu Deos,
& não ao depois; seja já, meu Senhor, &
nam logo. Aqui me tendes, meu Senhor,
& meu Iesus, nam seja mais tarde isto;
rompafe este penedo em fontes de lagri-
mas por vosso amor, & por minhas cul-
pas. Desfaçãose meus olhos em pranto,
meu coração em suspiros, minhas entra-
nhas em doridas mãgoas por meus pec-
cados, & azezo todo em meu Deos, em
chamas de Espirito, & em celestes lavare-
das, acabe já de consumir, & abraçar
esta arvore sem fruto, esta terra toda (spi-
nhos, & esta Alma de penhalco para vos,
meu Deos, sempre dura, & para o Mun-
do

do tam branda; para os vicios tam viva,
 & para vossa Graça tam morta. Oh meu
 Deos, & meu Senhor, se em mim houve-
 ra, meu Iesvs, toda aquella reverencia,
 com que vos servem, & louvão todos os
 Anjos do Ceo, & Iustos da Terra, essa
 fora, meu Deos, a minha gloria. E se eu
 só vos pudera ter tanto amor como os Se-
 rafins do Ceo, essa fora a minha delicia.
 E se vós pudera receber com outra tanta
 pureza como a Virgem Maria vossa Mãe,
 essa fora a minha ventura. Se pudera
 estenderme por todas as criaturas do Mú-
 do, & amarvos juntamente em cada hũa,
 como todas juntas vos amão, essa fora a
 minha alegria. Se pudera amarvos, meu
 Deos, que fosse ao Ceo, & roubasse o que
 quizesse, a todos deixaria a Gloria, mas
 o Amor não lho deixaria, porque todo
 me pareceria pouco para vos amar. E se
 de todos os coraçoes do Mundo, pude-
 ra fazer hum só, só a vós, meu Deos, &
 Senhor, o dera. E se de cada arêa do
 mar, & de cada Estrella do Ceo, & de ca-
 da flor da terra, & de cada letra dos livros,
 & de

& de cada pena das aves, & de cada pello das feras, & de cada fio das roupas, & de cada cabelo das gentes, pudèra fazer mil Mundos de Almas, mil mares de condiçoens, mil Ceos de vidas, & mil Reynos de Espiritos; & em cada hum destes multiplicados outros tantos, como eu dezejo em cada hum: todos, meu Deos, volodèra, & todos tivera por poucos, para vos louvar, & amar, & não paràra nisto hum só ponto. Se fora Deos, como vos sois, vos adoràra por meu Deos, & andàra fazendo Ceos, & Almas, criando vidas, & espiritos, erguendo Templos, & levantando Altares, em q̄, meu Iesvs, fosseis adorado, & servido. Se fora o que vós sois, deixàra de o ser, porque vós o fosseis; contentandome, meu Deos, com que algũa hora, vendome a vossos Divinos, e, puzesseis em mim vossos Santissimos Olhos, com algum sinal de amor, & boa vontade Meu Deos, meu Senhor, meu Iesvs, & meu Esposo, por tantas rezoens digno de ser amado, querido, & desejado; Gloria minha, Delicia minha, Amor meu, & Eter-

no Bem meu, & meu Iesvs de minha Alma, já que não posso fazer isto, deseje eu sempre isto, & faça finalmente sempre vossa Divina Vontade em esta vilíssima, torpíssima, & indigníssima criatura vos-
sa, como for mais honra, & gloria, & mayor louvor vosso, por todos os sempre dos sempre. Amen Iesvs.

F I M,

Deunos Christo Senhor nosso, o modo, & forma de orar, quando nos ensinou o Padre Nosso: E por isso encomendo segunda vez, como fica dito a fol. 149. que o nosso continuo exercicio seja o meditar, & orar por esta admiravel, & excellête Oraçãõ; porq̃ nella se encerrão as principaes couzas, que podemos pedir a Deos: E para q̃ cada hum de nòs medite, & oie com acerto, & proveito de sua Alma, o poderà fazer na forma seguinte; ou conforme seu Espirito melhor lhe ensinar, & o dispozer.



A ADMIRAVEL ORAC,AM

D O

PADRE NOSSO,

MEDITADA, E ILLUSTRADA

Pelo Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,

Da Ordem Seraphica, & Missionario

Apostolico.

Padre Nosso.

Que antes de eu ser, & Antes dos se-
culos huma Eternidade me ama-
stes; pois nam sendo eu cousa alguma,
mais que huma cousa a vòs possivel, ab
eterno me estaveis vendo, para me estar
sempre obrigando. Criastes a machina

S iij

do

do Mundo, o Ceo para a Patria dos ho-
mens, para peregrinaçam a Terra: onde
pondome de antemão tantos grandes En-
tendimentos, que me servissem para guia;
para Exemplo tantas virtudes; tantos bês
para obrigaçam; & tantos males para avi-
zo, sem interesse algum vosso, sem mere-
cimento algum meu me tirastes dos abif-
mos do nada, donde podereis tirar outras
tantas criaturas possiveis à vossa Omni-
potencia, que muito melhor vos servirão.
Ou podendome fazer hum tronco bru-
to, hum bruto, hum barbaro, hum Here-
ge, hum Mouro, hum Turco, ou hum
Demonio, me fizestes à vossa imagem,
me criastes na vossa Igreja, regenerado
no Bautismo, redemido com vosso San-
gue.

A penas comecei a ter vida, quando
podendo vos tirar a alma, por ver quam mal
havia de empregalla, ma conservastes com
o Ceo, & a Terra, dandome Anjos, que
me guardasse, homens, que me favore-
cessem, & elementos, que me servissem.
E correndo eu desje a miminice às mais
cegas

cegas profanidades, gastando o mais da mocidade em precipicio, & cegueiras, pondo (como se não houuera Deos, Inferno, Ceo, Juizo, & Morte) a honra aos estragos do Mundo, a vida aos riscos da morte, & a alma aos perigos do Inferno.

Por vossa bondade, meu Deos, meu Rey, meu Pay, & meu Senhor, tantas vezes me haveis livrado das afrontas, & dos castigos, que outros com menos razam experimentão dos perigos, infortunios, & da morte, que outros tentem com menos causa: & dos infernos, que eternamente outros chorão com menos culpa, & chorarão; não contente vossa piedade com tantos supremos beneficios, quando os nós cegos do deleite eram laços da liberdade: quando detido destas Remoras dava à vaidade o cuidado: quando arrastado deste affecto se dava aos enganos o discurso, entam mostastes, vós, em mim, que me quereis para vós

Oh Deos immenso, & soberano, oh Pay, amigo, & Senhor meu, que sendo

eu, qual sempre fui, que he o peor que posso ser, quizestes vòs, que ainda no Mundo mostrasse, que era cousa vossa! Esquecido, meu Criador, de mil offensas, que vos fiz, chegou a vossa misericordia a tocarme da vossa Graça, chamandome à vossa casa com aquelle amor, que me tendes. Sois todo o meu amor, sois hoje toda a minha gloria. E mostrando-me sempre em tudo, que ereis todas as minhas cousas, sois hoje o Mestre, que me ensina, sois a Verdade, que me guia, sois o Pay, que me perdoa.

Ensinoume a vossa piedade, enche-raõme os vossos favores; & arrancandome de dentro da alma aquellas raizes ultimas, & tirandome do coraçam aquelles ultimos retratos, fizestes, com que cahissem os Idolos, que a cegueira tinha adorado, & que se rompessem os laços, que a maldade tinha tecido. Depois disto, meu Criador.

Que estás nos Ceos.

E Levandome o Entendimento em vossa grande fermosura, de quem os Ceos, & as fermosuras, de quem as flores, & as Estrellas, sam breves sombras, & bosquejos: de cuja immensa Omnipotencia todo este Mundo he pouca copia: & em fim, de cujas maravilhas nam ha pintura, nem retrato, me fizestes tam altamente fallarvos com o coraçam, ou assistirvos com o espirito nesse trono de Magestade, onde os Anjos vos adoram, os Seraphins em vos se abraçao, & os Cherubins em vós se admiram: onde com o Sol sem eclipse fazeis dos Ceos o dia eterno: onde sempre presente a todos, sois delles Bemaventurança, & de todo o Mundo, fermosura: onde na praya delectosa da dilatada Eternidade, aos que escapam do mar da culpa, nam só sois porto, mas abrigo, nam só refugio, mas descanso.

Em cujos campos revestidos da sempre

pre verde amenidade, não tem o Inverno
 jurifdição, nem movimento as Primave-
 ras: em cujas doces suavidades prezo o
 juizo, & o dilcurso, todo para a alma he
 melodia, & para o espirito sossego: On-
 de elevados os sentidos em hūas bellezas
 nunca vistas, em hūa harmonia incompa-
 ravel, em huns gostos sempre soberanos,
 em huns cheiros não imaginados, em
 humas glorias já mais sabidas, suavemen-
 te se arrebatam, & quietamente se suspen-
 dem.

Aqui parece, meu Senhor, que ao
 coração me estais dizendo: Homem ce-
 go, pois me não olhas: Servo infiel, pois
 me nam ferves: Ingrato filho, pois me
 fojes: Sempre mudo, pois me nam fal-
 las: Surdo sempre, pois nam me escutas:
 Se este he o centro, & o lugar, onde os lu-
 stros ham de viver, se esta a Cidade, se este
 o Reyno, onde os bons me hão de assistir,
 porque nam vives com o espirito, onde
 nam podes com os olhos? Porque nam
 vens com os suspiros, onde com a vista
 nam vodes? Se nasceste para salvarte, se
 he

he o teu fim a Vida Eterna, & se te prezas de meu filho, onde occupas o sentido? Onde perdes o dezejo? E aonde trazes o cuidado? Vãs mendigando pelo Mundo, tendo este Reyno por herança? Estimar titulos da terra, podendo ter de hum Ceo a posse? Corres aos gostos vaõs do seculo, & desprezas a Eterna Gloria? Buscas os bens da terra, & os moveis do Mundo, tendo nos Ceos o teu morgado? Nam dizem bem taes pensamentos, com quem se quer chamar meu filho.

Divinos ham de ser os cuidados, de quem me estima por seu Pay. Se pois sempre te estou chamando, como sempre me vãs fugindo? Se te estou sempre acariciando, porque me estãs sempre offendendo? Se sam minhas inspiraçoens muda doutrina de tua alma, porque com esta tua obstinaçam fazes hoje emenda da porfia, para te deteres no Mundo? Hum risco torpe ha de ser risco para não vires aos meus olhos? Hum cego engano he interdito, para não chegares aos meus braços?

Hum

Hum gosto vão, & encantamento nessas baixas profanidades? Gostosamente te embaraças. Eternamente te confundes? Tu es o altivo de cuidados? Tu quem tem nobres pensamentos! E tu o de grandes espiritos? Como pois soffres, que te arrastem essas rêmoras da pobreza? Como consentes, que te pizem essas escravidões da culpa? Como nam, se assim to digo, olhas, & nam vês, qual será a Corte de Deos, se assim te elevas na dos homês? Se na via dos peregrinos te agrada tanto a estrada do Mundo, que fará na Patria dos Anjos, & Lugar dos Bemaventurados? Se là no estado do seculo julgas taes os Palacios da culpa, no circulo da Eternidade quaes serão os premios da Glorri? Se no que dei para morada de mil reprobos, & preceitos, achas taes gostos, & deleites, no que escolhi para Palacio de meu poder, & Magestade, quaes te parece forã as suavidades, & delicias?

Como pois sendo filho meu, queres ser escravo do Demonio? Como só por servillo a elle te poens, & tomas armas
con:

contra mim? Que mal te fiz, pois te criei?
Em que te offendo, se te amo? Em que
te aggravo, se te soffro? Tam pezada he
a minha Cruz, que o mesmo Christo a
nam levasse? Tam infosfrivel o meu jugo,
que outros muitos o nam trouxessem? E
tam aspero este caminho, que muitos mil
o nam seguissem? Como has de vir ao
Ceo, se nam veio Christo sem ella? Co-
mo sem jugo a meu rebanho, se quem o
engeita, nam he meu? E como á Gloria
sem caminho, se quem o deixa, vay ao
Interno?

Pois convertete, filho meu, que se
chorando tua culpa me pedires miseri-
cordia, se doendote de aggravarme, me
buscares de coraçam, aqui com os braços
abertos acharàs a minha piedade, & aqui
com os olhos cerrados encontraràs o meu
amor.

No desprezo dos bens do Mundo e-
ràs, o que elle mais estima: no cuidado,
com que me busques, o repouso dos que
fosségam. Nos suspiros com que me chi-
mes, as suavidades dos que me gozais:

Em

Em fim, nos males o regalo, nas repugnâncias o dezejo, na castidade o teu recreio, hum thesouro, na pobreza, na resignaçam o teu gosto, & na obediencia, a liberdade.

Oh meu Senhor, & meu Criador, se tanta gloria ainda no Mundo tem hum amor, que vos abraça, & hum coraçam, q se vos postra, levantaime ao Ceo o Entendimento, unime a vòs esta vontade, & sendo nelle hoje, & só com vosco toda a minha conversaçam, só nelle busque a minha Patria, & em vòs só tenha o meu Bem todo: Com o que vendose a minha alma como estrangeira cà na terra, muy de passagem pelo Mundo use dos meynos para a vida, & muy de assento pelo amor, ponha o meu fim na nossa Gloria.

Santificado seja o teu nome.

NA minha emenda, & minha vida, & na de todos os humanos, dando-vos todas as criaturas o louvor, para que os criastes, & fazendose toda a terra ou-

no trono de Seraphins; onde estando em nos mover, onde voando sem parar, todos ajudando em vosso amor, vos digamos continuamente: *Altissimo, Santissimo, Imminētissimo, Sapiētissimo, & Bonissimo Criador, Pay, & Senhor nosso.*

Mas quem somos nós, meu Senhor; sendo huns bichinhos vós da terra, hum pouco de lodo animado, & pouco mais que hum pó unido, para que a essa Magestade, a quem se postra o Ceo, & a Terra, cuidemos, que louvamos, & santificamos? Quem sou eu, & quem sois vós, immenso Deos, & Senhor meu, para atreverme a vos louvar, se nunca sey mais que offendervos? Se os Seraphins, se os Cherubins tem por baixos, & limitados os altos Hymnos, que vos cantam, como ha de ouzar hum peccador fazer de lingua tam perversa, instrumento que vos louve, se do louvor, que se vos deve, sem pouca voz todas as criaturas, & todo o Mundo pouca lingua? Como eu, vilissima criatura, vos tomarei na minha boea, que tantas vezes vos foi profana? Mas quem,

quem, meu Deus, & meu Senhor, me ha de dar a mim voz, & lingua para louvarvos, como devo, para aggradarvos, como cuido? Que Ceo, que Mundo, que criatura pòde ser capaz instrumento, onde caibão solemnizadas vossas g'orias, & maravilhas? Se os Anjos, de vòs se admiram com hum excesso, a que eu nam posso chegar? E se estes mesmos vos estam louvando com tam superior charidade, que vence todo o meu dezejo? Do Mundo todas criaturas com huns silencios eloquentes, que eu como nescio nam alcanço, me reprehendem na minha froxidam em vossio amor? Pois q' farei, meu Criador, eu que sey, que os vossos louvores nam sam como os do Mundo? Nam fallarei, porque sou nescio? Nam amarei, porque sou tibio? Nam cuidarei, porque sou mão? Pois nam terá assim, meu Deus, que aqui debaixo das hervinhas, dos argueiros, & dos ouçoens com o coração muy postrado, com a alma, & mãos erguidas, com os olhos postos no Ceo, & com a veneraçam por terra, muy humilde, & muy ele-

elevado em vossa vista, meu Senhor, vos louvarei eternamente, de qualquer modo que eu souber. Louvarvosha a minha boca com a eloquencia dos silencios; para que onde eu fiz o dano, & a offensa, se vos dê a satisfação. Fallarvosham minhas entranhas com a eloquencia dos suspiros; para que assim vos satisfaça aquellos ays, que dei ao vento. Adorarvoshey com a vista em hum fechar de olhos continuo; pois vo los aggravei tantas vezes, por huma escaça vista de olhos. Meter voshey no coração, metendome muito por dentro, sempre que me meta com vosco, ou que queirais estar comigo. E em fim, todos os meus sentidos, meus espiritos, & potencias vos louvarão, pondese em vós; para que assim, meu Deos, emende aquelle engano, com que andava todo tam fóra de meus sentidos. E meus espiritos, & potencias vos louvarão pondese em vós; para que assim, meu Deos, renove a memoria no amarvos, & o juizo em querervos. Acabe pois esta minha vida perversa com tantos generos

de culpas: Torne, meu Criador, ao centro, donde sahio; ao principio, donde nasceo; à origem, donde emãnou. Nam mais nas violencias de hum erro tam ce-
gamente idolatrado traga as cadeas, como enfeite, & ame as vanidades, como gloria. Busquem os olhos o seu lume, & os sentidos o seu objecto; o espirito sua vida, o seu thesouro o coraçam. E pois não posso, quanto devo, ao menos, Deos, & Senhor meu, ame vos sempre, quanto posso.

E se eu mil almas possuira, se mil coraçoes tivera, td mil caminhos descobri-
ra, se mil modos imaginàra, se mil mundos comprehendèra, todos, por todos, & com todos me emprègara, & entregàra em vos servir, & juntamente me desvelà-
ra em vos amar. Mas pois, meu Deos, valho tam pouco, & tam pouco val tudo em mim, por mim vos louve o Ceo, a terra, os elementos, as criaturas, os Anjos, os Bemaventurados, & toda a Machina do Mundo; em cujas maravilhas grandes, generos, formas, fermosuras, & perfei-
çoens

çoens me estou revendo, & admirando em vossa grande, & immensa sermosura, Immensidade incomprehensivel, incomparavel Magestade, Omnipotencia soberana, inefavel Sabedoria, infinita Misericordia, & admiravel Infinidade. Mas para que eu melhor vos louve.

Venha a nós o teu Reyno.

Que sem vós virdes, meu Senhor, como poderey eu buscarvos? Sem me ensinar o vosso espirito, q̄ louvores sei eu rendervos? Sem que o vosso amor me dê azas, quem bastará para moverme? Sem que me chegue o vosso auxilio, que forças podem legurarme? Quando a minha fragilidade cahe de sy cada momento; & quando tantos inimigos cada instante me acometem, & me cercam por toda a parte. Venham pois, Rey meu, venham vossas misericordias. Permitti, que sempre a minha alma por vós suspire, por vós clame, & de vós se valha, & se socorra, com vosco se arme, & se defenda.

fenda. Pois se sem vòs não sou nada, se inda com vòsco sou tam pouco, de que impulsos mais que dos meus esperarei os meus estragos? De que Imperios mais que dos vòsco alcançarei os meus soccorros? Deb' l he a praça de huma alma, traco o presidio dos sentidos, baixo o muro da natureza, leve o conselho do juizo, cego o governo da vontade: como pois, Deos meu, & Senhor meu, sem me ajudares nos assaltos, bastarei para as defensas? Como me haverei nas batalhas, sem vos me dades as vitorias?

Nam ignoro eu, que a vontade por vòs se deve por em campo. Nam duvido eu, que o alvidiò ha de tomar por vòs armas. Nem desconheço, que devo tremolar vòscoas bandeiras. Pois sem que eu lide nos conflicts, nam me dareis vòsco o triumpho? Mas como hey eu de fiar de mim os vencimentos destes vòsco costumes, & destes riscos, se mil vezes tendo-vos por mim, eu mesmo fui o meu estrago? Venham pois desse Santo Espirito aquelles rayos soberanos, que alumiem,

& desvançam as sombras da minha cegueira: que rompam, & despedacem as nuvens de minha ignorancia: & que em fim, rasguem, & consumam as trevas de minha culpa. Acendase nas suas chamas, arda nas suas lavarèdas, purifique-se nos seus incendios, a vista, a alma, o coraçam, de quem se deseja mais puro, para que aos votos seja victima, para ser ara aos sacrificios, para ser templo à adoraçam. Pois assim venha esse vosso Reyno, & nos Imperios desta vida assim tudo vos obedeça, que sendo Cidade de Deos esta confuza Babilonia, os sentidos vos façam Corte, a alma se vos faça Paço, & o coraçam vos seja leito, com tanto gosto de servirvos, & adorarvos, por meu Rey; por meu Deos, & por meu Senhor, que só para isto estime muito, para este ministerio ser Anjo, para este amor ser Seraphim, para a essa Magestade ser trono. Vinde pois, vinde, meu Senhor: pois bem que pareça ouzadia, querer que vòs a mim venhais, porque bem sabeis, que sem vòs virdes, nam poderei verme com vosco.

Necessario he, Sol Divino, q̄ arrebatem vossos ardores este vapor da terra humilde, & que elevem vossas efficacias o pezo grave deste espirito, sempre para vós temperado. Mova o curso de vosso mobil todo o vagar destas esferas. E em fim, dezatem vossos rayos os caramèlos desta culpa; para que correndome muito de nam moverse esta frieza, me mova muito o vosso amor, para ir correndo a servir-vos:

Seja feita a tua vontade.

E De tal forte se faça em mim, q̄ vencidas as repugnancias, com que se oppoem à natureza em huma perpetua negaçam do proprio amor, & de sy mesma, em huma continua indifferença para o que for vossa vontade: Tudo o que em mim foi liberdade, pareça resignaçam: tudo o que foi contradicam, se faça em mim conformidade tam inseparavelmente me veja sempre unido a vosso gosto, tam prezo sempre, & tam atado, que sem poderem apartarme deste suave abraço
d,alma.

d'alma os poderes de todo o Mundo, a força, & arte do Demonio, nem o amor cego de mim mesmo: Firme me o põha a seus combates, como tronco, que sobre os montes resiste immovel às tormentas; & triumfe de seus assaltos como penha, que sobre as ondas se tem constante contra os mares em huma firmeza inalteravel. Em huma constancia invencivel viva tam prompto a obedecervos; tam desejoso de agradarvos, & tam destinado a servirvos, que recebendo os bens, & os males com gosto igual a todo o tempo, nesta melodia de espirito, & nesta doce consonancia de meu sentido, o coração goze daquella serenidade, com que a minha alma se suspenda, com aquella humilde elevaçam, com que meu amor se vos una. Façaie em fim vossa vontade.

Affim na terra como no Ceo.

Pois se nos Ceos, todos se amão, porque em sy vos amam a vòs; & se vos amam sobre tudo; effes, que affim mais se

mão, porque ha de condenar a terra aquil-
lo, que faz o Ceo? Porque ham de fugir
os homens de parecerse com os Anjos?
Por ventura a vossa vontade he querer, q̄
elles se condenem? Pertendeis vos mais
que salvarnos? Solicitais mais que atra-
hirnos? Sendo gloria a resignação, sendo
o gosto a conformidade, nam morrerei
por estes gostos, que ainda no seculo sam
gloria? E sendo a culpa em sy tormen-
to, matarmehey por aquelles gostos, que
sam Inferno, ainda no Mundo? Que são
sem vòs os bens da terra, se os do Ceo
sem vòs sam nada? Della que posso eu de-
zejar, que vòs com vosco me nam deis? E
delle, que posso eu querer, que vòs com-
vosco me nam entregueis? E delle que
posso eu apetecer, q̄ vos sem vòs me nam
concedais? Para alcançar a uniam, que
me faz hum, meu Deus, com vosco, que
meio ha mais efficaz, que fazer a vossa
vontade? Por isso os Ceos sam vossa Pa-
tria, porque nelles perfeitamente vos che-
gamos a obedecer? Por isso nelles os An-
jos, os Seraphins, & os Cherubins vos cõ-
tem-

templam rosto a rosto; porque nam pôdem, nam, querer mais que o que he vossa vontade. Por isso os Ceos sam o lugar, em que vos vem os Escolhidos; porque o serem là huns com vosco, lhes fez tudo Bemaventurança.

Fazei pois, meu Criador, que nam querendo toda a terra, mais que aquillo que quero Ceo, nam fazendo menos os homens, que aquillo que fazem os Anjos, conheçam, que para serem Ceo lhe falta só a bediencia: Que para ter no Mundo a Gloria, lhe falta só a conformidade: E para Bemaventurados, lhe resta só andar unidos com o que for vossa vontade. E assim, meu Pay, & meu Senhor, nam só em mim, que fui, & sou o mais perverso dos nascidos, & o mais ingrato dos homens, se glorifique o vosso nome, & se faça vossa vontade: Porém em todas as criaturas, do mar, & da terra, & do Universo; para que havendo em todo o Mundo hum só Pastor, & hum só Rebanho, assim vos amem, & vos louvem, assim vos sirvam, & obedeçam, que a terra
pa-

298 *a Admiravel Oraçam do*
pareça Ceo, & o mesmo Ceo se ache na
terra. Mas se, Deos, & Senhor meu, nos-
sa fragilidade faz, que cançemos no cami-
nho.

O Paõ nosso de cada dia Espiritual
nos dà hoje.

DAinos a todos o sustento; nam que
sobeje para o vicio, mas que baste
para a necessidade. Os olhos de todas as
criaturas estam postos, meu Criador, nes-
sa Bondade, & Providencia, de quem es-
peram o alimento: Vossa-mam sempre li-
beral nos enche cada dia a todos, & nos
acode cada hora. Como pois de vossa
Bondade me pode faltar a Providencia,
quando espero confiado, & conheço a-
gradecido? Se das entranhas da terra tra-
zeis à mais humilde hervinhã o succo, ou
humor, de que se sustenta? Se nos penhas-
cos, & nos montes os dias aos aspides, &
às viboras, aos basiliscos, & às serpentes?
Se os lirios da terra, que nam lavram, se as
aves do Ceo, que não fiam, se os peixes do
mar,

mar, que nam semeam, não ha dia, q̄ não recebem deſſa liberal mão, o com que vivam? Se vòs às feras intrataveis, ſe vòs aos brutos mais terriveis, ou miniftrais, ou conſentis, que os elementos os ſuſtentem, como faltareis aos humanos, que a vòs recorrem como a Pay, que vos pedem como a Senhor, & que vos rogam como a ſeu Deos?

Acudi pois, meu Criador, com eſte Pam, aos que nam tem mais celeiro, que a voſſa Providencia. E daime o Paõ ceſtial de voſſa Graça, & voſſo Amor, Daime, Rey meu, & Senhor meu, que vos commungue cada hora em o Sacramento, ou em Eſpirito; porque culpas de cada hora, cada hora pedem remedio. Seja eſta a minha porção, o meu manjar, & o meu regalo; & com taes lagrimas o buſque, com tantas ancias o ſuſpire, com tanta reverencia o receba, & o coma com tanto goſto, que indofe a alma tràs vòs, ou transformandovos comigo, em vòs me enleve cada instante, com voſco me una cada hora, & por vòs morra toda a vida

E perdoanos nossas devidas.

P Erdoainos nossos peccados, ainda que o nam mereçamos; pois també, sem que o merecessemos, nos criastes, & remittes. Uzai, meu Deos misericordioso, de misericordia, com quem para a vossa Clemencia apella da vossa Iustica. Pequei, meu Pay, & meu Senhor, errei, cegueime, & offendivos: merecedor sou, meu Iesv, do mayor Interno, & castigo, que pòde darse a peccadores. Mas que podia eu esperar de mim, sendo o peor de todo o Mundo, senam dezagradarvos a vòs? Porèm que hey de esperar de vòs, sendo meu Pay, & meu Bem todo, senam que me perdoeis a mim? Pezame muito de coraçam, nam tanto pelo medo da pena, como pela maldade da culpa; & menos por perder o Ceo, que por aggravarvos, meu Pay. Cuja Bondade incomprehensivel posta na cara de meus vicios me atormenta, com a vergonha muito mais, que com os castigos. Pois vòs, meu Deos,
&

& meu Senhor, quando nam houvera mais em vòs, só por elle ereis dignissimo de atè no Inferno ser amado.

Esta, meu Deos, he a dor grande, que tenho. Esta, meu Pay, he a mayor ancia, que me atormenta pezarozo, & me despedaça arrependido. Vejome cheio de maldades, de delitos, & peccados, & todos parecem, que me atrahem aos mais profundos precipicios, fugindo da vossa presença, como se ella fora o meu dano, querendo huma falla humilde de apartar-me de vossos olhos, onde he mais leia a minha culpa. Tem-me mão o Entendimento, a quem vòs sempre dais a mão, gritando a rezão dentro nalma, que magoada le vos postra, & compungida vos procura. Porèm de quem me hey de valer, ou para onde hey de fugir? Se me escondo da vossa ira, metido no centro da terra, là encontro vossa presença? Se busco as entranhas do mar, para que me encubram de vòs, là me assombiam vossos castigos? E se occupo a região das nuvens, là olho a vossa Magestade? Se fu-
bo

bo ao ambito dos Ceos, lá vejo a vossa habitaçam? Se desço à sombra dos abismos, lá me prende a vossa Iustiça? E em fim, se corro todo o Mundo, em todoa-cho vosso Imperio?

Pois quem, Pay, & Senhor meu, buscarei eu, para ampararme? Quem, meu Rey, & meu Senhor, chamarei eu, para acudirme? Por ventura ferà ao Mundo, que tratou sempre de enganarme? Aos homens, & às criaturas, que intentam sempre confundirme? A carne, o vicio, & o Demonio, que com vosco querem descomporme? Ao mar, ao vento, ao fogo, & à terra, que dezejam soverterme? Todosolho, meu Criador, & a todos vejo contra mim, depois que esquecido de mim, & atrevendome contra vòs ouzei viver hum só momento, sem que deitado, & poltrado a vossos pès, confessasse minha culpa, & pedisse misericordia? Quem tenho eu, meu Redemptor, que acudisse nunca por mim, senam só a vossa Bondade? Quem fez já mais as minhas partes, para nam vevos contra mim, mais q' esse amor,

mor, effa piedade, que por mim fe poz em huma Cruz? Todos os feus merecimentos, que eu nunca foubere merecer, vos ponha diante dos olhos. Se olhardes às minhas maldades, como hey de olhar-vos, meu Senhor? Como chegarei eu a vós, fe vos virardes contra mim? Se me negardes o perdão, quem haverà, que possa darmos? Se me não olhardes benigno, que valerà o arrependermos? Se entrardes comigo em juizo, quem poderà justificar-me?

Se pois quereis, que eu me nam perca, fe defejais, que eu me converta, & falve, fe medida voffa misericordia parece pouco a minha culpa, nam me condemnèis, meu Senhor, perdoai-me, Pay, & Deos meu, que aqui no altar de voffa Cruz todo elcondido nellas Chagas, venho, meu Pay, a offererevos o sacrificio destas lagrimas, & os holocaustos destes fufpiros, com hum coração muy magoadado de havervos a vós offendido, com hũa alma muito dorida de havervos a vós aggravado: com huns olhos muy aggravados

304 *A admiravel Oraçam do*
dos de apartar de vòs meus olhos. Perdoame, pois, meus peccados, & a todos os mais peccadores.

Assim como nòs perdoamos aos nossos devedores.

E U perdo-o, meu Criador, a todos quantos me offendèram; & quizera, que na minha alma se achàram todas as do Mundo, para de todas fazer huma, para que tudo fora hum, & para que em tudo vos amàra. E nam sómente lhe perdooo; mas quizera, que todos elles se perdoàrão huns aos outros, as offensas que fizeram. Perdoailhe vòs, meu Senhor, porque não sabem, o que fazem. Não lhe sirva a elles de dano, o exercitar a paciencia; nem baste para os condenar, dar a outros em que merecer. E que rezam tereis, meu Deos, para nam perdoares aos peiores, se achastes rezam nas vossas misericordias, para perdoarme a mim o peor de todos? A mim, o escandalo do Mundo? A mim, veneno dos humanos? A mim, hum monstro de delitos? Cuja vida foy tão de brutos;

ros: Cujá alma foy tam de bronze: Cujó
coração foy tam de pedra, que ainda hoje
aos vossos rayos, & quasi sempre aos vos-
sos olhos he fera, que não se amança, he
metal, que nam se derrete, he penedo,
que nam se parte. Porque os deixareis,
quando vos deixão? Porque os dezem-
parareis, quando vos fogem? Porque os
castigareis, quando vos aggravão? Se me
nam aggravais amim, que quando me
buscais, vos fujo, que quando me cha-
mais, vos deixo, que quando me venceis,
vos resisto?

Que achastes vós em mim, meu
Deos? Que virtudes? Que perfeiçoens?
Que doutrinas? Que bons exemplos?
Que serviços vos tinha feito? Que amor
vos havia tido? Que lagrimas, & culpas
chorado? E emfim, que acção, que fos-
se meritoria? Que obra, que nam fosse
ingratidão? Que erro, que nam fosse de-
lito? Este foy o peor que este: & este
fou eu o peor de todos, servo inu il, &
sem proveito, filho ingrato, & com mil
culpas, homem preverso, & com mil vi-
cios;

306 *A admiravel Oraçam do*
cios; penedos, & marmore, & não seruo.
Que com rezam cuido, que sou odio dos
Anjos, & dos Santos, abominaçam dos
nalcidos, aborrecimento dos Cèos, & fastio de todo o Mundo.

Se pois, meu Pay, & meu Senhor,
fendo eu peor que isto tudo, ainda maior
que tudo foy a vossa misericordia: Co-
mo por todos os preverfos, como por to-
dos os peiores vos nam pedirei perdã?
Se as vossas entranhas, meu Deos fendo
todas misericordia, nam podem sofrerse
hum instante, que nam acudam aos ge-
midos, que huma alma dà dentro na cul-
pa? Sera possivel meu Senhor, que ve-
jais vòs huma só lagrima de hum coraçam
arrepellido, sem que venhais correndo
a ella, mais do que corre pera vos? So-
frervosha o coraçam, ver ent. e os lobos
infernais a vossa ovelhinha perdida, sem
que ao balido menos brando, sem que ao
clamor menos dorido, a nam defendais do
seu dano, & a não ponhais aos vossos hõ-
bros.

Nam viestes vòs qua ao mundo a sal-
var

var os peccadores? Pois nam os saõs, mas os enfermos necessitam da medicina. Logo, meu Pay, & meu Senhor, razam tendes de perdoar, & a tenho eu de vos pedir, pois entre o Mundo, & entre vòs me fizestes seu medianeiro. Faça já paz o Cèo, & a terra: Obedeçase à Ley da Graça, & acabese o Reyno da culpa para esse coração não ver nas campanhas do peccado tantos cadaveres do vicio, achar nos imperios da morte tanta jurisdicam nas almas, pòr nos carceres dos Infernos tantos prezoneiros do Demonio; & ver nas batalhas do Mũdo tam poucos trofeos da razam, tam poucos triumphos da Graça.

E nam nos deixeis cabir em tentação.

Porque ninguem, meu Creador, como vòs sabe as nossas forças. E se me haveis de levantar sofrendo a injuria, que vos faço, para que he deixarme cahir, vendo a minha fragilidade, & sabendo o pouco, que presto? Mas oh meu

Deos, & quantas vezes para cahir bem na razão, sendo o meu mal haver cahido, o conhecello me foy util? Como me conhecera eu, como vira hem o que sou, se sem temer o que estou sendo, me nam lembrara do que hey sido? Como ferei, qual vós quereis, ou qual ao menos me he possível, se me nam lembrar, que fui nada? Se me nam conhecer, que sou terra? E se nam vir, que ferei cinza?

Aquelles cegos precipicios, com que me puz de vós tam longe na escura região do vicio, nos remotos climas da culpa, que são senão despertadores, com que hoje me ponho à luta para nam tornar a cahir, & para nam tornar a peccar? Que são hoje, senam huns medos, que faz a razão à vontade com os destellos de seu Bem, & com os vultos de seu Mal.

Aqui parece, que as memorias nos estragos do coração pintam as Troias, & Carthagos, que tem as almas dentro em sy, quando em sy tem seus delitos. Aqui parece, que ainda fumam as ruinas da perdição a fer da vida de zenganos, & das vai-

vaidades escaimentos. Aqui parece, que ainda mostraõ aquelle engano venerado, aquella fabrica mentida do falso bem, que idolatramos, do certo mal, que em nós metemos. Sirvão para isso; meu Deus, & Creador, os avizos do mal: Sirvamme para prevenir os futuros, pois neste meu Entendimento senam acham outros avizos. Prèguem me os vicios, & os enganos, em o pouco que são de dura, & em os castigos, que tem, pois nam quiz ouvir a razão, & os dezenganos, que me dava. Ensinem-me os mesmos peccados a torpeza, que tem consigo, pois nam effutei às virtudes a graça, com que me atrahião. Arrastem-me a ver os seus fins as vaidades, & ambiçoens, pois nam bastou o exemplo alheio a meterme nalma a razão. E emfim, levemé a ver meu erro o mesmo erro, em que cahi; para que desta grande queda, a dor me sirva de lembrança, & a memoria de medicina.

Porém fazei, que em vossos braços me aperte, & una de maneira, que nunca mais, meu Redemptor, perca de vista os

vossos olhos sahindo de vossa presença; nunca mais me aparte de mim, fugindo de vossa lembrança; nem com a minha perdiçam queira comparar a vossa injuria. Se achei graça nos vossos olhos tornem-me a ver benignamente. E aceitandome hum coração, que ao vosso peito restituo, nam desprezando huma vontade, que ponho já nas vossas mãos; antes erguendo o meu espirito, seja de ambos, meu, pera vo lo offerecer, vosso, para o melhorar. Se atègora cahir em culpas; vòs podeis fazer, meu Senhor, com que hoje vos caya em graça. Se atèqui me precipitei; vòs podeis erguerme daqui. E se ainda nam estou erguido, deixame, meu Deos, humilhado. Daime humildade, meu Senhor; pois nam se segura o edificio com a pedra, que o coroa, senam com a que o sustenta. Menos mal me faz todo o Mundo, menos a Carne, & o Demonio, que esse amor proprio, que mil vezes he o meu mal, & o meu estrago. Viltase este de humildade, & amortalhele no desprezo destas chimeras fabulosas,

com

com que se doura o seu perigo: metase debaixo dos pès de todo o Mundo, & creaturas, & conheçase por peor de tudo o mão que ha neste seculo; para que debaixo dos pès nam se me erga o precipicio, & sempre diante dos olhos se lhe ponha a vossa vontade.

Mas livrainos de todo o mal. Amen.

Fazendonos, já conhecer, que não ha mais mal que offendervos, nem outro bem mais, que servirvos. Esta seja a minha ambição, a minha honra, o meu recreio; & tudo o mais, o meu desprezo, o meu odio, o meu escandalo. Huma leve venialidade, hum pensamento indifferente, & huma só palavra ociosa sejam horror dos meus sentidos, assombro do meu dezengano, & medos do meu escarmiento. Não faça a alma pouco caso disto, q̄ parece pouco, quando qualquer aggravo vosso feito por mim parece grande, & olhado em vòs parece muito.

Ande a minha alma, meu Senhor,

tam limpa na vossa presença destas manchas, & destas nodoas, viva tam puro coração sem estas sombras, & fealdades, que se namorem vossos olhos, senam da sua fermosura, ao menos da sua pureza, quando nam das tuas perfeiçoens, ao menos dos seus recatos. Sede para isto meu espelho, em cujo lume & claridade se aclare o lume dos meus olhos, & se concerte a minha vida, enfeitando as minhas acçoens com a vista do vosso exemplo, para que eu assim vos agrade.

Livraime pois, Pay, & Senhor meu, nam dos males, que sente o Mundo; isto fô, as tribulaçoens, enfermidades, & fadigas, com: que se afflige a natureza, com que às vezes gosta a Graça, porque com ellas se acrisso la: mas daquelles males do espirito, que com apparencia de bens, são precipicios da ignorancia, com q̄ perdemos a humildade, & nos desvanece a ruina, porque no primeiro perigo podemos ser como soldados, aquem fez dano daremlhe azas, pois forçandoas para voar, voão em fim para cair.

Hum

Hum sonhar que temos virtudes, hũa
mentidas humildades hipocrezia da vãa-
gloria, hum nam fugir às estimaçoens, &
hum nam entrar dentro de nós, & não co-
nhecer miudamente, que tudo o que he
bom, o que he de Deos; que tudo o que he
mão, he só nosso: hum pôr o thesouro na
estrada, para que o roube quem o vê;
hũ julgarnos muito seguros no meio das
ondas do seculo, não recear o temporal, q
de hum arzinho se occasiona; porque o
Cèo se nos mostra claro; & antes de estar
certo no porto, nam temer as Sirtes,
& os mares, nam he sômente achaque da
alma, mas he a peste das virtudes, & o sin-
toma maior do espirito: de que eu peço q
me livreis, meu Pay, meu Deos, & meu
Senhor.

Que tenho eu bom, que vosso nam
seja? Que acho eu em mim destas rique-
zas, de tantos beneficios vossos, q e este-
ja em mim, mais que em deposito, para
que vòs possais tirallo todas as vezes que
vos parecer? indigno sou, meu Creator,
de q inda assim vossos thesouros se fien
de

de quem tam mal os guardou. Porém nunca vòs permitais, que eu desconheça, o q̃ em mim ha; ou me levante com o vòsso. Vòs me destes o Entendimento, a vontade, a liberdade, a vida, a alma, & os sentidos. Que tenho eu nelles, meu Senhor, q̃ nam recebeste de vòs? Por ventura o pò, & cinza van gloriarseha do nada, que he sómente o que tem de seu? Prezar-seha hum vil bichinho daquelle nam ser, que só teve, em quanto nam quizestes que fosse? E jactar-seha o peccador da culpa que tem, no que pecca, sendo só isto o que he seu proprio.

Oh nam permitais, meu Senhor, que com tam cegas confianças se offendam vòsso beneficios! Abaixes vellas a vaidade, abata as bandeiras o engano, metase por dentro a razam; encolhase sempre a humildade, & nam se louve nunca a Graça destas traiçoens da natureza. Temavos sempre muito a vòs, quem se teme tanto de sy, & nam se ame a sy em nada, quem vos ama a vòs sobre tudo.

Fazei, meu Deos, que em tençoens boas

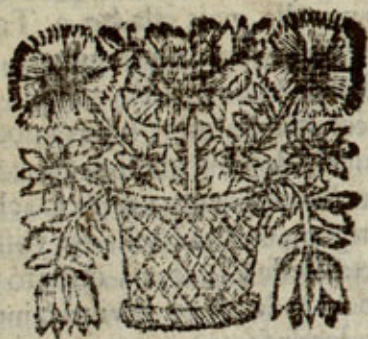
boas nam se me passe todo o tempo; pois a prova de algumas dellas pòde ensinarme no custoso, quam outro sou do que imagino. Nem vós queirais, que as suavidades, & aquelles doces sentimentos, que às vezes tem, quem vos assiste, sejam Serêas enganofas, que me elevem no meu perigo: Antes, meu Deos, me dai a Cruz com que puder; & conheça eu, que ma dais, para q a estime como joya, para que a abrace como prenda.

Venha, meu Deos, a vossa Cruz, tenha eu entrada comvosco, subindome muito por ella, pois ella he a Taboa em que me escapo dos naufragios do mar do Mundo; pois he a Escada, porque subo ao vosso celestial Palacio. E he rambê a Chave dourada do vosso melhor apozêto. Suba por ella atè o centro, onde só acho a minha origem, & abra có ella em vosso peito as portas desse Coraçam, onde só tenho o meu bem todo, & onde vivia o meu amor por todos os sempre.

E se, meu Pay, este desejo; se meu Senhor, esta humildade; se, meu Deos, esta,

316 *A admiravel Oraçam do*
esta Oraçam he conforme à vossa vontá-
de; para que sempre assim vos busque,
para que sempre assim me postre, para
que sempre isto vos peça, digão os Ceos,
& a Terra: Amen.

F I M.



nta.
que,
para
eos,



ALB. RAVENIA